

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

PATRÍCIA VILLAR BRANCO

O METAL CRISTÃO: MÚSICA, RELIGIOSIDADE E PERFORMANCE.

CURITIBA
2011

PATRICIA VILLAR BRANCO

O METAL CRISTÃO: MÚSICA, RELIGIOSIDADE E PERFORMANCE.


Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.
Orientadora: Prof^a. Dra. Selma Baptista.


CURITIBA
2011

**80ª ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA
DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO,
APRESENTADA PELA ALUNA PATRÍCIA BARBOSA
VILLAR**

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e onze, às nove horas e trinta minutos, na sala do Edifício D. Pedro I, reuniu-se a banca examinadora, designada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, composta pelos seguintes Professores Doutores: Edilene Foffaci de Lima (Presidente), Ana Luisa Fayet Salles (PPGS-UFPR) e Miguel Carid Naveira (PPGAS-UFPR), para julgamento da Dissertação intitulada "*O Metal Cristão: música, religiosidade e performance*", de **Patrícia Barbosa Villar**. Foi aberta a sessão pela presidente, professora Edilene Foffaci de Lima, apresentando ao público os demais membros, passando a palavra em seguida à mestranda, conferindo-lhe trinta minutos para exposição de seu trabalho. Concluída a exposição, passou-se à arguição. Os avaliadores fizeram suas observações e críticas no prazo de trinta minutos, na seguinte ordem: Ana Luisa Fayet Salles e Miguel Carid Naveira, tendo a mestranda igual tempo para resposta. Ao final, a presidente suspendeu a sessão para que fosse decidido o julgamento. A banca decidiu pela aprovada da mestranda, com conceito 3.

Recomendações da banca: 1. há nomes autôres citados no texto e citados na bibliografia. Adequar; 2. adequações dos verbos de modo; 3. revisar a colocação dos nomes dos autores no início do texto; 4. p. 103 - Sanchis e Cunha, adequação da referência bibliográfica; 5. referências da sexta capítulo.


Dr.ª Edilene Foffaci de Lima (Presidente)


Dr.ª Ana Luisa Fayet Salles


Dr. Miguel Carid Naveira

Catálogo na Publicação

Aline Brugnari Juvenêncio – C RB 9ª/1504

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Branco, Patricia Villar

O metal cristão: música, religiosidade e performance /
Patricia Villar Branco. – Curitiba, 2011.
134 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Selma Baptista

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de
Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do
Paraná.

1. Música e juventude. 2. Gospel (Música). 3. Música –
Aspectos religiosos. 4. Etnologia. 5. Religião e identidade.
I. Título.

CDD 781.71

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Formação original da banda Black Sabbath	10
Figura 2 - Jornal do Brasil, matéria de 1985	12
Figura 3: Flyer/ convite da “Capital Augusta – uma igreja sem paredes”	26
Figura 4 - O gospel como produto da intersecção entre juventude e cristianismo.	29
Figura 5 – Logomarca da Igreja	35
Figura 6 – Homenagem de Katia ao aniversário	36
Figura 7 – Homenagem de Katia ao aniversário	37
Figura 8 – Mapa estrutural da <i>Gólgota</i>	39
Figura 9 – Tópico onde Pipe defende o nome da Igreja	45
Figura 10 – Comunidades, Sites e Blogs	47
Figura 11 - Motoclube Golgotanos e seu símbolo numa bandeira	49
Figura 12 - Printscreen da página de entrada do site	49
Figura 13 - O Mosh durante o louvor	51
Figura 14 - O Headbanging	52
Figura 15 - Karin e Susany	55
Figura 16 - Susany, Karin, Karin, Pipe, Amanda, Lincoln, Daniel	56
Figura 17 - Momento em que Pipe se joga do palco para o público	58
Figura 18 – Quadro publicado pela Revista <i>ÉPOCA</i>	84
Figura 19 – Modelo estabelecido por Victor <i>Turner</i>	92
Figura 20 até 30 – Printscreens dos tópicos do <i>Orkut</i> a respeito do “Gospel”	105 até 115

SUMÁRIO

NICE GIRLS DON'T LIVE HEAVY METAL.....	01
INTRODUÇÃO	03
1. NICE BOYS DON'T PLAY HEAVY METAL	08
1.1 A EXPLOSÃO GOSPEL E A PERTINÊNCIA DE UM “METAL DO BEM” NA IGREJA EMERGENTE	16
2. O CAMPO	31
3. A COMUNIDADE GÓLGOTA.....	35
4. A RELIGIOSIDADE DO CULTO GOLGOTANO	55
5. RELIGIÃO E IDENTIDADE: OS GOLGOTANOS NO UNIVERSO RELIGIOSO “EMERGENTE”.....	71
5.1 AS IGREJAS EMERGENTES	78
6. A EXPERIÊNCIA GOLGOTANA E O METAL CRISTÃO: RITUAL, PERFORMANCE E MIMESIS.....	87
6.1 O CULTO GOLGOTANO COMO RITUAL	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109

AGRADECIMENTOS

Ruim pensar que, para alguns, o mestrado é apenas mais um título. Não sei dizer se o pior é sentir-se (como tantas vezes me senti) um peixe fora d'água, num curso de área distante à área de formação, ou passar por todo esse processo de forma indiferente e acostumada - como apenas mais um trabalho científico, uma estrelinha no caderno, uma pergunta respondida...

Falar de experiência de mestrado é especial para mim, tem uma carga extremamente densa. “Só sabe quem passa” é pouco; eu mesma perco a noção do que significou todo esse processo na minha vida. Hoje posso dizer que esses anos de empenho resultaram não somente na conclusão de um trabalho de pesquisa (muito prazeroso, diga-se de passagem), mas na formação (e aí sim posso chamar de “grau” ou “nível”) de uma nova pessoa.

Aqui só me cabe agradecer àqueles que me acompanharam, direta ou indiretamente, nessa fase da minha vida. À Deus, em primeiro lugar, que me ajudou a tirar proveito das dores para meu crescimento interno. Aos amigos de longe e de perto, curiosos, torcedores, entusiastas. À minha orientadora Selma Baptista, pela paciência e por todo conhecimento que me passou - um espelho pra mim, amiga e pessoa admirável. À companheira de mestrado Tatiane Barcelos Limont – grande amiga, uma ligação extra-antropologia.

À minha família número 1: Lineu, Solange, Luciano (representando Mariane, Júlia, Matheus) muito obrigada pela força, amor, compreensão, o amparo e a assistência. À família número 2: Cleonir, Rosa, Thiago, Diogo e Karina por toda preocupação, carinho e companheirismo. Em especial, agradeço ao meu marido, amor da minha vida e melhor amigo, Thiago Branco.

Agradeço também à Rochele Allgayer, que retornou ao meu ciclo próximo não por acaso, mas no momento certo, me proporcionando momentos hilários e de desabafos constantes. Agradeço também aos colegas que conheci na *Comunidade Gólgota* de Curitiba pela receptividade, pelos momentos de descontração, a solidariedade para comigo e a possibilidade de viver uma religiosidade que eu não conhecia.

Dedico este trabalho e este título à meu pai.

RESUMO

A ousadia sonora e comportamental vindas com o Rock'n Roll nos anos 50 desencadeou, uma década depois, um estilo musical considerado subversivo, carregado de discursos místicos e polêmicas envolvendo seus representantes. O Heavy Metal refletiu e acompanhou um momento de grandes mudanças sociais e tomou ainda mais força na década de 70. Os jovens adeptos eram vistos como alienados, rebeldes, drogados, alguns eram mesmo considerados “satanistas” por reproduzir determinados discursos e comportamentos criados por seus ídolos.

Para entendermos de onde vem a vertente “cristã” do estilo, é necessário nos determos num determinado ponto da história do campo religioso protestante que trouxe, para a atualidade, configurações religiosas das quais antigos conceitos, noções e comportamentos, no que refere ao viver e fazer a fé, são relativizados.

Este trabalho realiza a etnografia de uma igreja inserida nesse campo religioso contemporâneo pós-Movimento Gospel que, tendo como forte suporte a mídia e a música, mantém suas práticas evangelizadoras baseadas na “aceitação” do universo secular, o universo não-religioso, que foi por muito tempo (e ainda permanece sendo de acordo com algumas doutrinas) o universo não permitido, das coisas mundanas e profanas.

Esta etnografia privilegiou suas práticas e discursos públicos e privados (dentro e fora da igreja, inclusive no que diz respeito às suas produções midiáticas), participando da comunidade como um todo. É uma igreja conhecida por ser “underground” e abrigar um público exótico, amante do estilo Metal dentre outros que transitam neste universo da cultura musical underground jovem moderna. Pode-se dizer que boa parte do circuito nacional das bandas de Metal Cristão já passou por lá e não apenas no que diz respeito a shows e festivais, mas também aos cultos da Comunidade, que são verdadeiros *happenings* religiosos.

A proposta das “Igrejas Emergentes”, como é designada a *Comunidade Gólgota* por seu líder, oferece uma liberdade de cultuar e viver a fé que podemos entender como fruto de uma forma secularizada bastante adequada aos dias atuais. Essa liberdade na criação do “culto a Deus” é o que propicia fenômenos performáticos interessantes, como é o caso do louvor golgotano e sua junção perfeitamente equilibrada entre o “sagrado” e o “profano” – um louvor brutal e agressivo adaptado a um discurso cristão, de salvação, amor e cura pela aceitação de Jesus Cristo como “Senhor”.

Essa representação híbrida, dúbia, contraditória que acontece na união da estética “profana” do Heavy Metal e do discurso religioso “sagrado” é o que o trabalho pretende interpretar, tomando como base epistemológica a teoria da mimesis, da performance e do ritual.

Palavras-chave: religião, música e juventude

ABSTRACT

Rock 'n' roll's behavioral and sound boldness in the 50's unleashed, a decade after, a musical style that was full of polemics involving its icons, mystical speech and it was often considered subversive. Heavy metal followed and reflected a time of great social change and became even stronger in the 70's. The group of young enthusiasts was seen as a group of rebels, junkies, who were alienated, and even considered by some to be "Satanists" for reproducing specific behavior and speech created by their idols.

To better understand the Heavy Metal's "Christian" trend, it's necessary that we attain ourselves to a certain period of Protestantism history that brings to current days religious configuration of which ancient behaviors, notions and concepts regarding living and faith are made relative.

This ethnography privileged its own practices and private and public speeches (outside and inside the church including its mediatic production), by being part of the community as a whole. It is an 'underground' church, known for embracing exotic, not only Metal loving followers but also others that dwell in youth's modern underground musical culture universe. It is safe to say that the majority of the national Christian Metal bands have already been there, and regarding not only concerts and festivals, but also community meetings, which are real religious "happenings".

The "Emerging Churches", as the leader of the "Comunidade Gólgota" likes to call it; proposal is to offer a freedom of worshiping and living the faith that could be understood as a product of a secularized way that is very much adequate for nowadays. This freedom in the "worship of God" is what brings interesting performative phenomena, as the "golgotano" worship and its perfectly balanced combination of "sacred" and "profane" – in a brutal and aggressive worship adapted to a Christian speech of salvation, love and healing by accepting Jesus Christ as the "Lord".

Nice girls don't live Heavy Metal

Cresci escutando *ACDC*, *Iron Maiden*, *Sepultura*, *Metallica*, entre outras bandas mainstream do *Rock* da década de 80. Foi inevitável; a diferença de quase nove anos de idade entre eu e meu irmão me proporcionaram o conhecimento de uma música, que hoje me soa extraordinária, mas que no tempo da infância provocaram indagações. Os vinis, fitas K7 de músicas gravadas pelo rádio e HVS com vídeoclipes espalhados pelos cantos da casa onde ele costumava estar mostravam o quão envolvente era aquela sonoridade.

Eu ficava absorta com as capas. Aos nove anos de idade, repará-las não significava reconhecer aquele conteúdo imagético enquanto um código próprio de um gênero musical produzido e distribuído pela indústria fonográfica, mas sim gozar de uma sensação de descobrimento e espanto sobre um conteúdo proibido: vísceras, sangue, cadáveres, demônios, fogo, chifres, símbolos desconhecidos. Espontaneamente minha memória reproduzia aquelas imagens ao escutar aquela música ruidosa.

Minha história com o *Heavy Metal* começa aí, na virada da década de 80 para 90. Eu tinha entre sete e dez anos quando a experiência com essa música gerou em mim - ao contrário do que muitos imaginariam - certa simpatia. Não diria “interesse” porque esse nunca foi o estilo de música que consumi, mas sua presença na minha infância sempre me instigou a pensar sobre essas representações.

Quando me referi ao “conteúdo proibido”, me referi não só ao conteúdo visual e discursivo fortemente munido de mistério, morte e destruição, típicos desse universo, mas à carga mística/ religiosa que esse material contém, além das polêmicas que envolviam o meio. Provavelmente, o que eu via nas capas de filmes de terror ou até mesmo o velho estereótipo do diabo de chifres e pele vermelha estampados nos livretos infantis, foram o máximo que eu algum dia havia chegado a visualizar de um possível “lado negro da força”. No meu entendimento, aquilo que via era totalmente oposto aos meus valores cristãos. Aquela música era demoníaca, sombria; era como se aqueles demônios da capa estivessem aos berros no microfone.

Na adolescência tive a oportunidade de visitar algumas igrejas (católicas, luteranas, presbiterianas, pentecostais tradicionais e as neopentecostais mais modernas) através de um ministério de teatro de uma igreja “juvenil” da minha cidade. Esse fator foi importante por proporcionar acesso a diversos discursos religiosos a respeito de temas corriqueiros e cotidianos da vida do cristão, como sexo, juventude, drogas, santidade - onde o tema da “música secular” - ou seja, aquelas em que a crença cristã não se propaga - era sempre vista

em desacordo aos conceitos cristãos. O tal do “*Heavy Metal*” era sempre citado; os “*Metaleiros*” (bem como punks, góticos, skinheads, que para muitos sempre foram parte do mesmo grupo) eram sempre tidos como violentos e satânicos por causa de sua música.

Percebi que essa mesma visão pré-conceituosa que eu partilhava em minha infância, gerada por um choque cultural de gerações e conservadorismo próprios da época e do ambiente religioso, ou seja, a associação da música adicionada ao envolvimento oculto/místico que não se dissociavam das pessoas que a seguiam, era ainda muito comum em muitos religiosos e não religiosos. Talvez esse senso-comum e a necessidade de compreensão desses universos juvenis cada vez mais subdivididos, peculiares e ao mesmo tempo com tantas semelhanças entre eles seja o maior motivo para as diversas pesquisas que surgiram e têm surgido voltados à juventude, às famosas “tribos urbanas”.

Comigo não foi diferente: Que grupo é esse? Do que eles falam? Porque agem dessa forma? Quando percebi, já estava lendo sobre o assunto.

Em meu trabalho de iniciação científica do curso de Comunicação Social tive a primeira oportunidade de estar mais perto desses “*Metaleiros*”. Através de uma amiga, me aproximei de um grupo da cidade de Joinville (onde morei), que vivia intensamente nesse circuito que tanto me instigava. O foco do trabalho esteve na construção da identidade daquelas pessoas a partir de seus aparatos estéticos (a roupa, a tatuagem, os acessórios) e, então, acabei por me inserir um pouco mais na Antropologia através das leituras a respeito de juventude.

Após o término do curso, e, após ter tido um maior acesso à história do *Heavy Metal* e tido tanto contato com o modo de vida desses adeptos, senti que poderia me aprofundar ainda mais nessa cultura e buscar aqueles “nichos” que ainda não haviam sido iluminados dentro desse universo.

INTRODUÇÃO

De uma perspectiva sociológica, um concerto de *Heavy Metal* ideal carrega uma semelhança impressionante com as celebrações, festivais e cerimônias de caráter religioso ao redor do mundo [...] Usando a terminologia de Mircea Eliade, *shows* de *Metal* podem ser descritos como *hierofanias* nas quais alguma coisa sagrada é revelada. Eles são experienciados como “sagrado”, em contraste com o “profano” de todos os dias no mundo. (WEINSTEIN 2000 p.231/ 232, tradução minha¹)

Parece interessante lembrar alguns aspectos históricos e culturais da consolidação de um estilo musical que, peculiarmente, passou disso para uma moldura comportamental muito instigante. Interessante porque o fã do *Heavy Metal* é visto de diversas formas: o estudioso/informado, musicalmente instruído, um crítico político, ético, moral – ao mesmo tempo marginal, estranho, perigoso – às vezes tachado como um místico, revoltado e agressivo. Entre olhares de dentro e de fora parece válido encarar esses rótulos como um indicativo de que, realmente, os *headbangers* formam um público polêmico.

Neste trabalho foi possível narrar, já a partir das primeiras páginas, um pouco de uma visão particular e certa percepção que levam muitos pesquisadores a perceber o *Heavy Metal* enquanto um estilo musical/comportamental que se consolidou sob o rótulo da “maldade”. Diversos interessados - pesquisadores, leitores, entusiastas - desse fenômeno retratam, cada um ao seu modo, a forma como uma “aura nervosa” se tornou seu núcleo. Algo como uma liberdade de expressão generalizada. O que era sentido como desafogo pra alguns, era visto como ameaça para outros. O “pânico moral” inclusive virou alvo de grupos religiosos que tentavam reverter o cenário obscuro que se levantava no meio dos jovens já no início da década de 80. O documentário de *Sam Dunn* (2005)² ilustra bem o que envolveu essa inovação musical que tendia para um som “diabólico”:

Na escala do blues há o SI Bemol, o Tritão³, a chamada ‘nota do diabo’. Nos tempos antigos não era permitido usar essa nota, pois o tritão era considerado uma nota

¹ Texto original: “From a sociological perspective. The ideal heavy metal concert bears a striking resemblance to the celebrations, festivals, and ceremonies that characterize religions around the world. [...] Using the terminology of Mircea Eliade, ideal metal concerts can be described as hierophanies in which something sacred is revealed. They are experienced as sacred, in contrast to the profane, everyday world.”

² Sam Dunn é antropólogo, músico e cineasta canadense. Produziu três documentários, entre eles o que me refiro aqui: “*Metal: A Headbanger's Journey*” (de 2005).

³ José Miguel Wisnik também explica como a introdução de certas notas musicais numa escala já estável (pentatônica) provocou o surgimento de dois intervalos de *semitom* e um intervalo de três tons (o *trítom*) se

diabólica porque diziam ser esse o som que se ouve quando invocavam bestas. Essa nota possui muita sexualidade em seu tom, e a ignorância das pessoas na Idade Média ao ouvir essa nota e a sensação que isso causava em seus corpos podia ser entendido como: ‘Oh lá vem o Diabo’.

Seguindo esta tendência crítica, não importa o que dizem suas letras, pois sua sonoridade sugere essa tensão. Neste sentido, o que me propus a introduzir aqui foi justamente esse encaminhamento explicativo de um estilo musical detentor de uma carga identitária, musical/ cultural, associada à negatividade. Como já foi colocado na apresentação deste trabalho, minha primeira experiência com essa música na década de 80, quando ainda criança, foi um “choque” que se transformou numa curiosidade extra-musical. A partir do momento em que minhas referências religiosas juntaram-se àquelas do universo “metálico” criou-se uma oportunidade de “estranhamento” muito oportuna para pensar uma vertente que busca unir a esta sonoridade própria *Heavy Metal*, um discurso cristão em tom evangelizador.

Semelhantes ao “*Metal Cristão*” assistimos por aí a uma proliferação de estilos musicais com a mesma proposta, adequados a públicos “específicos”: o pagode cristão, o sertanejo cristão, o reggae, a black music, o samba, o forró. O primeiro capítulo pretende dar conta do levantamento histórico de um movimento fundamental para a compreensão destas configurações musicais religiosas. O movimento gospel, que a princípio agiu especialmente no âmbito musical protestante (mais especificamente a partir do aparecimento do pentecostalismo), partiu disso pra se tornar um movimento cultural religioso com ampla dimensão. A mudança do perfil do evangélico conservador e reacionário, rumo a uma modernização dos modos de comportamento, na estética, nos hábitos de lazer e consumo, enfim, uma quebra no paradigma do “ser cristão” foi decorrência de todo este movimento, a música “religiosa” naturalmente se acomodou a essa realidade. Sobretudo, e o mais significativo para a compreensão do fenômeno que analisei, esse movimento repercutiu no sentido de transformar a “velha” religiosidade em novas formas (no plural) – na medida em que uma lógica social de um cenário capitalista globalizado entra nesse campo religioso pentecostal e/ou neopentecostal, as formas de viver/ pensar a fé, além da forma de prestar culto à Deus, acaba criando uma variedade de ofertas e “espécies institucionais”, ou seja, com as novas formas de aproximação, evangelização e proselitismo (isso inclui os vários meios de comunicação enquanto acesso direto), com a inserção da música nos serviços evangelísticos da igreja. Neste sentido, automaticamente o público se torna segmentado. O foco analítico na

tornando na Idade Média um “problema moral e metafísico” – o “si”, proibido, passa a se tornar o “*diabolus in musica*”.

juventude é recorrente nas pesquisas antropológicas envolvendo *religiosidade*, mas creio ser esse ainda um universo cheio de novidades.

A palavra “juventudes” expressaria corretamente; justamente por essa pluralidade é que o assunto nunca termina. O pesquisador Jesús Martín Barbero, ao discorrer sobre as “igrejas eletrônicas” (1995) reforçou algo que as pesquisas tendem a reafirmar, que é a importância da música na formação de um grupo e na experiência de vida dessas pessoas.

Enquanto os adultos ainda têm medo da diversidade, e têm medo da pluralidade, a juventude está vivendo a diversidade como uma riqueza, como um bem. Esta diversidade é o que leva essa gente jovem a se agrupar em torno da música, a partir da música. Ao fazer da música um idioma, não uma simples forma de entreter-se. A música para o jovem não é um entretenimento, é uma linguagem, é um idioma, uma forma de expressar seu espanto, sua raiva, sua confusão. Essa música é capaz de dar lugar a uma multiplicidade de tribos, a uma multiplicidade de comunidades que não se restringe apenas àqueles que gostam de *rock*, e àqueles que não gostam. (BARBERO, 1995, tradução minha⁴)

Portanto, lideranças religiosas aderidas à mentalidade “gospel”, de libertação das “formas congeladas” de “fazer igreja”, ofertaram também o *Heavy Metal* como forma de oferecer o “sagrado” para um público peculiar. Esse é o caso do Pastor Pipe e da *Comunidade Gólgota*, que foi a minha “aldeia” por quase dois anos.

Esta igreja, que me acolheu de forma muito agradável, se localiza no centro da cidade de Curitiba e é conhecida pelos seus eventos *underground* – *shows* de *Metal* nas suas mais variadas modalidades.

O segundo capítulo traz a etnografia desse lugar e dessas pessoas. Através dela pretendo encaminhar o leitor à compreensão da especificidade de minha pesquisa e a peculiaridade desta igreja. De maneira breve o que introduzo ali é, principalmente, a forma como os “golgotanos” (prefiro chamar de *visitantes frequentes* para não usar a palavra “membro” da igreja) constituem, através de suas práticas cotidianas, suas formas de viver sua religiosidade, um espaço (que leva uma bandeira religiosa) de circulação de “passantes”. Para ser mais clara, a *Comunidade Gólgota* se sobressai na sua forma de “evangelização”. O *rock*

⁴ Texto original: “Mientras los adultos todavía le tenemos miedo ala diversidad, le tenemos miedo a la pluralidad, la juventud está viviendo la diversidad como una riqueza, como un bien. Esa diversidad es la que lleva a la gente joven a agruparse, por ejemplo, a agruparse en torno a la música, a partir de la música. A hacer de la música un idioma, no una simple forma de entretenerse. La música para la gente joven no es um entretenimiento, es un lenguaje, es un idioma, una forma de expresar su desconcierto, su rabia, su confusión, su búsqueda. Esa música es capaz de dar lugar a una multiplicidad de tribus, a una multiplicidad de comunidades, que no son sólo aquellos a quienes les gusta el rock, y aquellos a quienes no les gusta.”

underground (especialmente o *Metal*) é a principal (e poderosa) arma para a atração do público visado. Para além da ação musical existem outros diversos atalhos para que ocorra essa aproximação de forma não-agressiva, não-insistente em relação ao público ao qual se pretende levar a Palavra de Jesus Cristo. A *Comunidade* se organiza – já a partir de sua liderança – por um viés midiático (algo como o que Barbero chama de “igreja eletrônica”), que fornece visibilidade de dentro para fora dela, e mantém uma mediação frente aos “pretendentes” e “pretendidos” em relação àquele ambiente “religioso”. Além das aparições midiáticas – representadas por uma espécie de “agente”, que seria o pastor da igreja – pode-se dizer que o modo “indireto” de evangelização, baseado no relacionamento afetivo, é realizado mediante a prática de circulação no circuito secular do *Metal* curitibano – esse fato é essencial para a compreensão das configurações religiosas contemporâneas que “negociam” determinadas permissões ou relativizam certos conceitos para que haja uma maior mobilidade na inserção do indivíduo na fé cristã – um bom exemplo disso seria a velha postura do crente impedido de ouvir músicas que não referenciam a fé cristã. Se isso nos parece distante em termos de comportamento cristão juvenil, é fato que essa postura ainda rege muitas doutrinas pentecostais atuais.

No capítulo quatro é feita uma análise de um culto da *Comunidade Gólgota* onde pretendi demonstrar, a partir das falas do pastor – seguidas de uma explosão musical ensurdecedora e literalmente violenta – o “choque” entre o “comportamento *Heavy Metal*” (marca de “liberdade”, “não aceitação”, antítese do “careta”) e o reforço da moral tradicional das igrejas cristãs. Ora, se a “separação” sempre foi marca do cristão – aquele que abdicou dos valores do mundo para viver uma vida de santidade (um “separado” de Jesus) – essa noção de mundos distintos e opostos (o mundo e o Reino – o céu e a terra) é relativizada nas “igrejas emergentes” (assunto abordado no capítulo 5), como é o caso da *Gólgota*. O profano, as coisas mundanas e o impuro competem com diferentes sagrados onde tudo se mistura – nem o crente mundano e pecaminoso, nem o “evangélico fanático” – entre o discurso sagrado e a performance “profana”, uma indefinição interessante para pensarmos nas estratégias de inserção do *golgotano* evangelizador no meio *rockeiro* secular curitibano. Desta forma, é importante esclarecer que se trata de pensar essas duas categorias não de maneira oposta, mas contidas e relacionadas através da idéia de transitividade, de movimento. Esta junção, a “mistura” entre o discurso e a prática é que poderia nos dar o aspecto “performático” desta “cena” *golgotana*.

E “performance” é o assunto do capítulo seis. Procurei encaixar o fenômeno *golgotano* dentro dos parâmetros teóricos que Victor Turner (2005) nos oferece nas análises dos rituais e

dramas sociais dos *Ndembu*, nos anos 50, trazendo estas considerações até seus últimos trabalhos em parceria com *Richard Schechner*, nos anos 80. Considerar o momento do louvor (altamente performático) enquanto momento ritual, momento de efervescência, é indicá-lo como um sistema de comunicação onde símbolos estão sendo representados metafórica e metonimicamente no processo de representação. Se, de acordo com o que afirma Blazquez (2000), “a representação é o ato ou efeito de tornar presente”, o que está sendo presentificado nesse momento de experiência musical, corpórea, de êxtase emocional? O fenômeno se mostra exatamente como ele é: híbrido. E a resposta para esta pergunta é a mesma: o que está sendo representado é um *hibridismo* curioso baseado num processo *mimético* através do qual se “calcula o lugar olhado (e ouvido) das coisas” (Dawsey 2006). Muito se tem discutido sobre este conceito, *mimesis*, ao longo dos séculos. Neste capítulo apresento uma sinopse do conceito até os dias de hoje, buscando, com isso, retomá-lo na sua relação com a noção antropológica de *performance* e de experiência.

Luis Costa Lima (1980) aponta o produto da ação da *mimesis* como um dos modos de estabelecimento da identidade social na medida em que através desta ação se aloca o significado das coisas, da vida, dos comportamentos, enfim. Concordando com *Michael Taussig* (1993), o produto mimético nunca é exatamente igual ao original - não se trata de uma mera cópia, mas uma cópia da cópia, uma reprodução a partir de uma interpretação ininterrupta. Isso significa dizer que podemos pensar a *performance* golgotana da mesma maneira, ou seja, uma representação contínua entre o sagrado e o profano, tendo a música como a principal mediadora.

1. “Nice boys don’t play Heavy Metal”⁵

Se você não gosta de *Metal*, se você não o entende, você nunca entenderá. Você apenas não captará. É muito difícil converter alguém para o *Metal* se eles não entendem o que ele significa. (Rob Halford, Judas Priest)⁶

O termo “*Heavy Metal*” é existente na área militar e científica antes mesmo de qualquer associação sonora. Segundo o site dedicado ao gênero, “*whiplash!*”⁷, esse termo era usado quando se tratava da última geração de tanques de guerra; já sobre sua utilização científica, o mesmo site aponta o termo segundo encontrado no dicionário inglês *Oxford*:

em 1936, no livro “*Bjerrum’s Inorganic Chemistry*”, o cientista dinamarquês Niels Bjerrum trabalha, através da densidade da forma elementar do *Metal*, a definição de ‘*Heavy Metals*’. Para ele, tais metais possuiriam densidades maiores que 7g/cm³. (site Whiplash)

O termo é traduzido por “*Metal* pesado” e a primeira associação com a música teria sido em 1967 com a banda *Hapshash & The Coloured Coat*, em seu álbum intitulado “*Featuring The Human Host And The Heavy Metal Kids*”. Em 1968, a banda *Steppenwolf* usa a frase “*I like smoke and lightning, Heavy Metal thunder*” na música “*Born To Be Wild*”, um dos maiores sucessos da história do gênero. Embora não passe de rumores a respeito do estabelecimento do termo para o gênero musical, o site aponta *Mike Saunders* (crítico musical e fundador da banda *Angry Samoans*) como o precursor na utilização da expressão.

Acredito que as utilizações militares e científicas do termo, apesar de passadas, servem para pensar em como, posteriormente, a idéia de peso viria com a intensidade e densidade do volume e toda a produção sonora dessa música. Essa intensidade é o que o musicólogo americano *Robert Walser* (1993) associa a “poder”:

‘*Heavy Metal*’ denota uma variedade de discursos musicais, práticas sociais e significados culturais, todos os sistemas operacionais que giram em torno de conceitos, imagens e experiências de poder. A sonoridade e intensidade do *Heavy Metal* visivelmente empodera os fãs, que gritando e batendo a cabeça confirmam a

⁵ Frase mencionada pelo baixista da banda Azorrague, Fernando.

⁶ Site Whiplash, matéria: “Rob Halford: ‘*Metal* é para quem o compreende’”.

⁷ O site é referência nacional entre a comunidade de fãs de todos os gêneros de *rock*. Durante o ano de 2007 o site Whiplash! acumulou mais de 13 milhões de visitas e mais de 48 milhões de pageviews. (fonte: whiplash)

circulação da energia nos *shows*. *Metal* energiza o corpo, transformando o espaço e as relações sociais. (WALSER, 1993: 2, tradução minha⁸)

O peso dos timbres graves e os riffs distorcidos, junto com as guitarras elétricas amplificadas e a intensidade rítmica tornam o termo de fácil entendimento, sem necessidade de maiores informações. No entanto, apesar de auto-explicativo, se torna desafiador estabelecer uma definição desse fenômeno passadas suas quatro décadas de desenvolvimento.

Podemos identificar, de acordo com os escritos sobre o tema, que essa ousadia sonora e comportamental teve seu início já na década de 60. Os primeiros “*riffs*”⁹ distorcidos já estavam presentes no *Rock* com suas reapropriações do blues, mas isso, segundo Jeder Janotti (2004) é insuficiente para identificar a peculiaridade desse gênero: “é possível reconhecer a influência do psicodelismo não só na sonoridade, como também nas alusões a mágicos, bruxas e demônios” (p.20). *Beatles*, *Rolling Stones*, *Bob Dylan* nesse momento já movimentavam o mercado da música em diversos países – de acordo com as novas emergências musicais, *The Who* e *Pink Floyd* surgem com uma proposta sonora identificada como *Hard Rock* e, posteriormente, outros gêneros (como o *rock* progressivo e *glam rock*) vão também surgindo no desenrolar da história do *Rock*. Mas são *Jimi Hendrix* e *Led Zeppelin* (alguns consideram também a banda *Deep Purple*) os apontados como alguns pioneiros de um estilo mais agressivo que mais tarde desencadearia o “*Heavy Metal*” propriamente dito.

Embora haja controvérsias entre os fãs da música metálica, a banda inglesa “*Black Sabbath*”, com seu primeiro álbum em 1970, é reconhecida como o primeiro grupo a dar nitidez a essa diferenciação bruta do *rock* que existia até então, e do *heavy*, trazendo a psicodelia e o misticismo, começando pelo nome da banda que se traduz por “missa negra”. *Black Sabbath* nesse período traz para esse gênero temáticas obscuras, referenciando explicitamente demônios e envolvendo o ocultismo. *Ozzy Osbourne*, seu vocalista, em diversas entrevistas comenta que, enquanto existirem jovens chateados, o *Heavy Metal* existirá. E realmente o contexto social da época incitava revoltas - essa década foi marcada por profundas mudanças sociais e econômicas; novos padrões de comportamento, a ascensão da mulher e os movimentos feministas, a crescente urbanização/ industrialização, a expansão da economia mundial:

⁸ Texto original: “Heavy Metal now denotes a variety of musical discourses, social practices, and cultural meanings, all of which revolve around concepts, images, and experiences of power. The loudness and intensity of heavy metal music visibly empower fans, whose shouting and headbanging testify to the circulation of energy at concerts.”

⁹ Um Riff é uma progressão de acordes, intervalos, notas musicais, repetidas no contexto de uma música, formando a base ou acompanhamento.

Não achava legal cantar sobre paz quando eu vivia numa bosta de cidade (Birmingham), poluída e violenta, onde todo mundo ganhava mal e passava as noites enchendo a cara. Nossa música refletia nossa raiva. Depois que misturamos temas de bruxaria e satanismo, o som da banda mudou para uma coisa totalmente nova, que foi chamada de ‘*Heavy Metal*’. (Ozzy Osbourne)

(FIGURA 1: FORMAÇÃO ORIGINAL DA BANDA BLACK SABBATH)



(FONTE: Blog *Metalposts* 2010)

Junto ao *Black Sabbath*, outros iniciantes como *Iron Maiden* e *Megadeth* são também apontados e, na onda da liberdade de expressão, abre-se, anos depois, a porta para novas ousadias.

Uma resposta americana ao peso de *Black Sabbath* foi *Alice Cooper* que, munido de maquiagens e performances exóticas em palco, inspirou a utilização do uso abusivo da imagem, da teatralidade e da “atitude” como fator de marketing – o “*Glam Rock*”¹⁰ surge nesse meio.

¹⁰ Conhecido também como “*Glitter Rock*” – marcado pelo aparecimento de elementos (trajes e performances) glamourosos, celebrando a androgenia : cílios postiços, purpurinas, saltos altos, batons, lantejoulas, paetês. (as bandas *KISS* e *Twisted Sister* são exemplos)

O mercado de música brasileiro nesse momento começava a correr em ritmo parecido ao estrangeiro. Programas de TV e rádio começavam a aparecer para tocar e falar de “*Heavy Metal*”. Esse talvez tenha sido o momento dos primeiros passos do estilo no país. Os rockeiros brasileiros puderam acompanhar alguns festivais, como o *shows* do *Alice Cooper* em 1974, do *Queen* em 1981, *Van Halen* e *Kiss* em 1983 - possibilitando a repercussão do estilo e, naturalmente, o surgimento de novas gerações do *rock* pesado.

Devido ao início desse processo de transformações midiáticas, a década de 80 é o período da proliferação do *Heavy Metal* no mundo – certamente países “conquistados” pelo *Heavy Metal* posteriormente à sua “crise” de popularidade nos países onde originariamente surgiu, colaboraram para que o gênero não morresse, pois o movimento punk surgia nesse período para reagir (com seu lema “*do it yourself*”) à “seriedade” do *rock*.

Cabe aqui traçar uma breve história dessa música no Brasil a fim de entender como o cenário local – com seu atraso (no que diz respeito ao acesso às novidades musicais) em comparação aos Estados Unidos e Europa – se desmancha num cenário global nos tempos atuais.

A consolidação do *Heavy Metal* entre a juventude, devido à repercussão dos sucessos na mídia, contribuiu para que esse “choque de brutalidade” nas diversas camadas sociais fosse tratado como um desrespeito na década de 80. Essa música era vista como obscena e perigosa¹¹, os fãs como desviantes e marginais. Era cada vez mais comum presenciar adolescentes cabeludos, vestidos de preto, “batendo cabeça”¹² em *shows* e fazendo sinal de chifres com as mãos.

Em São Paulo surge a primeira loja especializada no estilo, a “*Woodstock*” - comercializando discos, camisetas, coturnos, buttons, entre outros acessórios - que, no entanto, acabou ocasionando muito mais que um simples comércio de objetos, pois a loja se tornou o centro de socialização da comunidade *Heavy Metal* no Brasil, onde muitos fãs saiam de seus Estados para visitá-la, adquirir produtos e discos, trocar informações e contatos.

Em 1982 surge a “*Stress*”, uma banda paraense identificada pelos estudiosos da música metálica como a primeira banda de *Heavy Metal* do Brasil e em 1983, a banda “*Karisma*” surge com a proposta das letras próprias cantadas em inglês. O Rio de Janeiro, que

¹¹ Sam Dunn (músico, headbanger e antropólogo estudioso do heavy *Metal*) em seu documentário “*Metal: A Headbanger's Journey*” (2005) relembra como o heavy *Metal* era tratado pelo governo da época como “pânico moral” ou ainda pelas instituições religiosas como “veículo do diabo” censurando e acusando-os de incitar suicídios através de uma possível epidemia satânica entre os adolescentes.

¹² Em inglês “headbanger”, termo a que se refere aos fãs do estilo, significa também ao movimento sincronizado das cabeças para cima e para baixo marcando o ritmo da música.

sediava a casa de *shows* underground “Caverna”, também já alavancava algumas bandas de destaque como a *Dorsal Atlântica*, *Metalmorphose* e Azul limão.

Em 1985 os rockeiros da América Latina tiveram a chance de assistir e/ou participar, em território brasileiro, o “*Rock in Rio I*”, um festival que trouxe, das treze atrações, cinco bandas internacionais de *Heavy Metal* (*AC/DC*, *Iron Maiden*, *Ozzy Osbourne*, *Scorpions* e *Whitesnake*) que foi a oportunidade de mostrar o *Heavy Metal* para o público brasileiro não-rockeiro. Inclusive, como fato curioso, o termo tão desprezado pelos *headbangers*, o “*Metaleiro*”, foi criado para se referir aos seguidores do *Heavy Metal* a partir da cobertura da Rede Globo de Televisão sobre o evento.

Mas, se por um lado, a TV Globo ‘caricaturou’ os fãs, por outro lado, o *Rock in Rio* foi fundamental na divulgação do *rock* pesado em todo o Brasil, o que contribuiu para a criação de inúmeras bandas e para um aumento considerável do público brasileiro do *Heavy Metal*. (JANOTTI, 2004, p. 38)

(FIGURA 2: JORNAL DO BRASIL, MATÉRIA DE 1985)



(FONTE: Blog Jornal do Brasil , 2010)

Essa visibilidade fez com que as gravadoras oferecessem uma abertura maior para essas bandas locais de “garagem”, e, simultaneamente, fanzines, revistas, selos e lançamentos de álbuns independentes também apareceram. Nessa ocasião nasce o movimento *underground*

– uma radicalização sonora dentro do *Metal* – no qual se reivindicava o espaço para as pequenas bandas que não estavam dispostas a reproduzir as canções “açucaradas” dos grandes sucessos das bandas de lite (light: leve) *Metal*¹³.

A sonoridade do *underground*, na definição de Janotti “é em geral complexa e técnica, reiterando as obsessões do universo metálico com o mal, a guerra e as batalhas”. Essas bandas não se preocupam com o sucesso, nem com as gravadoras bem sucedidas, preferem tocar nos “becos” da cidade, realizar suas divulgações por fanzines e pequenos selos de distribuição.

E foi assim, “de baixo”, que a banda brasileira “*Sepultura*” começou sua carreira. Começaram timidamente gravando apenas algumas demos (fitas) em estúdio (lançados pela Loja Cogumelo)¹⁴, mas um ano depois o álbum “*Morbid Visions*” foi sucesso garantido e levou a banda às paradas de sucesso. Entre aberturas de *shows* de thrash *Metal* internacionais trazidos ao Brasil, assinaturas com gravadoras internacionais, videoclipes e turnês nos Estados Unidos e Europa, a banda se tornou ícone mundial, vendendo mais de 600 mil cópias do quarto álbum “*Beneath The Remains*” (apenas no mercado internacional).

No *Rock in Rio II* o *Sepultura* estava no palco entre as bandas mais renomadas do circuito metálico, um orgulho para os fãs brasileiros. O “*Hollywood on Rock*” foi outro festival que promoveu a banda para mais de cinquenta mil *headbangers*. E então, após uma década de sucesso, o álbum “*Roots*” teria sido o último álbum da formação original da banda que, segundo a crítica, depois dele nunca mais foi a mesma:

Quem conheceu o *Sepultura* com este álbum deu de cara com uma banda inovadora, criativa, eclética e bastante diferente de tudo aquilo que era *Metal* “pesado” na época. A começar pela percussão, pelo berimbau, tambores e batidas tribais, notava-se nitidamente que a banda estava trilhando um novo caminho. (Matéria de Álvaro Paiva Menezes no site Whiplash)¹⁵

Embora o álbum realmente tenha se destacado na cena mundial pelas suas reinvenções musicais com ritmos brasileiros – contando com a participação do percussionista baiano *Carlinhos Brown* e os índios *Xavantes* - houve quem dissesse que “o *thrash/death visceral*, tão bem praticado pela banda desde os primórdios, havia sido deixado para trás” (Álvaro Paiva Menezes), e, junto à saída do vocalista *Max Cavaleira* da banda - com a substituição por *Derrick Green* e a mudança na sonoridade com influências do *punk* - deu-se à ruína.

¹³ Ou “*Metal farofa*”, para se referir às bandas de grande sucesso internacionais e seus hits de “top parade”.

¹⁴ Um dos maiores selos de *Metal* nacional que se iniciou como uma loja de discos em Belo Horizonte.

¹⁵ Álvaro Paiva Menezes é redator do site Whiplash. Frase retirada de um resenha sobre a banda *Sepultura*, 07/09/03.

Para muitos fãs, o sonho havia acabado, mas a lenda rendeu novos sucessos para o *thrash metal* que - ainda que não do mesmo nível que *Sepultura* - conseguiu levar o nome do país para o circuito internacional.

Em resumo, podemos traçar o desenvolvimento do *Metal*, conforme a socióloga Deena Weinstein (2000), da seguinte forma: sua época de surgimento entre os anos de 1969 até 1972; sua cristalização que se inicia entre 1973 e 1975; a era de ouro do *Heavy Metal* tradicional e sua completa consolidação entre 1976 e 1979, e então, de 1979 a 1983 há um crescimento do número de bandas – que resultará na fragmentação do estilo.

Para esclarecer esse movimento de fragmentação¹⁶ da segunda metade nos anos 80, bem como mostrar de que forma as temáticas sombrias se mantiveram e se reforçaram dentro desse gênero musical, cito, embora haja um entrelaçamento entre eles, alguns dos principais subgêneros nascidos com a reação do *underground*¹⁷:

O **Speed/Thrash Metal** passou a utilizar dois bumbos da bateria e a técnica do vocal gutural¹⁸. Cantando em sons praticamente inteligíveis, sarcasticamente e com rapidez, o *Thrash* surgiu com temas sombrios de horror, violência urbana, o caos e a hecatombe nuclear.

O **Power Metal ou Metal Melódico** surge com temas épicos (baseados em histórias de ficção científica, literatura fantástica) em suas composições. Utiliza notas longas, que dão sensação de poder e intensidade, o uso de sustenidos, vocais limpos e sincopes dos vocalistas em suas linhas melódicas que tornam a música peculiar.

O **Death Metal** é marcado, além da técnica do gutural, pela rapidez agressiva e o tempo lento com tonalidades melancólicas. As canções geralmente abordam questões sociais – tratando dos descréditos aos meios políticos, mortes, decadência social, entre outros temas.

O **Black Metal** é um dos mais polêmicos e censurados subgêneros do *Metal* – responsável por agregar a imagem de “anti-cristo” ao *Metal*. Mescla sonoridades do *Thrash* com temáticas satanistas, muitas vezes denegrindo/satirizando os valores judaico-cristãos e propagando o paganismo. Bandas como *Mayhem*, *Emperor* e *Burzum* foram acusadas de incendiar igrejas na Noruega e provocar suicídios entre os ouvintes e integrantes das bandas.

¹⁶ Segundo a musicóloga Cláudia Azevedo (“*Subgêneros de metal no Rio de Janeiro a partir da década de 80*” (2004): “o surgimento dos subgêneros e estilos de *metal* é um fenômeno pós-punk” o montante de bandas que surgiam eram identificadas como *New Wave of British Heavy Metal* (NWOBHM), num momento em que o *Heavy Metal* estava sendo engolido pelo Punk. (Judas Priest, Samsom e Iron Maiden são algumas bandas que nascem nesse contexto)

¹⁷ Para uma análise musicológica dos principais subgêneros do *Metal*, consultar: AZEVEDO, Cláudia. *Subgêneros de Metal no Rio de Janeiro a partir da Década de 80*.

¹⁸ Soa como urros, mas a técnica aproveita da capacidade dos tons grave da garganta humana.

É comum o uso do *corpse paint* – “pinturas cadavéricas”¹⁹ e a adoção de nomes de demônios, inclusive, embora não seja regra geral, muitas delas tendem ao envolvimento pessoal ao satanismo como religião.

O **Doom Metal** é uma vertente melancólica do *Metal*. Músicas com andamento lento, utilização de violinos e vozes femininas; juntamente com as letras, criam uma atmosfera de angústia, depressão, medo, suicídio.

Atualmente podemos contar com uma vasta variedade de subdivisões do *Metal* que vêm crescendo continuamente²⁰. Justamente por isso, esse texto tem apresentado o termo “*Metal*” (como um rótulo generalizante) ao invés de “*Heavy Metal*”. Com o movimento *underground*, inclusive no Brasil, o fortalecimento do *Metal* se deu por essas “especializações” internas no estilo. É conforme as gradações de andamento da música e da potência que as vertentes são distinguidas. Mas não é só a sonoridade que distingue uma modalidade de outra; como mostramos a pouco, as temáticas das composições se diferem. Enquanto o *Black Metal* ataca o cristianismo e o *Thrash Metal* fala sobre a impotência humana diante de novas tecnologias por exemplo, o *Doom Metal* oferece letras mais profundas e poéticas, e assim por diante. Nesse sentido podemos dizer, concordando com Weinstein, que o *Heavy Metal* é “composto de diferentes elementos, uma ‘bricolage’ de elementos culturais” (ibid. p.6) onde as dimensões sonoras, visuais e verbais contribuem para a definição do gênero.

Se, na década de 80, o mercado do *Heavy Metal* nacional era movido por apresentações internacionais esporádicas nos palcos brasileiros (com a atenção de redes televisivas nacionais) e/ou pequenas lojas especializadas no tema, hoje, embora haja (e sempre haverá) as bandas de grande sucesso, a cadeia que move a comercialização e mantém o universo metálico é basicamente o *underground* – as pequenas bandas locais que movimentam (através de reinvenções diversas a partir de um “core” sonoro específico) uma imensa cadeia midiática sem limites de tempo e espaço.

¹⁹ Leonardo Campoy explica: “o *corpsepaint* em geral se define pelo espalhamento de uma pasta branca, a mesma que os palhaços usam, pelo rosto todo e uma pasta negra delineando os olhos e, em alguns músicos, também a boca. Batom negro nos lábios [...] e tinta vermelha respingada pelo rosto, imitando sangue”. (2008: 150)

²⁰ Impossível ter o conhecimento do número de subgêneros surgidos a partir do *heavy Metal* de origem. Basta uma banda se diferenciar sonoramente que uma nova sonoridade surge com novas classificações e categorias. Os gêneros citados aqui são apenas os pioneiros e mais representativos, já que, a partir deles outros desmembramentos surgiram. Por exemplo, a partir do *Black Metal* observamos, de acordo com sites temáticos, o *Black Metal Industrial*, *Black Metal Melódico*, *Black Metal Nacional Socialista*, *Black Metal Sinfônico*.

As relações virtuais, com as trocas de arquivos de áudio pela internet, sites de vídeos, e meios de comunicação específicos colaboram para esse movimento de adequação e fragmentação, como considero o *underground*: o movimento é inverso ao do *mainstream*, pois não se toma conhecimento e se divulga este tipo de trabalho musical através de mídias populares em grandes redes midiáticas. Para falar de morte, violência e pregar valores muitas vezes contrários aos da sociedade é necessário que haja um mercado paralelo, literalmente “under ground”.

1.1 A explosão gospel e a pertinência de um “Metal do bem” na igreja “emergente”

E o *Metal* Cristão, *Christian Metal* ou *White Metal*?

A vertente musical *Metaleira* que leva um discurso religioso em seus temas esteve sempre envolvida em polêmicas pelo fato de estar simultaneamente em contato com dois públicos: o religioso e o não-religioso. Embora haja controvérsias entre os adeptos sobre existir uma separação entre estas vertentes, especificamente em função das letras religiosas da vertente cristã, devido a seu discurso, como explicarei mais adiante, é fato que a década de 80, marcada pelo desencadeamento de uma diversidade de gêneros do *Metal*, é significativa também para o campo religioso que pretendo aprofundar. Para entendermos de que forma essa música se infiltrou no cristianismo, e como influenciou certo tipo de religiosidade juvenil que vemos atualmente, creio ser interessante trazermos à análise o movimento *gospel*, que surge como responsável por uma reação de ruptura ao tradicionalismo protestante.

Através de sua tese, *Magali Cunha* (2004) realiza um levantamento a respeito das origens desse movimento e das transformações ocorridas no “mosaico” protestante brasileiro. Começando pelo termo, o “Gospel” (“Evangelho”, no inglês) teria surgido nos Estados Unidos para classificar a Música Religiosa Moderna ou Música Contemporânea de Igreja (*Contemporary Church Music /CCM*), quando, no início do século XX, nasceu entre os negros protestantes, um tipo de música específico cujas raízes se encontram nos “negro spirituals”²¹. Segundo ela

²¹ Gênero de expressão musical nascido a partir da experiência da escravidão (sec XVII e XVIII) dos africanos trazidos para a América. Dessa musicalidade específica vem a base de toda a musica negra estadunidense, como o blues ou ragtime.

Diferente dos negro spirituals, a música gospel não se inspirou tanto na clássica hinologia protestante. Com bases no movimento revival, ela era mais emocional e espontânea e teve influências das músicas “pergunta-resposta” (pregador-congregação), muito comuns nas igrejas negras. (CUNHA, 2004, p. 119)

Thomas A. Dorsey, considerado o “pai da música gospel”, filho de pastor e músico de blues, foi influenciado - a partir de um encontro da Convenção Batista Nacional - pelas canções de *Charles A. Tindley*, que já possuía suas composições desde os anos 20. *Dorsey* passou então a substituir as letras seculares pelas religiosas, mas preservar o ritmo do *jazz* e o balanço do blues. A autora conta que, no entanto, as lideranças religiosas reagiram a essa “mistura do sagrado (spirituals e hinos) e do secular (*blues e jazz*)” considerando-a como “música do demônio” e a abolindo-a.

Porém, a insistência desses músicos em levar adiante suas criações musicais religiosas e romper com o tradicionalismo eclesiástico fez com que houvesse uma disseminação do estilo resultando no aparecimento de novos compositores e sustentando um movimento que continuou ganhando força até se solidificar numa gama de artistas históricos que marcaram a época. Já em meados dos anos 30, a força da música gospel era tão significativa na cultura negra que rapidamente as gravadoras e emissoras de rádio se mostraram interessadas em lucrar com o fenômeno – e, logicamente, um senso de profissionalismo se instalou no meio, gerando conseqüências:

Interpretadas como “secularização” do gênero de música religiosa, a profissionalização e a sofisticação do gospel criaram reações, em especial, das igrejas mais conservadoras e tradicionalistas. A crítica dirigia-se, em especial, à ‘maneira opulenta com que alguns cantores viviam’. Alguns dos próprios integrantes do mundo gospel reconhecem as transformações e afirmam que esta música deixou de ser “música religiosa” e tornou-se uma força da cultura negra estadunidense. (ibid., p. 121)

O que se alegou foi que, com a “secularização” do gênero nos moldes de como se originou, o gospel havia saído do espaço das igrejas e a mídia passou a reconhecê-lo como música religiosa moderna ou Música Contemporânea de Igreja (“*Contemporary Church Music/ CCM*”) como dito, para se referir ao movimento musical de adequação dos ritmos “pop” ao conteúdo religioso.

O capítulo cinco desta dissertação traz um aprofundamento no que diz respeito às modificações histórico-culturais ocorridas no campo religioso cristão, que teriam começado

pela igreja primitiva, passando pelo catolicismo, chegando ao protestantismo com suas “ondas” históricas e o desencadeamento de uma mentalidade cristã visando novos padrões de culto e louvor, e, obviamente, novos mercados religiosos.

Aqui, chamo a atenção aos aspectos que remetem ao gospel, especificamente, enquanto movimento ligado diretamente à música. A primeira grande alteração estaria no abandono da tradicional hinologia protestante, inserida pelos missionários no século XIX, e a popularização dos “corinhos”, que consistiam em melodias e letras simples, com tom emocionalista, muito referenciados ao folclore e às canções tradicionais inglesas e norte-americanas.²² Dentro dessa nova proposta musical religiosa de identificação com setores populares da sociedade, novos instrumentos (como os de sopro e percussão, violão, teclado, acordeão, sanfona, triângulo) tocando em ritmos mais populares, eram introduzidos para a propagação da fé cristã. Essa renovação musical para-eclesiástica foi a oportunidade de abertura para uma nova tendência musical que atingiu, então, todo o campo protestante e popularizou a “música jovem religiosa”: o “*Jesus Moviment*” (“Movimento de Jesus”).

Ele eclodiu em 1967 na *Califórnia* e permaneceu alcançando a América do Norte e Europa até aproximadamente o final da década de 70. É considerado uma reação, um “avivamento” religioso com foco na juventude da contracultura²³ norte-americana e seus ideais “libertinos”, segundo os valores cristãos. A alienação e o caos derivados dos acontecimentos sociais da época possibilitaram a inserção desses religiosos no meio juvenil “desiludido”, o que propiciou que o Evangelho fosse transmitido de maneiras alternativas como grupos caseiros, pregações em locais públicos e quadras esportivas.

Devido ao preconceito de muitas instituições religiosas para com os jovens da contracultura, o caráter itinerante do movimento ganhou ainda mais força – as bandas cristãs surgem nesse contexto²⁴. Como exemplo, podemos citar as bandas nacionais “*Palavra da Vida*”, “*Vencedores por Cristo*”, “*Comunidade S-8*” e “*Grupo Elo*”, que representaram o Brasil nessa fase em que as produções e gravações ainda eram independentes e suas distribuições (bem como apresentações) restritas. Como exemplo de bandas internacionais – que se destacaram muito mais pela psicodelia e ousadia nas performances, podemos citar:

²² Durante a colonização norte-americana, os ingleses trouxeram um cancionário facilmente adaptável às necessidades da implantação das igrejas anglicanas, metodistas e batistas, e utilizaram-se do cancionário popular existente. Ver, por exemplo, as canções de Stephen Foster, adaptadas à hinologia presbiteriana.

²³ Existente desde o fim da década de 60. Foi a década da liberdade sexual, do uso de drogas, do psicodelismo, da “minissaia”, da pílula anticoncepcional – além das revoltas e protestos contra a Guerra do Vietnã que eclodia no momento.

²⁴ Se contarmos o *rock* como o que surgiu com Elvis Presley, podemos dizer que o *rock* cristão existe desde então. Esse *rock* cristão que me ateno nesse momento pós-Jesus Movement é o *rock* pesado, das guitarras distorcidas e o psicodelismo.

“Petra”, um dos maiores nomes do “rock pesado” cristão internacional atualmente; “*Resurrection Band*” que surgiu tocando hardrock e posteriormente convergiu para o *Metal*; “Jerusalém” também com o *hardrock*. Nos anos 80 temos “*Daniel Band*” do Canadá com o *rock* progressivo, “*Strypper*” vista como a banda cristã pioneira no estilo “*glam-metal*” e “*Saint*” com influências de “*Judas Priest*” (uma das primeiras a utilizar imagens sombrias apocalípticas). É importante dizer que essas aparições artísticas tiveram um importante alicerce: *Bob Beeman*, fundou seu ministério cristão “*Sanctuary - The Rock and Roll Refuge*” em 1984, e, em menos de uma década, mais de trinta e seis paróquias já estavam espalhadas pelos Estados Unidos, o que resultou no apoio à eventos musicais de grande público, muito significativo para a cena *Metal* cristã mundial.

Ou seja, se a década de 80 foi a década da cristalização do fenômeno do *Heavy Metal* mundial, com o *Christian Metal* não foi diferente, sempre buscando encontrar uma forma de mudar as temáticas e composições musicais sem modificar sua sonoridade característica.

Sob um panorama mais nacional, essa década também pode ser vista como estimulante. Em 1985 surge, no Brasil, a primeira revista especializada no tema, “*Heaven`s Metal magazine*”²⁵ (existente atualmente), e, no final da década um grande selo de gravação “*Intense Records*” é criado para atender à demanda cristã “deixada” sem atendimento pela antipatia que os selos seculares despertavam para com esses religiosos. Em 1990 surge a primeira banda de death *Metal* cristão, “*Mortification*”, que garantiu suas vendas inclusive no mercado secular – as bandas “*Living Sacrifice*” com seu *thrash/death metal* e “*Paramecium*” acompanharam “*Mortification*” no *Metal* extremo²⁶. Ainda nessa década surge uma banda classificada como a primeira banda de *black metal* cristã ou *unblack metal*, levando esse rótulo por se opor aos temas satânicos das bandas *black* seculares.

O “*Jesus Movement*” pode, portanto, ser visto como o movimento que deu origem às diversas bandas cristãs de *rock* e, devido às suas estratégias de alcance, o responsável por levar muitos jovens à adesão ao cristianismo, fato que provocou profundas transformações nesse campo religioso:

²⁵ Disponível em > <http://www.hmmag.com/heavensMetal/><

²⁶ Esse cenário das décadas iniciais do *Metal* Cristão, junto às gravadoras criadas, selos de distribuição, revistas e sites, alavancaram o estilo para além do cenário norte-americano. É evidente que, se esmiuçarmos esses cenários musicais mais profundamente, perceberemos que as bandas surgidas foram, em quantidade, além das citadas, consideradas clássicas em termos de sucesso – pois, como dito, o universo do *rock* sempre foi abastecido por um circuito interno que não é revelado pelas grandes mídias e gravadoras.

(1) igrejas tradicionais adotaram estilos mais informais nos cultos para incluir os novos convertidos e passaram a admitir até mesmo no seu staff pessoas provenientes do movimento hippie; (2) novas igrejas e denominações cristãs surgiram, adequadas ao estilo hippie mais descontraído na aparência e na forma de cultuar; (3) o uso de diferentes formas de comunicação pelos hippies cristãos, como os jornais alternativos (meio comum daquele movimento) e as artes (teatro, pintura, desenho, caricatura), com fins conversionistas; (4) o surgimento da Jesus Music [Música de Jesus], uma combinação de *rock* gospel que se tornou a base do movimento de avivamento da juventude, cuja teologia assumia bases pietistas com ênfase conversionista. (ibid., p.127)

O uso de apresentações teatrais e musicais em espaços públicos, as abordagens pessoais, os usos da guitarra e bateria (entre outros que remetem aos gêneros aos quais esses “buscados” se interessavam, - como o *rock* e a balada romântica) produziram um modo de cultuar, cantar e pregar que influenciou a juventude protestante brasileira nos movimentos para-eclesiásticos que já existiam e ainda viriam.

Como se percebe, desponta um cenário da música gospel que começou nos anos 50, abandonando uma prática musical tradicional herdada de missionários protestantes, para, com o tempo, ir tomando liberdade de alcance a determinados públicos, como é o caso da adequação ao público jovem; que, na verdade, foi uma adequação que se alastrou para além da música, pois ocorreu também um ajuste comportamental de acordo com essa nova demanda.

Se nos primórdios do protestantismo brasileiro dominava uma teologia que identificava o corpo como “templo do espírito santo”, que deveria, portanto, ser resguardado de abusos como drogas, maquiagem, tatuagem, a dança, além de ensinar que o lazer e a diversão deveriam ser evitados a fim de dedicar o tempo livre à comunhão com Deus – nessa etapa essas práticas passam a ser revistas:

pressionadas pelo fato de o lazer e a diversão ser em parte do quadro das necessidades humanas, as igrejas históricas passaram a permiti-los, no entanto com duas condições: programá-los dentro do espaço religioso, sem que os participantes pudessem misturar-se aos “impuros incrédulos” e serem por eles mal-influenciados; e nunca aos domingos, dia dedicado ao serviço a Deus. Foi assim que evangélicos passaram a ser incentivados aos programas de lazer entre eles mesmos: construíram quadras de esporte nas propriedades de algumas igrejas; adquiriu-se equipamento para jogos nas igrejas, como tênis

de mesa, xadrez e outros de reputação “sadia”; organizaram-se gincanas, excursões, confraternizações entre comunidades (ibid., p.207)

Era o começo de uma perspectiva na qual era possível “ser cristão” de uma forma diferente, como complementarei mais adiante. Os jovens entusiasmados com o Evangelho, reivindicavam uma conversão que não negasse algumas bases de seu estilo de vida. E os reflexos desse acontecimento são apontados por Cunha como o ponto de partida de uma revolução desenfreada – de novas propostas musicais, uma proliferação de bandas surgidas dentro do propósito da evangelização – que hoje faz parte da gênese do “movimento gospel”, que toma ainda mais força nos anos 90.

A Igreja *Renascer em Cristo* foi uma das grandes responsáveis por difundir o “gospel” enquanto movimento. Fundada em 1986, o casal *Estevan* e *Sonia Ernandes*, no desejo de dar continuidade às atuações religiosas frente aos jovens (cuja função já exercia em uma igreja anterior) delineararam uma forma de organização de um ministério que consistia em dar maior expressão a esse público. A igreja ganhou destaque por abrir suas portas para que bandas de *rock*, *jazz*, *reggae*, *funk*, *rap* ou pagode “pregassem” através de suas produções musicais – uma abertura ainda pouco vista até então entre as igrejas evangélicas de modo geral. O espaço da *Renascer em Cristo*, pouco tempo após o seu surgimento, com a simpatia de muitos crentes atraída, já era o palco de onde saíam grandes músicos e bandas cristãs, inclusive para o cenário internacional.

Em 1990 *Estevan*, na união com um publicitário membro da igreja, criaram a gravadora *Gospel Records* e sua primeira emissora de rádio, a “Imprensa Gospel”. Segundo o levantamento da autora:

O sucesso levou ao registro dos direitos sobre a marca “Gospel”, que se associou a outros empreendimentos de mídia da Igreja Renascer: a revista Gospel, a Editora Gospel, a TV Gospel (UHF-53), a Rede Manchete Gospel de Rádio, integrante do sistema Gospel SAT, o portal da internet IGospel, o Canal Gospel Ligaki (um sistema de atendimento telefônico 24h) e Gospel Cards. Além da mídia, a marca está também associada a uma grife de roupas, a Gospel Wear, ao curso pré-vestibular Gospel, na cidade de São Paulo, e ao cartão de crédito Gospel Card Bradesco. (ibid., p.142)

Além destas inovações, outras aconteceram de acordo com uma estratégia de expansão criada pela liderança e ancorada na música, na mídia e outros empreendimentos financeiros. O

diferencial no discurso da *Renascer em Cristo* consistia na defesa da mudança do perfil do evangélico conservador e clichê e de uma “modernização” no comportamento, na estética e, sobretudo, em sua religiosidade. De acordo com o que nos mostra o capítulo cinco, as igrejas neopentecostais se revelam como as mais inclinadas a se acomodar à sociedade moderna de consumo – o crente, então, debaixo dessa visão religiosa, não deveria mais ser criticado por ir à praia, shoppings, vestir roupas da moda ou optar por certos programas de lazer.

Novamente uma quebra de paradigma. Uma nova e constante mudança de concepção do “modo de ser cristão” e, da mesma forma, o gospel acabou por se tornar, não apenas um movimento musical como na sua origem, mas um movimento cultural religioso. Na medida em que uma lógica social de um cenário capitalista globalizado entra nesse campo religioso contemporâneo e cria um cruzamento de discursos – articulando elementos como a tecnologia, a mídia, o consumo, o entretenimento e ao mesmo tempo o discurso da tradição cristã – é possível se pensar numa resignificação de uma “vivência” que até então vinha sendo padronizada. Nessa relativização da ética protestante restritiva de costumes é possível visualizar essas ofertas de “modos de viver a fé” como incluídos no duo religião-entretenimento já que, ao oferecer, por exemplo, tipos de música, ao mesmo tempo, se oferece diferentes modos de experienciar o sagrado entre diferentes públicos, através de linguagens específicas.

Trata-se, portanto, de um fenômeno cultural, portanto sócio-histórico - a música pode ser compreendida como elemento central e mediador com o sagrado. No “mundo gospel” os cantores e artistas são vistos como mensageiros privilegiados de Deus e os produtos codificados como mediadores do sagrado. Cunha utiliza o exemplo das feiras gospel (Feira do Consumidor Cristão e a Feira Internacional do Consumidor Cristão) para ilustrar que o mercado cristão atualmente se estende para ramos diversos - como impressos (livros, revistas); alimentícios; papelaria (material escolar); CD`s Roms, instrumentos musicais; serviços como seguradoras, bancos, cartões de créditos; cosméticos ou brinquedos – sempre marcando diferenciação e levando a marca “gospel”, “cristão”, “Jesus” ou qualquer expressão religiosa que remeta ao grego ou hebraico.

Como uma espécie de exibição, esse mercado gospel buscaria, então, não apenas o lucro financeiro, mas a manutenção de um relacionamento entre os fiéis (pois na base da preferência a determinados serviços e fornecedores, opta-se por aquele que leva a identificação do “sagrado”) e mais, do fiel com Deus. *Magali Cunha* acentua o que os

autores²⁷ que estudam o fenômeno do protestantismo no Brasil apontam: que o que se tem visto é a própria religião transformada em performance, espetáculo.

Mercado de bens religiosos e midiaticização – o somatório destes elementos, estratégias e princípios – têm produzido no campo evangélico o que é denominado por alguns estudiosos “a espetacularização da fé”. Isso significa tratar a fé e a religiosidade como algo a ser exposto, apresentado, demonstrado da forma mais atraente possível, com a finalidade de se alcançar público. Toda religião tem um componente de espetáculo, de teatralidade, de performance. Os ritos e os rituais, relacionados ao encanto e ao mistério, dão à religião esse tom e esse dom. (ibid., p.212)

Numa “sociedade do espetáculo”²⁸ tudo se transforma em evento midiático e se espalha por toda a parte - na política, na propaganda, na economia, na tecnologia e não apenas nos palcos ou arenas, ou seja, na esfera do extraordinário. Se no protestantismo tradicional o peso era dado ao discurso, ao intelecto, à razão dos sermões, - a supervalorização da emoção na experiência religiosa pentecostal ganha força no campo religioso contemporâneo e, ainda que nessa fase não se descartasse o peso da palavra, o que passou a sobressair foi o místico e a experiência corpórea, física, sensível, com o sagrado. E a música é, sem dúvida, um acesso a esse tipo de experiência.

Tendo delineado o movimento gospel considerando a música o elemento cultural central das articulações identitárias das várias denominações (igrejas) que surgiram no decorrer da história, gostaria de chamar a atenção para o fato de ela própria ser um meio de experiência. A autora citada levanta uma série de autores que reforçam a idéia de que a música tem o poder de mobilizar, sensibilizar, embriagar e “atuar sobre” uma comunidade reunida. Não apenas vista como expressão, mas produtora de sentimentos, ela:

buscava evocar emoções coletivas, atuar como estímulo ao trabalho, ao gozo sexual e à guerra. Ela servia para colocar as pessoas em um estado diferente e não para simplesmente refletir os fenômenos do mundo exterior. Eram sons organizados para produzir efeitos sobre as pessoas, produzir emoções coletivas, “igualar emocionalmente as pessoas” por um certo período de tempo. “De todas as artes, a música é a que dispõe de maior capacidade de nublar a inteligência, de embriagar, de criar uma obediência cega e, naturalmente, de provocar ânsias de morrer. (ibid., p. 146)

²⁷ Como Leila Amaral, Ricardo Mariano, Leonildo Campos, entre outros.

²⁸ Cf. Debord, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

Os estudos que têm abordado a juventude pelo viés da fragmentação e diversidade característicos dos grandes centros urbanos, reafirmam que essas “tribos”²⁹, como geralmente são chamadas, de fato, na sua grande parte possuem vínculos de natureza musical.

José Machado Pais (2004), diz que ouvir ou produzir música ocupa uma posição central nessas sociabilidades juvenis. Ela é vivida/ experimentada/ acionada coletivamente como fonte de significado e estruturadora de identidades. O que se percebe é que, mesmo com os grupos que levam em sua raiz outras práticas - sejam elas esportivas e/ou artísticas (como o *surf*, *skateboard*, o *graffiti* ou “*break*”) – um determinado estilo musical acompanha e compartilha toda a carga simbólica da cultura, os mesmos valores, discurso e linguagem – é o caso do reggae, hardcore, do rap e hip hop consecutivamente. A música acaba por se tornar representante do grupo e fator de identificação.

Reconhecendo a importância desse elemento dentro das culturas juvenis contemporâneas, algumas lideranças religiosas “saíram na frente” na criação de ministérios alternativos. Já na metade da década de 70 o pastor *Cássio Colombo* cria a igreja “*Cristo Salva*”³⁰ para pregar para hippies e drogados e, naturalmente, o uso do *rock* dentro das igrejas se inicia dessa forma. Na década de 80, surge uma ação carioca chamado “*Rockeiros de Cristo*” representado pela banda “*Rebanhão*”, levando a expressão “*Christian Rock*” ao reconhecimento - *Márcia Regina da Costa* (2004) conta que

a particularidade desse gênero reside em suas letras que, em geral, enfatizam a fé e a busca da salvação, o perdão e a afirmação de valores espirituais importantes para a vida cotidiana. (COSTA, 2004, p.52)

No final desta década, o avanço midiático da Igreja *Renascer em Cristo* fez com que um notável ministério se formasse internamente - o “*Christian Metal Force*” liderado por *Cláudio Tibério*³¹ se destacou não apenas pelas atividades envolvendo drogados e a música

²⁹ A noção de “tribo urbana” começou a ser utilizada em 1985 por Michel Maffesoli. Seria supostamente um uso metafórico do termo “tribo” para remeter aos agrupamentos formados na sociedade pós-moderna - um “neotribalismo”. Em 1992 surge José Guilherme Magnani (1992) problematizando o uso ambíguo dessa categoria pela mídia e trabalhos científicos - o termo associado analogicamente à etnologia, sugere ele, deveria ser pensado como metáfora e não categoria. De qualquer forma, as “tribos” das quais me refiro são os agrupamentos juvenis muito comuns nos centros urbanos: a “turma” do pagode, do rap, do heavy *Metal*, da música eletrônica, do sertanejo, forró, entre outros.

³⁰ Igreja onde o casal criador da *Renascer em Cristo* freqüentou, conforme página 15.

³¹ Cláudio Tibério talvez seja um dos nomes mais importantes responsáveis pelo desenvolvimento do *Metal* Cristão (e todas as outras vertentes do *rock* underground) no meio religioso brasileiro, promovendo congressos, festivais, criação de fanzines e *shows* com bandas de reconhecimento internacional.

rock, como já começava a aparecer nas igrejas, mas foi além - aproveitando o impulso da fama do *Heavy Metal* na América e Europa, o CMF abriu o espaço da *Renascer* para outras juventudes que ainda estavam soltas e distantes da fé, como punks, heavys e carecas, os adeptos do estilo mais pesado e agressivo do *rock*. Ali, as luzes se apagavam e as guitarras arranhavam como ainda não se tinha visto dentro de uma igreja evangélica brasileira. Não é necessário dizer que esta “abertura” atraiu críticas, principalmente, dos religiosos mais tradicionalistas, que alegavam a malignidade dessa música junto às performances grotescas.

Em fins dos anos 90, outra igreja se destaca na combinação do *rock/ Metal* + fé: A *Comunidade Zadoque* (atualmente denominada *Crash Church Underground Ministry*). Esta, por sua vez, por se tratar de uma dissidência da *Renascer*, com a contribuição de Tibério, teve também sua expansão para outras cidades. Nessa mesma década ainda surgiram novas propostas *ministeriais*, como “*Sanctuary Church*” em Minas Gerais (que posteriormente passou a se chamar “*Caverna do Adulão*”, “*Refúgio do Rock*” (ligado à *Igreja Quadrangular*) e, certamente, inspiradas por esses exemplos outras igrejas foram surgindo, inclusive, com foco de atuação em outras juventudes: como o caso da *Igreja Bola de Neve* (com o público do surf, esportes radicais e do reggae); a Igreja dos Homossexuais (ICM ou “Igreja Cidade de Refúgio”) (com ênfase no combate à homofobia); a *SexChurch* (voltada para trabalhos de sexualidade, combatendo a pedofilia, a prostituição, e apoiando vítimas de abuso sexual); ou ainda outros “casos de sucesso” como o da igreja (“Capital Augusta - uma comunidade sem paredes”) que funciona dentro de uma balada na Rua Augusta em São Paulo (“Clube Outs”), os movimentos que pretendem levar a Palavra através da cultura hip hop (com o rap, o *graffiti* e a dança “*break*”), entre outros que vêm surgindo e que, pela diversidade, perde-se a possibilidade do mapeamento.

(FIGURA 3: FLYER/ CONVITE DA “CAPITAL AUGUSTA – UMA IGREJA SEM PAREDES”)



(FONTE: Site <http://capitalaugusta.com/>)

O que acontece é que a juventude, segundo estudos, tem se voltado para certo tipo de religiosidade que não permite mais as restrições e os velhos costumes tradicionais. De acordo com *Fátima Tavares e Marcelo Camurça* (2006), somente a partir dos anos 90 é que a literatura sobre juventude têm conseguido enxergá-la de acordo com sua pluralidade – não mais numa abordagem macro, mas micro, com contextos sociais recortados - e têm se debruçado mais sistematicamente sobre as dimensões da experiência juvenil, como lazer, consumo, sexualidade e crenças.

No levantamento da autora sobre a literatura que trata de religiosidade juvenil, se constata a ênfase nas questões culturais híbridas (“religiosidades difusas”) e sincretismos religiosos (alternâncias, mudanças, combinações), bem como casos de dispensa de mediações institucionais em prol de uma auto-liderança religiosa (negação à pertença de uma religião-igreja). Isso nos leva a entender que a criação de um ministério voltado para essas pessoas deve levar em conta essas posturas e preferências.

Se, de acordo com o que diz Pais – que “a designação ‘tribo juvenil’ é usada para traduzir sociabilidades juvenis que pautam vivências consideradas desestruturadas, contestatárias, subversivas” (ibid., p. 13) – certamente, para que as próprias igrejas não se tornem o alvo desta contestação, vêem a necessidade de se adequar a este tipo de pensamento: sincrético, de liberdade de ação/ culto/ estética e com desprendimento de lideranças religiosas

opressivas. O discurso do acolhimento deve vir acompanhado de tudo isso, assim como a própria noção de conversão, de acordo com os padrões protestantes antigos, deve também ser relativizada. A idéia de que o fiel tem a obrigação de abandonar velhos hábitos e pensamentos não vinculados a um modo de vida religioso, nas propostas ministeriais modernas, não existe mais. Ao que parece, a oferta é de uma conversão “negociada” – de acordo com que descreve *Costa* (ibid) sobre as igrejas neopentecostais com foco na juventude³², “negociar” a conversão significava, já desde a década de 90, formular uma estratégia de cooptação:

O apoio de alguns pastores evangélicos aos carecas, aos punks e a outras culturas juvenis refletiu na busca desses grupos religiosos em fazer com que jovens, como no caso dos carecas [e os outros grupos referentes como punks, heavys, rappers e outros], passassem a frequentar suas igrejas. Um dos atrativos é que, desde que aceitasse ‘Jesus’ e passassem a frequentar as igrejas, eles poderiam continuar a ‘ser como antes’. O que significava poder usar as roupas, cabelos e adereços tradicionais, ouvir e participar de *shows* e encontros musicais e culturais, de forma pacífica, entre outras possibilidades. O importante, segundo os pastores, era que abdicassem da violência, rixas e atitudes intolerantes. (COSTA 2004.,p.49)

O discurso comum é o discurso da aceitação daquele jovem “marginalizado”, do combate às igrejas que pregam o puritanismo radical, da diplomacia na coexistência pacífica à diversidade evangélica e talvez o mais interessante para a análise: o argumento que defende a não satanização do *rock*. Como explica *Airton Luiz Jungblut* (2007), ainda que houvesse uma liberação dos usos e costumes restritivos tradicionais, o *rock*, entre o rebanho evangélico da década de 90, ainda era visto como “algo difícil de ser digerido por muitos crentes que o associam a uma mundanidade impossível de ser domesticada para fins evangélicos”. *Cunha*, a respeito dessa mistura entre os elementos sagrados e profanos na cultura religiosa de mercado, reflete que “não parece ser uma rendição ao mundo, ou deixar que o mundo entre na igreja, mas um processo de sacralização de elementos profanos” (ibid), ou ainda podemos pensar em uma dessacralização da própria religiosidade que pretendem seguir.

Flávia Pinto (2009) em sua etnografia desenvolvida na *Crash Church Undergrounds Ministry* descreve a forma como o secular e o religioso se fundem na experiência religiosa e nas atividades da igreja. Citando a banda do pastor *Batista*, (“*Antidemon*”), ela explica o trânsito que realizam entre a cena *underground* secular e a cristã – indo até o secular e

³² Seu estudo foca nos “carecas de cristo” – um subgrupo derivado dos movimentos skinheads de São Paulo.

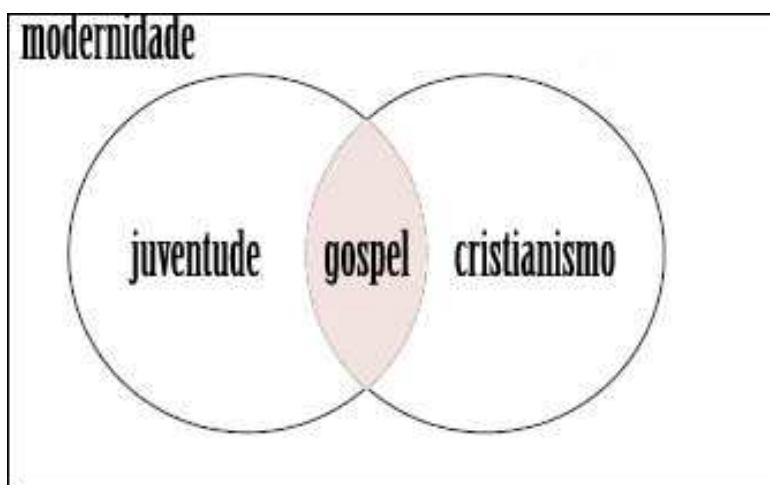
trazendo esse público não-religioso pra dentro da igreja. Segundo ela, o resultado dessa mistura é quase imperceptível - ambos se tornam praticamente idênticos dentro daquele espaço religioso. No momento de clímax do *show*, se comportam, “dançam”, gesticulam e cantam da mesma forma:

há um continuum na aparência, na corporalidade e nos modos de falar ou se comportar. As bandas começam a tocar, os jovens todos dançam chacoalhando os longos cabelos e mosheando. Quando uma banda de white *Metal* começa a tocar, entre uma música e outra vão iniciando uma conversa sobre Deus e suas crenças, para o público. Conforme as músicas vão sendo tocadas, o discurso vai ficando mais persuasivo e direto, e é aqui que começam a se diferenciar os públicos. (PINTO, 2009, p.176)

Esses fragmentos etnográficos refletem a realidade das igrejas que se propõem a atrair um nicho, que no meu caso é o público do *rock* pesado/ *Heavy Metal*, mas que poderia ser exemplificado com as especificidades de igrejas de outras “tribos urbanas” – como o caso da *Igreja Bola de Neve* que utiliza, em uma de suas igrejas, uma prancha de surf no lugar do púlpito, por exemplo. Ou ainda o caso da “música negra gospel” que articula ou “inverte”, como diz *Márcia Leitão Pinheiro* (2009), componentes da cultura afro-brasileira (muito combatida em grande parte das igrejas protestantes) no discurso pentecostal evangelístico.

Trata-se, portanto, de adaptações estruturais, musicais, comportamentais, mas não apenas isso – são religiosidades adaptadas. Esses *shows* e eventos que soam como “contraditórios” sustentam esse tipo de religiosidade que não rejeita o profano/ mundano/ secular, mas aceita-o e ressignifica-o. Secular e religioso, sagrado e profano, fora da igreja e dentro da igreja, convertido ou “perdido”..... “relativização” parecer ser a palavra exata pra caracterizar esses ministérios. Podemos considerar, de acordo com as experiências religiosas citadas aqui, que o gospel parece ter sido um subconjunto gerado pela fusão entre outros dois elementos: juventude e cristianismo – inseridos numa moldura “macro” considerada a modernidade. A imagem ilustra:

(FIGURA 4: O GOSPEL COMO PRODUTO DA INTERSECÇÃO ENTRE JUVENTUDE E CRISTIANISMO)



O que pretendo discutir nesse trabalho é a construção da identidade religiosa de uma igreja que se insere nesse campo religioso contemporâneo de conceitos e noções relativizadas, tendo como forte suporte a mídia e a música. A hipótese que me proponho esclarecer – e que acredito ser uma especificidade, seria: pensar esse grupo enquanto inserido numa idéia de comunidade “aberta”, de “circulação” e “comunicabilidade” lideradas por uma espécie de “pastor-agente”, como pode ser considerado seu líder. Não apenas aquele modelo de “pastor” que se limita a pregar a palavra de Deus nos “palcos”, mas, também um produtor cultural que agencia bandas e promove, cria o espaço religioso/musical. Dessa forma, não apenas sua identidade é criada e mantida como também seus anseios evangelísticos são alcançados.

Quando analisamos a história desta música e nos deparamos com dados como os que acabei de expor aqui e que sugerem tratar-se de uma espécie de circuito dentro de outro circuito, ou seja, um circuito cristão caminhando ao “derredor” de um não-cristão, tendemos a ver esses dois universos como incomunicáveis. A idéia de que há uma separação entre o público cristão e não-cristão dentro do *Metal* deve ser vista com mais atenção. O que acontece, desde a década de 70, é que tanto o discurso sagrado quanto o profano do *Heavy Metal* sempre estiveram se permeando – e essa fronteira sempre foi muito significativa para os cristãos, na medida em que estão referidos tanto ao sagrado quanto ao profano: um não pode existir sem o outro. Embora haja sim uma fronteira discursiva que torna os dois universos de certa forma opostos, vemos que ela se dissolve em certos momentos; afinal, foi através da “semelhança” estética dos “white” que se deu a consolidação do estilo. Quero

chamar a atenção para a importância dessa fronteira porosa entre o “sagrado” e o “profano” que existe, cria significados e joga com aproximações e distanciamentos necessários para que um *Metal* cristão seja considerado quase tão profano quanto o secular, mas também, tão cristão a ponto de se considerar inserido numa seita cristã.

2. O campo

Decidi ingressar ao mestrado com uma proposta de pesquisa dentro do universo do *Heavy Metal*, que, inclusive, já havia sido pesquisado em meu trabalho de iniciação científica da graduação. Pela sua abrangência, era necessário um recorte no objeto de pesquisa, que foi feito considerando a familiaridade no campo e a escassez de trabalhos etnográficos no Brasil³³. O *Metal Cristão* - inserido desde sempre em uma polêmica de “ser ou não ser” considerada uma vertente do *Metal* - foi escolhido de acordo com o acompanhamento de minha orientadora durante minha trajetória do curso.

Em busca de dados sobre essa cena em Curitiba, encontrei na internet informações sobre uma igreja “*Heavy Metal*”.

O trabalho de campo foi desenvolvido em duas etapas: uma exploratória, onde pude me informar de forma geral sobre movimentos religiosos e musicais juvenis e, mais objetivamente, sobre a “*Comunidade Gólgota*” através da internet (com seus blogs, perfis em redes sociais e sites). Num segundo momento foi aplicada a técnica da observação/participante e, com as idas às reuniões do grupo, cultos e eventos evangelísticos obtive um número de informações e dados suficientes para compreender, levantar questões e problematizar um fenômeno que, embora seja expresso musicalmente, reflete uma realidade contemporânea no que diz respeito às identidades religiosas. Interessante como o trabalho de campo mostra ao antropólogo uma realidade diferente daquela esperada através das leituras prévias. Se o senso comum costuma rotular o “crente” como um “afastado” da sociedade, olhando de perto vemos que esse “crente” de hoje está imerso num mundo de regras de comportamento cada vez mais relativizadas – sua produção musical mostra o mesmo: esse “afastamento” tão característico da produção “gospel” se dissolve em alguns gêneros musicais.

A princípio, estava nítido que meu interesse estava focado nas ressignificações, re-apropriações dos/nos aparatos visuais/ performáticos/ discursivos do gênero no campo religioso e a produção de um choque interno na cultura *Heavy Metal*. Aos poucos o campo foi revelando que havia muito mais sob esta superfície. Assim como *Malinowski* mostrou acerca da “lógica funcionalista” que operava sob o *KULA* - ou seja, de que não se tratava simplesmente de uma troca de dois objetos aleatoriamente, que esse sistema refletia uma

³³ “A salvação pelo *Rock*: sobre a ‘cena underground’ dos jovens evangélicos no Brasil” de Airton Luiz Jngblut, “Os Carecas de Cristo e as Tribos Urbanas do Underground Evangélico” de Maria Regina da Costa e “Radicalmente Santos: o *rock’n roll* e o underground na produção da pertença religiosa entre jovens” de Flávia Slompo Pinto, são alguns dos trabalhos que abordam a temática da juventude, música e religião.

organização social completa e complexa entre os trobriandeses - da mesma forma o trabalho de campo logo me deu a noção de que a articulação de um determinado estilo musical num contexto religioso não era só um reflexo do modo de vida específico de um determinado segmento juvenil convertido ao cristianismo, mas de uma articulação interna e externa à instituição – já que não podemos considerar comunidade nenhuma na contemporaneidade como isolada, mas sim repleta de conexões e referências culturais em níveis globais. Mesmo reconhecendo que, de fato, há ressignificações dentro do contexto musical e performático do grupo, o “problema” estava além disso, enraizado em estruturas não visíveis nem audíveis.

Como eu já havia “dado as caras” (virtualmente) na comunidade do *Orkut* “Comunidade Gólgota”, isso ocasionou com que algumas pessoas me reconhecessem em minha primeira ida à campo. Pipe, o pastor da igreja, foi o primeiro a me cumprimentar, muito gentil e atencioso. O fato de eu ter me apresentado como pesquisadora desde o início não intimidou os “golgotanos”, pelo contrário, muitos se disponibilizaram para colaborar no que fosse necessário. Foi um ótimo começo.

Para uma pessoa que passou muitos anos de sua adolescência frequentando igrejas evangélicas, compartilhar os momentos de louvor, culto e *shows* não foi difícil, mas, sem dúvida exigiu um esforço maior no aspecto metodológico do “estranhamento”. Era necessário evitar que eu reduzisse o “todo” do comportamento desses “nativos” de acordo com apenas algumas seqüências rituais. Com a observação das conversas e discussões nos tópicos do *Orkut* pude perceber que, apesar da fama de “*Metaleiros*” (e o senso comum de que essas pessoas são sérias e fechadas), seus discursos eram familiares para mim, especialmente na questão do proselitismo religioso, do discurso religioso protestante ou pentecostal, melhor dizendo. No entanto, não posso dizer que não houve um estranhamento, e esse se deu de uma maneira bem peculiar: um mistura entre o re-conhecimento e estranhamento.

Meu primeiro dia de visita me deixou um tanto quanto abismada.

Eu sabia que naquela igreja eu encontraria rockeiros, e que os rockeiros se vestem de preto, tem tatuagens, *piercings*, possuem os cabelos compridos, enfim, que eram estranhos àquele ambiente. Mas não foi este “estar fora do lugar” que me seduziu. Foi perceber que, embora muito do que vi e ouvi estivesse trazendo aquela sensação da infância novamente, como o discurso da conversão, da cura, da salvação em Jesus, na superfície, no plano do comportamento coletivo nunca havia presenciado performances tão brutais e de certa forma “agressivas” dentro de um ambiente religioso - pessoas gritando e se debatendo violentamente ao som de uma música “santa”.

Esse choque de forma nenhuma produziu em mim qualquer sentimento de repulsa ou antipatia – pelo contrário, me seduziu de forma a esperar dia após dia ansiosamente pelos domingos. Posso dizer que minha experiência de campo foi repleta de fases de aproximação e distanciamento quase que incontroláveis. Eu me sentia em casa e ao mesmo tempo um peixe fora d'água. Eu entendia o que era proposto, reconhecia o sistema da igreja de acordo com o que eu já havia “aprendido” em minha vivência pentecostal (a divisão nos diversos ministérios e como cada um deles agia dentro da organização), mas aquele visual e aquelas músicas eram tão avessas ao que geralmente via em igrejas evangélicas, que passou a ser um desafio entender como estes aspectos estariam ligados e “funcionavam”: algo tão “carnal”, “corporal” (a música, as expressões corporais) com algo tão “espiritual” (o discurso cristão).

Certamente esta percepção teria que encontrar, ao longo do trabalho, outro nível de articulação, mediado pelo olhar antropológico. Esse movimento de conhecimento/reconhecimento e estranhamento não se deu por minha familiaridade com o discurso cristão ou com a música e os visuais exóticos dos *headbangers*, mas da junção das duas coisas. Meu estranhamento veio justamente desse casamento, tido por mim e por muitos, como impossível.

A *Comunidade Gólgota* é uma igreja voltada para aquele jovem que não consegue - pelo preconceito e/ou pela falta de identificação - se encaixar socialmente e religiosamente em uma igreja com valores mais conservadores. Quando digo “voltada” quero dizer que ela não é “passiva”, no sentido de estar lá “à espera” dos jovens “desajustados”, ou que foi criada para atender a este tipo de jovem. A ação de criação/recepção/conversão é uma ação completa e complexa – um verdadeiro investimento. Aí se encontra o objetivo fundamental desta pesquisa: compreender como estas ações³⁴ estão correlacionadas através do processo mimético de re-criação do sentido religioso no profano, e do profano no religioso.

Falar de “rockeiros” significa falar daqueles que gostam do *rock*, e considerando que o *Metal*, o *hardcore*, *Metalcore*, *punk* ou o *Emo* são derivados dele, pode-se dizer que o público da *Gólgota* é o jovem *underground*³⁵, de todas as “tribos urbanas” de acordo com seu líder.

A pesquisa empírica durou cerca de dezessete meses, iniciando-se em novembro de 2009 com visitas semanais. Algumas conversas informais foram realizadas com o pastor da igreja, alguns líderes de bandas e pessoas de frequência mais assídua do grupo. A mídia foi

³⁴ Ações sumariamente evangelísticas – a criação de um ambiente, pode-se chamar de “neutro” – com a cara de secular, mas com conteúdo religioso. Além disso, organizada pelo agenciamento de Pipe, uma espécie de representação da igreja nos meios de comunicação.

³⁵ O carro chefe da igreja é o *Metal* e a maioria do público é *headbanger*, mas, segundo o próprio discurso do pastor (talvez temendo o “isolamento” preconceituoso) todos os tipos de “tribos urbanas” são aceitas igualmente, e, encontram lá uma linguagem de fácil entendimento/ identificação e eventos musicais dentro de seu estilo.

um forte colaborador em minha pesquisa. A *Gólgota* está constantemente sendo procurada e sendo foco de interesse daqueles que pretendem informar ao mundo algo novo – uma nova igreja, uma nova forma de cultuar a Deus. Na TV, no rádio e na internet estão espalhadas reportagens e matérias sobre os golgotanos, que conseqüentemente me alimentaram de informações. Até mesmo por essa ocorrência de câmeras e microfones (coberturas audiovisuais da imprensa) entre os membros do grupo, houve fácil aceitação de minhas gravações nos louvores e das fotografias, sem qualquer impedimento. Na realidade, este é o modo de divulgação mais coerente com sua natureza “espetacular”.

Curitiba não é uma mera escolha. É a cidade natal de muitas bandas clássicas do extremo *Metal* nacional e representa nacionalmente o *rock* nos seus mais diversos estilos. Escolhi o mestrado na cidade justamente porque, trabalhando com o *Heavy Metal*, esta situação certamente me sustentaria com dados.

A cena do *Metal* cristão não ficou por baixo, a cidade conta com bandas³⁶ reconhecidas nesse circuito, que - numa clara alusão ao proselitismo cristão – levam (do seu jeito peculiar) suas “palavras” por todos os cantos onde são chamados.

No entanto, uma caracterização mais clara desta “cena cristã”, como dito anteriormente, torna-se complicada quando olhada mais de perto. Enquanto algumas bandas se autodenominam “cristãs”, se diferenciando discursivamente das seculares, outras, mesmo estando presentes nos eventos evangélicos não possuem em seus perfis virtuais (*myspace*, *site*, *Orkut*) qualquer indicação de que se trata de letras inspiradas em um modo de vida “convertido” ao cristianismo, ou, que realizam este proselitismo religioso.

Como veremos, ser cristão para o golgotano (como se autodenominam) não é sair falando de Jesus Cristo imoderadamente. Para eles pouco importa ter a palavra “Jesus” em suas letras. O que conta é a “atitude do cristão” aonde quer que ele vá. Nesse sentido, senti que deveria me aprofundar no que diz respeito às “atitudes” cristãs, pois, além de ser uma categoria nativa, em si mesmo nada diz de específico. Atitudes dentro e fora do ambiente religioso, por exemplo, seria um bom parâmetro para começar a pensar nesta compreensão das “atitudes”. Observar as práticas dentro e fora da igreja nos ajuda a sistematizar estes comportamentos e delimitar possíveis “fronteiras”. Seria uma maneira de entender até que ponto os golgotanos as diferenciam, ou não, e quando, e como.

³⁶ Listo aqui algumas bandas que levantam a bandeira da evangelização: *Hawthorn*, *Azorrague*, *Desertor*, *Metápolis*, *Seven Angels*, *Efrata*, *Krig*, *Never Die*, *Empiros*.

3. A Comunidade Gólgota

(FIGURA 5: LOGOMARCA DA IGREJA)



Tudo começou com um pequeno grupo de amigos que se encontravam para confraternizar e orar, nas casas dos participantes, sem o objetivo de tornar-se uma igreja. Mas então, em 1997, Pipe foi convidado pela liderança da Comunidade Zadoque³⁷ a se tornar líder de uma filial da Comunidade em Curitiba. Essa união durou cerca de três anos devido às divergências teológicas e eclesiológicas, de acordo com o que o pastor Pipe nunca explicou, embora tenha sido perguntado.

No dia 1 de junho de 2010 a *Comunidade Gólgota* completou dez anos e Karin (esposa de Pipe) postou um texto na comunidade do *Orkut* em homenagem ao aniversário. Esse texto mostra um pouco como tudo começou:

³⁷ Conforme citado anteriormente, a Comunidade Zadoque (existente desde 2006) é substituída pelo nome “*Crash Church Underground Ministry*” que é liderada pelo Pastor Antonio Carlos Batista e sua esposa Juliana Batista – ele vocalista e ela baterista da *banda Antidemon*.

(FIGURA 6: HOEMANGEM DE KATIA AO ANIVERSÁRIO)

[página inicial](#) | [perfil](#) | [página de scraps](#) | [amigos](#) | [comunidades](#) | [teste o novo orkut](#) | [patrici...](#) | [sair](#) |

Parabéns Gólgota! 10 Anos de história!

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Religiões e Crenças](#) > [COMUNIDADE GÓLGOTA](#) > [Fórum](#): > [Parabéns Gólgota! 10 Anos de história!](#)
 mostrando 1-5 de 5



Parabéns Gólgota! 10 Anos de história!

Hoje em específico está fazendo 10 anos que pegamos a chave do primeiro local e iniciamos a nossa história de desafios dentro do chamado de Deus para as nossas vidas. Começamos com uma cadeirinha velha, um violão velho e um único banco de madeira cujo risco de cair era algo mais do que certo. O local era muito pequeno e mal tínhamos para o aluguel. Não havia cadeiras e nem equipamentos. Literalmente estávamos começando do zero. Além disso, não tínhamos a menor ideia do que era ser uma igreja com a proposta que tínhamos em mente. Era uma quebra de paradigmas não somente para os de fora, mas inclusive para todos nós.

Pois bem, pintamos a igreja de preto, fizemos um palquinho de compensado, ganhamos uma bateria velha, emprestamos equipamento dos músicos e fizemos uma vaquinha para comprar uma 1/2 dúzia de cadeiras. E foi assim que tudo começou. Para comprar uma lâmpada tínhamos que fazer uma vaquinha. E o Senhor ia acrescentando aqueles que Ele chamava.

Foram anos intensos. Sinto saudades das intercessões no fundo do terreno, do círculo de imortais, das vigílias lotadas, dos mutirões para limpar a igreja e dos shows sempre lotados. Cultos então, nem se fala. Minha casa sempre lotada de gente nos sete dias da semana. As bandas que vinham de fora dormiam nas casas e a comunhão era intensa. Havia um ambiente de amor, cuidado, zelo e servidão em extremo.

Foi assim que começamos e em resposta a isto, a Gólgota é hoje o que é: Uma igreja relevante levando a mensagem do Evangelho para as gerações perdidas. O alcance da influência que temos sido neste mundo só aquiEle que sabe de todas as coisas pode medir e dizer. Mas dentro daquilo que a Sua graça nos permitiu saber (para a Glória do nome dEle), temos sido marcados pelos testemunhos de vidas transformadas. É impossível descrevermos isso em palavras. Quem sabe (um dia na eternidade) possamos sentar diante do Livro da Vida e lermos nossas histórias e chorarmos de alegria por tudo o que o nosso Deus fez em nossas vidas.



Em fim, estamos aqui após dez anos. Sobreviventes de um chamado onde muitos ficaram pelo caminho. Eu glorifico ao nosso Deus mesmo por aqueles que se foram e deixaram de alguma forma a marca de sua vida em nossas vidas. Eu glorifico ao nosso Deus por todos os que perseveraram nEle. Glorifico ao nosso Deus por aqueles que foram se achegando, somando, servindo, e tornando a Gólgota um lugar de graça, amor, esperança. fã e vida.




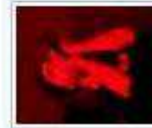


COMUNIDADE GÓLGOTA
(1.797 membros)

[fórum](#) | [enquetes](#) | [eventos](#) | [membros](#) | [ver perfil](#)

(FONTE: Printscreen retirada da Comunidade da “Comunidade Gólgota” no Orkut)

(FIGURA 7: HOEMANGEM DE KATIA AO ANIVERSÁRIO – continuação)

 <p>Ka 1 jun</p> <p><i>Em fim, estamos aqui após dez anos. Sobreviventes de um chamado onde muitos ficaram pelo caminho. Eu glorifico ao nosso Deus mesmo por aqueles que se foram e deixaram de alguma forma a marca de sua vida em nossas vidas. Eu glorifico ao nosso Deus por todos os que perseveraram nEle. Glorifico ao nosso Deus por aqueles que foram se achegando, somando, servindo, e tornando a Gólgota um lugar de graça, amor, esperança, fé e vida.</i></p> <p><i>"Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; Para que nenhuma carne se glorie perante ele. Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; Para que, como está escrito: Aquele que se gloria glorie-se no Senhor" (1 Coríntios 1:27-31)</i></p> <p><i>Parabéns Gólgota pelos seus dez anos de história!</i></p> <p><i>Pipe, seu servo.</i></p>	 <p>Ka 1 jun</p> <p>http://golgotacuritiba.blogspot.com/2011/06/blog-post.html</p>	 <p>Ka 1 jun</p> <p>Para quem quiser, deixe aqui seu testemunho ou sua experiência, em relação a como Deus usou esse ministério para de alguma forma abençoar a sua vida, e abençoe a vida de todos nós.</p>	 <p>Williamzinho 3 jun</p> <p>Parabéns !!!!!</p> <p>Deus poderia ter operado na minha vida de várias formas durante todos esses anos em que estou caminhando com ele mas fico muito feliz que tenha sido nessa igreja ! Amo esse Deus revelado em Jesus Cristo, amo esse lugar, amo essas pessoas e não existe outro lugar melhor pra passar o resto da minha vida antes da eternidade ! Obrigado a</p>
--	--	---	---

Em 2001, a *Comunidade Gólgota* foi então fundada no mesmo local onde se encontra atualmente. A *Avenida Visconde de Guarapuava*, onde se encontra a igreja, apresenta um grande fluxo de veículos e pessoas por se tratar de uma área comercial. Não existe placa identificando-a - apenas um portão preto estreito na calçada, que dá acesso a um corredor também estreito, simples, com pouco acabamento onde geralmente os frequentadores estacionam as motos ou bicicletas. No final desse corredor há outra entrada, dessa vez com acesso ao galpão da igreja.

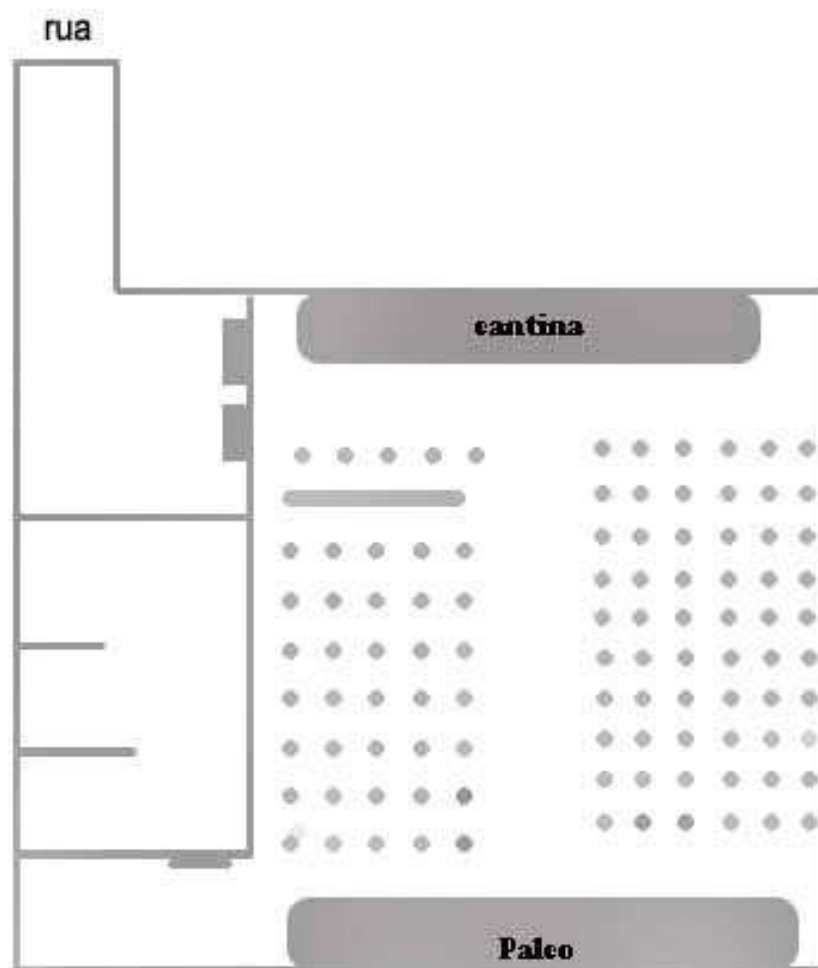
Entrando por essa segunda porta à frente, do lado esquerdo, dois banheiros (feminino e masculino), e logo em seguida uma pequena sala de reuniões dividida em três ambientes – ali se encontram uma estante com livros, um computador, mesas, cadeiras, acessórios infantis, capas e outros materiais referentes aos instrumentos musicais.

Do lado de fora desse ambiente mais privativo, é onde acontecem todas as outras atividades da igreja. Em uma extremidade, uma cantina – com guloseimas no balcão, uma estufa para salgados, um bebedouro, um display de *flyers*³⁸, uma geladeira, um microondas e uma pequena pia. Na outra extremidade, o palco com cortinas e os devidos instrumentos musicais usados pela banda do louvor e uma tela para projeções. Um layout muito parecido com os bares noturnos, só que ali não se vende bebida alcoólica.

No meio, o espaço onde circulam as pessoas, onde ficam as cadeiras enfileiradas (cerca de duzentas) e uma pequena mesa de som. No teto, um projetor, lâmpadas vermelhas e alguns focos de luzes coloridas direcionadas ao palco. As paredes são todas pintadas de preto (inclusive o corredor externo) com adesivos de “proibido fumar” e alguns cartazes informativos de eventos - uma espécie de mural, ou agenda.

³⁸ Folhetos impressos informativos.

(FIGURA 8: MAPA ESTRUTURAL DA IGREJA)



A estrutura é relativamente simples, sem muitas decorações, pinturas ou acabamentos; o chão é de cimento; o teto mostra as telhas. Existe a necessidade de se ampliar ou mudar de local – inclusive há atualmente negociações nesse sentido – devido ao fato de que o espaço disponível hoje é insuficiente para manter todos os frequentadores sentados. No entanto, essa estrutura “precária”, “obscura”, não é só um reflexo da condição financeira não tão abundante, nem falta de investimento no galpão. Trata-se de uma “estética” específica e característica do universo *underground*. Afinal, foi sempre nos meandros do espaço urbano, nas margens da cidade que o *Heavy Metal* sempre se materializou em formas ordinárias; no preto, no escuro, na garagem, no beco. Uma Igreja para estas pessoas não poderia fugir totalmente destes moldes.

O público freqüentador é bem variado. Em trabalho de campo, estabelecer essa média etária foi uma etapa dificultosa, mas curiosa ao mesmo tempo – afinal, como poderia descrever o público da *Gólgota* como “jovem” se o que se vê é uma circulação constante de pessoas de todas as idades? É evidente que, se analisarmos o público fã do *rock underground* de uma forma geral, dentro de uma amostra populacional, ele se enquadrará em uma faixa de idade bem aproximada à faixa etária correspondente à “jovem” pelo IBGE (entre 15 e 24 anos), mas quando se trata de um contexto religioso – onde existe esta musicalidade dentro de uma igreja que é aberta ao público - essa estatística se desvia. Observando o fluxo de pessoas dos cultos, especialmente, se percebe uma circulação de idades variadas. Observei casos díspares quase que semanalmente: (1) de curiosos da rua que passavam, escutavam barulho e entravam pra entender do que se tratava; (2) muitos pais (e avós) que vêm até a igreja para saber “que igreja é essa?” que seu filho tem se envolvido; (3) pessoas que vieram até o local porque algum dia leram ou viram alguma matéria jornalística a respeito (ou simplesmente de “ouvir falar” numa roda de amigos); (4) aqueles que visitaram domingos porque se interessaram pelas bandas que viram se apresentar ali em dias de *show*. Além destas ocasiões podemos citar a visita freqüente de teólogos, pastores, estudantes das mais diversas áreas ou ainda membros de outras igrejas que chegam até o local para conhecer – e sucede que, para todos esses casos, o resultado mais comum é uma espécie de visita com freqüência muito aleatória. Como disse certa vez um visitante: “A gente vem aqui porque é sempre diferente das nossas igrejas. Lá também tem música, mas não aos domingos, assim.... parecendo um *show*!”.

Na realidade, é esta característica de “*show*” da *Comunidade Gólgota*, com público de “espetáculo” - que entra e sai da igreja para assistir a “alguma coisa” (que pode ser a música, o culto ou as duas coisas) - o que demanda outra classificação no quadro das instituições religiosas; distante das tradicionais que possuem uma clara hierarquia entre presbíteros e diáconos, pastores e bispo, um caderno de visitas (com o telefone ou qualquer outro contato do visitante), ou ainda um “livro de membros” onde se dispõe de todos os integrantes efetivos da igreja, um “livro dos dizimistas” com os valores de cada arrecadação, ou qualquer documento que estabeleça esse controle de quem, definitivamente, fica na igreja enquanto membro permanente da casa. Chamo a atenção para esse “descontrole” proposital que a liderança da *Gólgota* visa aplicar: não mais a “velha” atitude de ligar para aquela pessoa que um dia veio até a igreja e não apareceu novamente, a fim de buscá-la - mas que parece ter essa compreensão de que se trata de um espaço de circulação, de trânsito de pessoas. Isso não quer dizer que não haja membros com presença freqüente, mesmo porque existem os ministérios

onde os “cargos” operam, mas mesmo estes golgotanos não têm a obrigação da permanência semanal, podem visitar ou dizimar em outras igrejas, inclusive porque esta atitude de “circular entre igrejas” também atrai visitantes para eles mesmos.

Na pregação do dia 19 de junho de 2011, Pipe expressa a forma como compreende a ligação do fiel em relação ao vínculo efetivo com uma igreja: “pare de ser dependente de púlpito! Tudo que eu aprendi foi no meu secreto com Deus... não veio de púlpito”.

Diante dessa relativização do valor da pregação, do vínculo formal com a igreja e da rotatividade do público, torna-se praticamente impossível a aferição do grau de engajamento do fiel golgotano, afinal, ele pode estar ali por vários motivos – visitando a igreja do colega, assistindo ao “*show*” do louvor dominical, matando a curiosidade do que ouviu na televisão, ou mesmo porque busca ouvir a Palavra de Deus com uma nova roupagem. Isso implica, inclusive, em conceber a categoria “conversão” como moldável, além de imensurável. Essa é a realidade das igrejas ditas “alternativas”/ “juvenis”/ “emergentes”, que oferecem uma conversão adequada àquela que o jovem requer para poder transitar entre o secular e o religioso, como é o caso do headbanger cristão e/ou do *underground* cristão.

Há ainda um fator fundamental, no caso da *Gólgota*, que opera como *mediador* nas relações visitante-igreja. É o papel desempenhado pelo pastor Pipe em entrevistas de canais televisivos ou emissoras de rádios (acompanhado de sua banda “Desertor”, ou a banda que toca no louvor da igreja (“*Power Praise*”) ou qualquer outra pessoa válida para representar aquele assunto naquele momento), bem como entrevistas virtuais ou veiculadas nos meios impressos, promovem uma inserção midiática que também resulta/ provoca o surgimento desse tipo de público - caracterizando aquele galpão da Avenida Visconde de Guarapuava como um espaço de circulação que é atravessado por bandas e/ou público de uma forma geral. As bandas trazem seus fãs para aquele espaço. Esses visitantes podem ou não aderir à igreja, visitar duas/ três vezes e nunca mais aparecer – mas vão e chamam outras pessoas, formando um ciclo contínuo de renovação. Na explicação do pastor, este seria o ciclo fundamental para que haja a transmissão do Evangelho da forma como buscam transmitir - os de dentro saem e retornam; os de fora vêm e trazem os novos.

A igreja sai de seu espaço físico³⁹ e vai até onde as pessoas estão através dos meios de comunicação – conforme *Jesús Martin Barbero* (1995), quando fala sobre as “igrejas eletrônicas”. Ele afirma que esse suporte midiático favorece não somente o alcance de pessoas

³⁹ Portanto podemos pensar a idéia de comunidade como “aberta” – a *Gólgota* como uma comunidade “inclusiva” e “difusora” simultaneamente.

para a fé cristã, mas principalmente a mediação da experiência religiosa. Ao contrário do que se tende a pensar, de acordo com o conceito trabalhado pelo autor, igreja eletrônica não remete somente à igreja detentora dos canais televisivos ou emissoras de rádio, mas sim aquelas, como a *Gólgota*, que utilizam os meios de comunicação (internet, TV, rádio, impressos de forma geral) para “expandir o culto, acrescentar, dar continuidade, intensificar a própria experiência religiosa” (ibid) – na medida em que são disponibilizados vídeos musicais, pregações do pastor em arquivos de áudio, textos reflexivos além de todas as discussões teológicas dispostas nas redes sociais virtuais servindo como um “empurrão a mais” na proximidade com Deus.

Pensando sobre a inserção midiática juntamente com a influência que a liderança golgotana exerce dentro do grupo, faz-se necessário problematizar a escolha desta “voz” da liderança como recorte na pesquisa. Quem é *Volmir Bastos* (Pipe) e como podemos compreender sua atuação dentro da Comunidade?

Pipe, certa vez, em entrevista de rádio⁴⁰ definiu o público da *Gólgota* como contendo pessoas das mais variadas “tribos urbanas”: “rockeiros, *Metaleiros*, punks e outras coisas esquisitas da sociedade. É uma igreja cheia de tatuados, cheia de pessoas com *piercings* por todos os lados... mas pessoas caretas também são bem vindas”.

Como líder, Pipe não está distante desse perfil e o desenvolvimento (e a história) dessa instituição está diretamente ligada à sua trajetória.

Pipe tem hoje 38 anos; pelo que se pode observar é um pastor querido e admirado por todos os golgotanos e não golgotanos, inclusive. Tem bom senso de humor, é um leitor/estudioso de assuntos diversos, casado com a *Karin* (pastora da igreja) e tem um filho. Nasceu em Foz do Iguaçu, num lar cristão protestante tradicional. Passou grande parte da sua adolescência de forma a negar qualquer envolvimento religioso, pertencendo ao movimento punk, acatando toda a filosofia, estética e comportamento típicos dessa cultura. Aos dezoito anos, em 1990, a partir de uma experiência espiritual, essa realidade mudou:

Eu fui punk durante cinco anos. Quando eu me converti, me converti numa Igreja Presbiteriana do Brasil, tradicionalíssima. Não podia bater palma na igreja, não tinha guitarra... Então, de repente, entra naquela igreja um punk, com moicano, brinco e tal... Eu só permaneci no Reino porque eu tive um encontro genuíno e pessoal com

⁴⁰ Tema: “Tatuagem é coisa de crente?”. Disponível no site da Comunidade Gólgota <<http://golgotacuritiba.blogspot.com/search/label/Golgota%20na%20M%C3%ADdia>>

Cristo. Se eu não tivesse tido um encontro pessoal com Cristo eu não teria permanecido diante do preconceito que eu enfrentei na minha conversão. (Pipe, culto agosto 2010)

Pode-se dizer que “preconceito” é um termo sempre presente nos discursos daqueles que sofreram e sofrem discriminação da sociedade pela sua vestimenta, seus adornos, seu comportamento, seus gostos musicais e certamente se constitui numa justificativa plausível para o surgimento de igrejas com o perfil da *Comunidade Gólgota* – igrejas de “resgate” de jovens, como afirmam seus fundadores.

Em entrevista ao programa “*Palanque do Povo*”⁴¹ (agosto de 2010), Pipe define a *Gólgota* como uma:

[...] ‘**igreja emergente**’. Surge de uma necessidade emergencial para com as gerações que estão aí - de uma necessidade de alcançar o jovem roqueiro em Curitiba que não se encaixa nessa proposta tradicional de igreja que a gente tem caminhando pela história.

Segundo suas palavras, a *Comunidade Gólgota* é aberta ao jovem *underground* que enfrenta a carência de uma vida espiritual ativa, um local sagrado para congregar e necessita de um amparo a seu problema, seja ele afetivo, emocional, sentimental, familiar, profissional, financeiro, espiritual ou de saúde. A solução estaria num Deus que deu seu filho para morrer por eles na cruz.

Pipe caracteriza a igreja como sendo totalmente ortodoxa nas questões teológicas. O diferencial estaria justamente na sua linguagem cultural, que ele entende como aquela da pregação mais acessível e menos tradicional. No programa “*Destaque*”⁴² (SBT - junho 2010), ele disse que

Em questões culturais (de ‘eclesiologia’ que é o termo que se usa quando você vai trazer uma forma de culto), biblicamente falando, não existe um absoluto relacionado à forma como o culto deve ser prestado.

⁴¹ Disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=UvJ7THthB_o&feature=player_embedded>

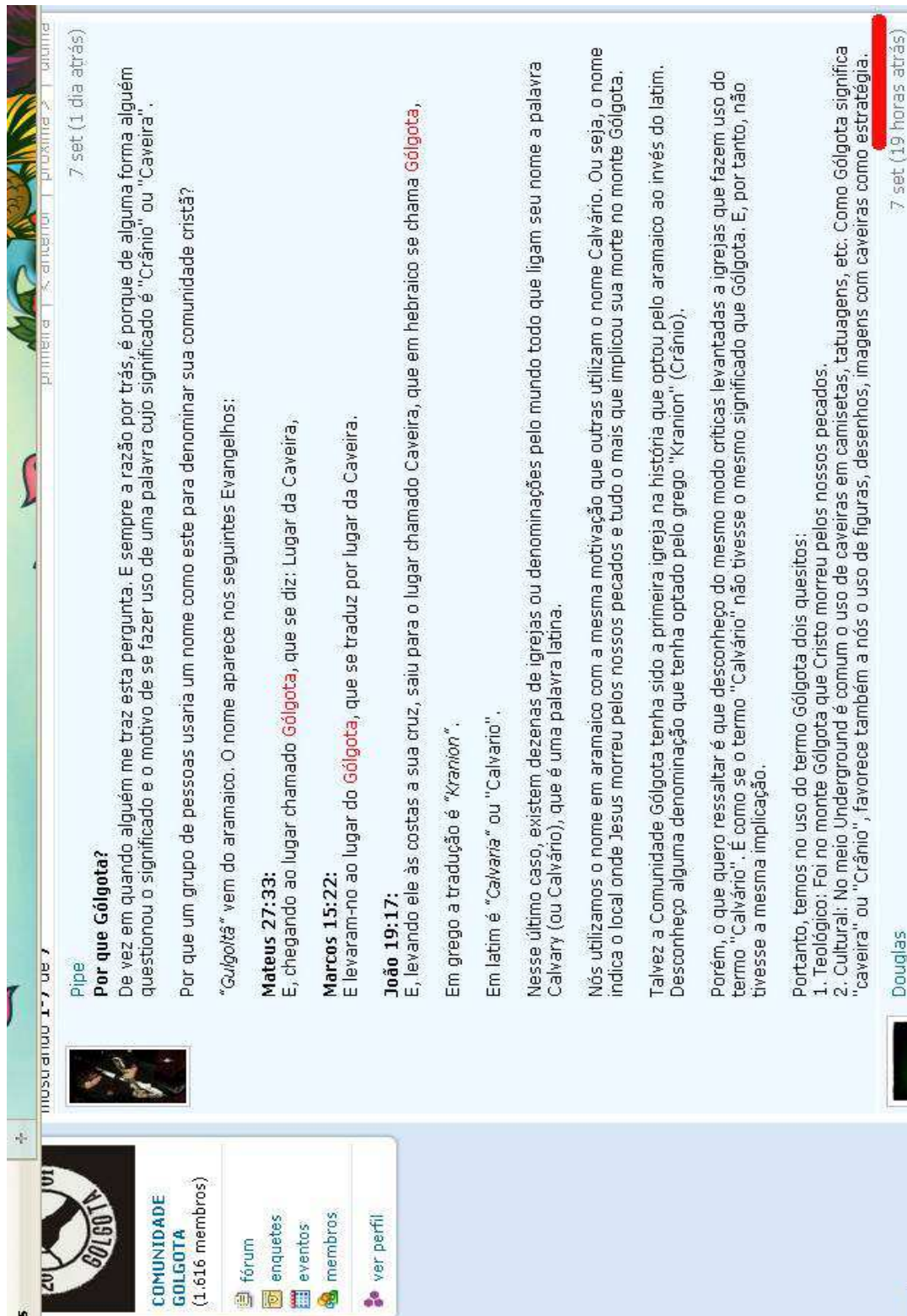
⁴² A entrevista está disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=eeuKOiyD81k>

E essa forma mais “descolada de entender o divino”, como ele diz, tem dado frutos. Pipe diz que o que os ajuda a “caminhar e continuar em frente” é ver a transformação e a conversão de muitos jovens que chegam à igreja com uma família desestruturada ou arruinada. No momento em que esse jovem entra em contato com uma nova forma de se comunicar e prestar um culto a Deus, sem perder seu estilo pessoal, há uma transformação de caráter. O envolvimento com a música (sua criação, o consumo, o investimento) está diretamente ligado a essa comunicação (entre eles e deles para com Deus) e a sensação de pertencimento ao meio – pois o que se argumenta é que o *Metal* pode sim ser um estilo musical para se adorar a Deus. O fato de ser algo tão peculiar, ou ainda, algo tão barrado no meio cristão, os torna uma irmandade – é como se todos se unissem ainda mais para mostrar que é possível louvar a Deus num estilo “estrondoso”.

O que nos aponta para uma questão maior é que não se trata apenas de uma forma própria desse tipo de juventude viver e se expressar. Sobre essas questões eclesiológicas, como ensina o pastor em entrevista, podemos dizer que trazer uma forma de culto diferenciada - seja pela sua linguagem, pela música, pelo cenário ou por todos os fatores juntos - significa pensar em termos estratégicos:

A gente tá falando de uma estratégia né? Então quando você vai num culto, da *Gólgota* principalmente, todo o formato do culto é voltado para um público alvo, que são os rockeiros. O roqueiro é impactado pelo *rock*, ele se identifica com aquilo. Aquilo toca na vida dele. Durante o louvor nós já perdemos a conta de quantas conversões já houveram só na hora da música, antes da palavra entrar em cena. (“*Destaque*”, SBT - junho 2010)

—

FIGURA 9: TÓPICO ONDE PIPE DEFENDE O NOME DA IGREJA.)⁴³


musurano 17 de 7

7 set (1 dia atrás)

Por que Gólgota?

De vez em quando alguém me traz esta pergunta. E sempre a razão por trás, é porque de alguma forma alguém questionou o significado e o motivo de se fazer uso de uma palavra cujo significado é "Crânio" ou "Caveira".

Por que um grupo de pessoas usaria um nome como este para denominar sua comunidade cristã?

"Gulgothá" vem do aramaico. O nome aparece nos seguintes Evangelhos:

Mateus 27:33:
E, chegando ao lugar chamado **Gólgota**, que se diz: Lugar da Caveira,

Marcos 15:22:
E levaram-no ao lugar do **Gólgota**, que se traduz por lugar da Caveira.

João 19:17:
E, levando ele às costas a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira, que em hebraico se chama **Gólgota**,
Em grego a tradução é "*Kranion*".
Em latim é "*Calvaria*" ou "*Calvario*".

Nesse último caso, existem dezenas de igrejas ou denominações pelo mundo todo que ligam seu nome a palavra Calvary (ou Calvário), que é uma palavra latina.

Nós utilizamos o nome em aramaico com a mesma motivação que outras utilizam o nome Calvário. Ou seja, o nome indica o local onde Jesus morreu pelos nossos pecados e tudo o mais que implicou sua morte no monte Gólgota.

Talvez a Comunidade Gólgota tenha sido a primeira igreja na história que optou pelo aramaico ao invés do latim. Desconheço alguma denominação que tenha optado pelo grego "*Kranion*" (Crânio).

Porém, o que quero ressaltar é que desconheço do mesmo modo críticas levantadas a igrejas que fazem uso do termo "Calvário". É como se o termo "Calvário" não tivesse o mesmo significado que Gólgota. E, por tanto, não tivesse a mesma implicação.

Portanto, temos no uso do termo Gólgota dois quesitos:

1. Teológico: Foi no monte Gólgota que Cristo morreu pelos nossos pecados.
2. Cultural: No meio Underground é comum o uso de caveiras em camisetas, tatuagens, etc. Como Gólgota significa "caveira" ou "Crânio", favorece também a nós o uso de figuras, desenhos, imagens com caveiras como estratégia.

Douglas

7 set (19 horas atrás)

COMUNIDADE GOLGOTA
(1.616 membros)

fórum
enquetes
eventos
membros
ver perfil

(FONTE: Comunidade Gólgota – Orkut)

⁴³ Segundo ele, temos no uso do termo Gólgota dois quesitos: um Teológico, pois foi no monte Gólgota que Cristo morreu pelos nossos pecados – e um cultural, dizendo que no meio underground é comum o uso de caveiras em camisetas, tatuagens, etc. Como Gólgota significa "caveira" ou "Crânio", os **favorece** no uso de figuras, desenhos, imagens com caveiras como estratégia.

As práticas de consumo, lazer e comunicação desse universo juvenil se tornam instrumentos de alcance para a transmissão da palavra de Cristo. Isso se percebe facilmente quando encontramos, no caso dos “golgotanos”, o uso freqüente da internet no cotidiano. Entre blogs, sites de relacionamento, música e vídeos, as divulgações acontecem - um perfil no *Orkut*, outro no *Facebook*, portais de vídeos no *Youtube* (contendo imagens de *shows*, videoclipes, entrevistas na imprensa), e no *Myspace* (onde as bandas mostram seu trabalho musical).

O pastor é assíduo nos contatos virtuais. Possui dois perfis de seu nome (“Pipe Desertor”⁴⁴) no *Orkut*, sendo que um deles se encontra lotado⁴⁵. Possui também a comunidade da igreja onde os freqüentadores (ou simpatizantes – já que nem todos que participam da comunidade do *Orkut* freqüentam a igreja) se relacionam trocando vídeos, notícias de eventos (de dentro e de fora da igreja), divulgações de bandas, contatos de estúdios para gravação, venda de instrumentos (“classificados”), discutem temas e se divertem em clima descontraído. Nessa mesma rede social ainda criou três comunidades bem freqüentadas, com os títulos: “Respostas e Razões para crer”, “Descontradizendo Contradições!” (que ainda possui um blog) e “DC Debates”.

O “apologeta”, “defensor da fé”, como se autotitula Pipe, as criou com o intuito de promover discussões de temas relacionados às questões metafísicas, filosóficas, às polêmicas do meio evangélico (como aquelas que “atacam” o evolucionismo/ criacionismo científico, sobre sexualidade e modernidade), dicas de leituras e debates sobre textos bíblicos/ teológicos.

⁴⁴ Pipe é guitarrista da banda “Desertor”, classificada por eles como Hardcore/Thrash.

⁴⁵ Um perfil de *Orkut* lota quando passa de 999 amigos adicionados.

(FIGURA 10: COMUNIDADES, BLOGS E SITES)



Ainda dentro do universo virtual podemos encontrar um blog do “*Renovo*”⁴⁶ (com pregações, reflexões e informações do ministério), um site do “*MetalCast*”⁴⁷ (onde é possível baixar as pregações de culto, assistir vídeos, acompanhar agenda de eventos e notícias sobre projetos de missões), um blog da “*Comunidade Gólgota*” (que apresenta a igreja no que diz respeito aos ministérios (reuniões de oração, estudos bíblicos, o *MetalCast*, o Motoclube, e Bandas), divulgação dos dias de culto, as agendas de eventos (retiros, *shows*, festas), matérias jornalísticas sobre a Igreja, uma parte de “finanças” (onde através da conta bancária pode-se colaborar) e o link para a *Comunidade Gólgota* de Blumenau.

O *Motoclube Golgotanos* é outro exemplo interessante para pensarmos como práticas comuns, como o motociclismo entre roqueiros e fãs do *Heavy Metal*, podem ser convertidas para a evangelização dentro de um grupo com esse propósito. O motoclube, que também possui seu site, surgiu no final de 2009 e possui atualmente cerca de onze motociclistas. O intuito é usufruir do gosto pela moto, do “vento na cara”, como dizem, da sensação de liberdade que a prática proporciona e, obviamente, levar a palavra de Deus onde puderem e tiverem oportunidade.

⁴⁶ Retirado do site: “O renovo é um ministério fundado pelo Pastor Edson Barbosa (*Discipulador do Pipe*) e tem alcançado e restaurado a vida e o ministério de centenas de pastores e irmãos em Cristo. Tem como objetivo: restaurar a amizade entre os homens (mulheres), restaurar o homem (mulher) total, a capacitação ministerial, o crescimento e maturidade cristã.”

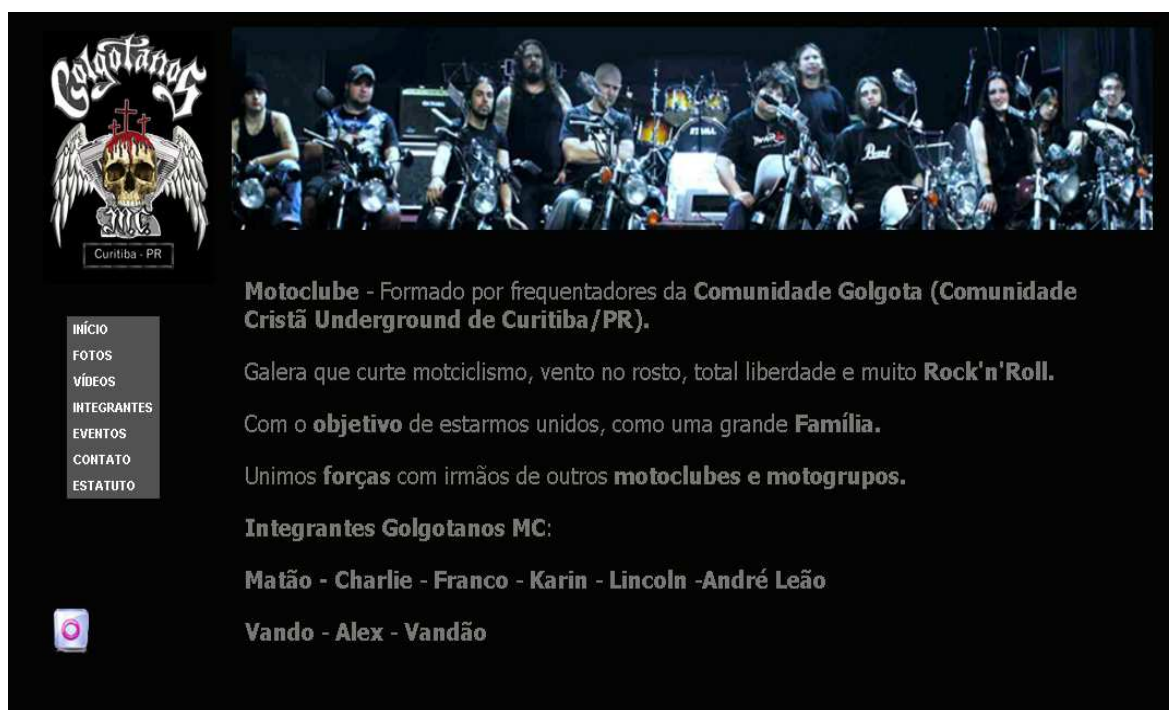
⁴⁷ O projeto de evangelização da igreja.

(FIGURA 11: MOTOCLUBE GOLGOTANOS E SEU SÍMBOLO NUMA BANDEIRA: UMA CAVEIRA COM ASAS DE ANJO E TRÊS CRUZES NA CABEÇA – FAZENDO UMA ALUSÃO AO MONTE GÓLGOTA DO EVENTO BÍBLICO)



(FONTE do autor - 2010)

(FIGURA 12: PRINTSCREEN DA PÁGINA DE ENTRADA DO SITE)



(FONTE: golgotanosmotoclube.com.br – 2010)

“Levar a Palavra” é o objetivo desses jovens que afirmam ter o compromisso com a obra de Deus; e quando falamos em “obra de Deus” não me refiro ao vínculo com a igreja, mas ao argumento, à passagem bíblica, que os evangélicos costumam utilizar para justificar a prática evangelizadora: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15)⁴⁸.

Esse “pregar” do *golgotano*, embora remeta às práticas convencionais de evangelização, muitas vezes insistente, estigmatizadas pela sociedade, não deve acontecer dessa forma, pois o propósito desses motociclistas não se “impôr” em nenhum motoclubes da cidade para falar diretamente de Jesus Cristo e provocar conversões. Tudo se propõe a acontecer com uma pretendida naturalidade, encarada como a simples espera de oportunidade, de entrar no assunto, ou, mesmo de apenas mostrar seu modo de viver e pensar. O próprio fato de, cotidianamente, se envolverem com outros motoclubes e se socializarem com outras pessoas da mesma prática – citando vez ou outra o nome da Igreja, esclarecendo seus diferenciais, falando sobre sua vida (“testemunhando”), seria já, segundo acreditam, uma forma de despertar o interesse dos curiosos por aquele novo modo de viver, sem as aludidas exclusões que os domínios do sagrado/profano normalmente sugerem. O mesmo acontece com as evangelizações que ocorrem no Largo da Ordem - um local com grande circulação do público *underground* nas noites de final de semana. Um grupo de aproximadamente dez pessoas se desloca até o local com o intuito de sociabilizar com aquelas pessoas que estão ali, entre barzinhos e *shows* de *rock*, muitos deles embriagados e drogados. A intenção é “levar a Palavra de Deus” aos que se mostram interessados e “sedentos” – inclusive há muitos relatos de casos de conversão que aconteceram em momentos de oração em pleno Largo da Ordem. Existe um “zine”⁴⁹, produzido e distribuído nessas idas, que acaba se tornando um meio de aproximação com esses jovens. O intuito do zine é “publicar mensalmente textos com princípios cristãos”. Entre desenhos/ ilustrações e outras “artes interessantes” (poesias e letras de músicas), como eles descrevem, o “Zine Resistência” contém um material crítico (textos sobre rivalidades entre tribos urbanas, sobre “comércio de igrejas” e “escravidão e religião”, por exemplo) que se torna bem peculiar por sua linguagem e objetividade.

O cronograma de atividades da Igreja é variável, alternando reuniões esporádicas. Portanto entre os grupos dos ministérios podemos reconhecer três momentos fixos: as quartas-feiras, os domingos e alguns sábados.

⁴⁸ O livro de Marcos narra os ensinamentos que Jesus deu aos apóstolos.

⁴⁹ Zine, ou fanzine, é uma pequena revista de distribuição variável e sem regularidade na produção e editoração; é redigida pelos próprios interessados no produto.

Nas quartas-feiras acontecem as reuniões de oração, durando cerca de uma hora, é aberta a qualquer pessoa. Pipe ministra algum texto bíblico, as pessoas colocam diante de Deus seus motivos e todos oram, coletivamente ou individualmente em suas cadeiras.

Aos domingos, os cultos. O culto golgotano não se difere muito do formato daquele culto realizado pelo protestantismo de maneira geral: há o louvor, o momento de recados internos, as boas vindas aos visitantes, o momento de ofertas, a leitura da bíblia, a pregação do pastor, o desfecho; sempre intercalando orações.

O momento do louvor é o momento mais esperado e comentado. Ele acontece quase no breu; há pouca luz – apenas ativando o “*nightshot*”⁵⁰ da câmera é possível se captar imagens. Em aproximadamente 60 minutos de uma música sonoramente encaixada no que podemos chamar de *Metal*, *Hardcore* ou *Matacore*⁵¹, (entre outras canções mais calmas) os jovens se agitam no *mosh*⁵², correm em círculos, cantam fervorosamente - ora levantando os braços para cima como sinal de entrega, ora balançando os cabelos como manda a prática *metaleira*.

*** Arquivo de vídeo “videocultos 0001”**

(FIGURA 13: O MOSH DURANTE O LOUVOR)



(Fonte do autor – 2010)

⁵⁰ Dispositivo de visão noturna.

⁵¹ O *Metalcore* consiste na fusão entre o *hardcore* e o *Metal*. Ambos carregam um som agressivo, às vezes opressivo, com guitarras amplificadas e distorcidas, a bateria acelerada e os vocais cavernosos.

⁵² Espécie da “dança” agressiva onde o público se empurra mutuamente, se bate e se chuta em grupo.

(FIGURA 14: O HEADBANGING)



(Fonte do autor – 2010)

Além dos cultos, os eventos aos finais de semana atraem um grande público apreciador do *rock* e dos estilos que transitam por ele⁵³. A *Gólgota* é reconhecida em Curitiba como uma igreja que promove eventos evangelísticos para o público *underground*, especialmente o *Metal*, que se destaca. É comum se observar a inserção (uma abertura controlada, filtrada, estratégica) de bandas seculares nos eventos de evangelização da igreja. Ou seja, se nos eventos seculares da cidade há certa abertura (“certa abertura” por que não é para qualquer banda) a algumas bandas cristãs que se destacam na cena *Metal*, o mesmo acontece com os eventos da igreja. Obviamente, a atitude de se convidar uma banda secular para tocar dentro da igreja, embora seja incomum entre esse tipo de evento faz todo sentido se pensarmos que, com isso, não apenas a banda secular estará recebendo uma mensagem sagrada (por estar num evento religioso) como também seu público fã/ seguidor/ ouvinte: o não-cristão. Além disso, essa atitude nos sugere uma possível demonstração de ausência de preconceito para com o não-cristão. Como resultado, os eventos “de crente pra crente” como costumam ser conhecidos os eventos de igrejas evangélicas voltadas ao jovem, são exceções na *Gólgota*. Os *shows* – que geralmente são separados por vertentes musicais (sonoras) - ou

⁵³ Destaco algumas bandas mais representativas do cenário curitibano: “Desertor” (hardcore/ thrash), “Hawthorn” (*Metal* extreme), “Metápolis” (heavy *Metal*), “Azorrague” (death/thrash *Metal*), “18voutz” (*Metal* alternativo), “Seven Angels” (power *Metal*), “Unblemished” (death *Metal*), “Neverdie” (deathcore).

seja, uma noite de new *Metal*, outra de *Metal* extremo, outra de hardcore - costumam receber todo o público entusiasta da cena.

*Arquivo de vídeo “videoshows_0001”

Este panorama descritivo das atividades da igreja nos permite perceber de que maneira o trânsito de pessoas se estabelece – de onde provém o público visitante (que pode vir a ser um frequentador mais ativo). Como se percebe há uma troca contínua de informações entre dois domínios - o dentro e o fora da igreja – que favorece para que o público da *Gólgota*, como já dito, obtenha essa característica de “espectador”. E Pipe, sem dúvida alguma é a pessoa fundamental nessa mediação.

Gilberto Velho (2001) explica que através das “diferenças” existentes na vida social é possível se pensar numa interação/ troca/ comunicação/ intercâmbio entre categorias e/ou níveis sociais distintos. Pelas próprias circunstâncias da vida, segundo ele, através da necessidade de transitar por (entre) mundos culturais distintos, uma alta proporção de indivíduos opera este trânsito e desempenham o papel de mediadores – favorecendo a comunicabilidade entre estilos de vida, experiências, bem como mantendo um canal de comunicação constante.

Creio que desta forma podemos nos aproximar de uma compreensão interessante do que pode significar a figura de Pipe quando se coloca como única liderança religiosa da igreja, aliado à sua esposa *Kátia*. Que lugar a figura de Pipe ocupa nessa análise?

O estudo de trajetórias individuais tornam-se assim estratégico para nossas finalidades. Estamos em um território interdisciplinar onde as biografias são relevantes e potencialmente reveladoras em termos antropológicos. (VELHO, 2001, p.9)

Concordando com Velho, creio que a trajetória pessoal de Pipe reflete plenamente o perfil institucional no qual está liderando. Entre entrevistas, palestras, festivais “gospel” e *shows* seculares, Pipe implanta um diálogo entre o secular e o religioso constantemente – ele é o roqueiro, é o pastor, é o jovem, o guitarrista, é pai, aluno, professor, marido:

A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, num processo de metamorfose, dá a indivíduos específicos a condição de mediadores quando implementam de modo sistemático essas práticas. (ibid p. 25)

Trata-se de dar ao Pipe o estatuto de mediador diante dessa massa de espectadores freqüentadores da *Gólgota*, e por isso, analogicamente, podemos tomá-lo como uma espécie de “agente” cultural/ musical/ artístico. Pois sua mediação atua no agenciamento de bandas, *shows*, trazendo e levando um público variado para a mídia, para dentro e fora da igreja – logo, nesta atuação política, ocorre a inserção da igreja no mercado religioso. Este é o ponto de vista que se assume ao se privilegiar a voz da liderança nessa análise etnográfica.

4. A Religiosidade do Culto Golgotano

“Mais um hino do Senhor
que os irmãos conseguiram brutalizar.” (louvor, dezembro de 2010)

Curitiba, 08 de agosto de 2010 – 18h

A calçada e o corredor são os dois locais mais movimentados até que se chegue o momento de entrar. O clima é descontraído e o que se aparenta é que há ali, entre os golgotanos, bons e sólidos relacionamentos. O momento pré-culto é o momento do reencontro de amigos e a oportunidade de conhecer os visitantes.

As mulheres investem no bom visual. A cor preta sempre predominante, cabelos sempre muito bem “pensados” alternando cores e cortes. As maquiagens reforçam os olhos. Os espartilhos ressaltam a silhueta. Os coturnos oferecem o ar de peso e firmeza.

As tatuagens e os *piercings* superabundam nos visuais femininos e masculinos. Esses sempre marcando presença com os cabelos compridos, ora amarrados, ora soltos. Muitas peças de roupa em couro e muitos acessórios como cintos, munhequeiras, correntes.

(FIGURA 15 : KARIN E SUSANY)



(Fonte do autor, 2009)

(FIGURA 16: DA ESQUERDA PARA DIREITA: SUSANY, KARIN, KARIN, PIPE, AMANDA, LINCOLN, DANIEL)



(Fonte do autor, 2011)

O palco chama atenção de quem entra na igreja. Elevado a mais ou menos um metro do chão o visual colorido brilha lá na frente. As luzes já estão apagadas e a mesa de som já está conectada dando seus últimos ajustes.

Os ruídos da afinação dos instrumentos é um convite aos que estão dispersos. A banda faz uma oração, se coloca no palco, um a um em sua posição estratégica. A logomarca da igreja já está projetada na tela de projeção com alguma passagem bíblica.

Mesmo com a maioria já presente, se ouve um “pode chegar aí!” vindo das caixas de som do palco. É o ministro de louvor convidando aos que gostam do *handbanging* a fazer barulho junto com a banda, e se preparar para curtir um som, que não é suave.

Naquele dia havia algo errado. Eu mal havia chegado e o ambiente realmente estava estranho – todos meio tensos, fitados no pastor. Quase perdi o momento em que o Pipe disse “tem algo errado aqui!”.

.. quando as coisas dão tudo errado, e os músicos não estão fazendo, necessariamente alguma coisa que implique em estar dando errado, a gente precisa orar. Porque a nossa finalidade em estar aqui qual é? É adorar nosso Deus. Amém? E essa igreja é livre, é uma igreja *que é aberta pra* dizer ‘tem uma coisa errada! Tem algo errado acontecendo. Tá certo? A gente confessa isso. Tem alguma coisa

errada acontecendo nessa noite, nesse lugar. Não tô querendo jogar um balde frio em vocês, mas to dizendo que a gente ta aqui hoje desde às cinco horas, estressado, tentando fazer alguma coisa dar certo aqui em cima, e não está dando certo. Não sei se não é pra ter louvor, de repente não é pra ter louvor hoje, né? Ou de repente tem alguma coisa se levantando contra esse culto, amém? Mas em nome de Jesus, nós vamos agora levantar um clamor nesse lugar, e a glória do Senhor vai se manifestar essa noite nesse lugar- em nome de Jesus, amém? (amém!) Então comece orar aonde você está agora e declarar esse louvor e essa adoração ao teu Deus, ao nosso Deus, juntos, em nome de Jesus, amém? Comece a orar aonde você está agora!

Houve um grande clamor. Pipe segurava a guitarra com a mão esquerda, e enquanto orava, levantava o braço direito com o punho fechado para cima, lembrando o gesto de um exército em guerra. Podiam-se perceber orações reprimidas, tímidas e outras que sobressaíam na platéia, com fervor, fúria. Logo o ruído da microfonia deu conta de acalmar os ânimos, e as orações foram pouco a pouco se enfraquecendo.

* Arquivo de vídeo “louvor8agosto”

O barulho do prato da bateria e o “amém” do Pipe deram início ao louvor: “te louvamos Senhor!”. E esse dia em especial, os jovens estavam agitados - todas as músicas foram cantadas com a força, o peso e a postura que o *Heavy Metal* sempre exigiu de seus amantes.

Aleluia... Toda glória, todo louvor
Aleluia.... Toda glória, toda adoração

Entre uma frase e outra, uma excelente sincronia de cabeças. Os braços se levantam como sinal de entrega, os olhos se fecham, as expressões refletem o momento do “transe” sonoro.

Renasço em Deus
Quero viver por amor, quero viver por ti (Eu volto a respirar, eu volto a caminhar)
Renasço em Deus
Quero viver pra ti, eu sou seu enfim (Eu volto a respirar, eu volto a caminhar)

Quando o vocalista solta a última frase do refrão “reina” prolongadamente num vocal estilo clássico *Heavy Metal*, os jovens vão à loucura. Espalhados em frente ao palco, trocando

energia com os músicos, formam uma dança desregrada – braços e pernas balançando em todas as direções, por vezes se esbarrando, formam o *mosh*, uma roda “frenética” que nos mostra exatamente o que essa música incita aos seus adoradores.

(FIGURA 17: MOMENTO EM QUE PIPE SE JOGA DO PALCO PARA O PÚBLICO)



(Fonte do autor 2010)

Uma guerra, um combate corpóreo e coletivo – ao mesmo tempo, uma coreografia espetacular. Tudo se acalma quando o líder começa a ministrar:

A bíblia fala que nos somos novas criaturas, amém? (amém!)

É interessante isso, né.. porque isso é uma coisa que o mundo não entende. Deus literalmente nos recriou em Cristo Jesus. A grande verdade é que ninguém vê morto sendo cobrado de alguma coisa, não é verdade? Você já viu algum guarda de trânsito, alguma vez, indo lá no cemitério municipal, chegar lá diante de uma tumba e perguntar assim: 'moço, você tá devendo aí uns três mil reais de multa ...

Você não vê ninguém levando um caixão dentro de uma cadeia e colocando lá pra cumprir pena, porque? Porque é uma questão óbvia! Morto não deve nada, morto literalmente não perde nada.

Eu e você, quando morremos em cristo, nós não devemos mais nada para ninguém.

O judaísmo às vezes condena o cristianismo dizendo assim: vocês anularam a lei.

Não fomos nós. Quem anulou foi Cristo! Não fomos nós! Quando Jesus morre naquela cruz, toda a nossa dívida para com Deus de não cumprimento para com a lei, que nós todos tínhamos, porque todos nós fomos condenados pela lei (é o que Paulo fala). Naquela cruz todos nós fomos condenados em Cristo Jesus.

Aquela morte foi a minha e a tua morte por causa da lei, porque a lei nos condenou.

E quando nós morremos naquela cruz, não devemos mais nada pra ela. (amém!)

A bíblia fala então que nós fomos gerados de novo por meio do Espírito Santo, que veio morar em nós, amém? (amém!) E hoje há uma vida divina. Uma vida divina dentro de cada um de nós. Você faz parte daquele que é eterno, Deus.

Em Cristo nós somos um só. Juntamente com o Pai e coo-herdeiro de todas as coisas que pertencem ao Filho, pertencem à nós, porque nós somos coo-herdeiros, filhos adotados em Cristo Jesus, isso não é tremendo? (amém!)

Por isso só basta toda nossa teologia. Nós não precisamos de nenhuma novidade teológica. Nenhum arrepio, nenhum choro, nenhuma botinha de Pyton nós precisamos!

A única coisa que nós precisamos em toda a face da terra, é reconhecer essa realidade (amém!): de que nós renascemos em Cristo Jesus! Pra toda a eternidade.

E não tem teologia neopentecostal que pode nos roubar essa realidade. Não tem dinheiro que pode comprar essa verdade em Cristo Jesus que nós ganhamos Nele. Amém?

Não deixe que esses pregadores da televisão roubem isso de você. Que essa teologia maldita, que nasceu no inferno, que tenta roubar a graça de Deus, roube isso um dia de sua vida: de que você nasceu em Cristo Jesus.

Você é uma nova criatura em Cristo Jesus, e o seu nome está escrito no Livro da Vida pra toda a eternidade. Amém?"

**Arquivo de vídeo “ministracao8agosto”*

E foi assim, como se espantassem o mal coletivamente, e de forma barulhenta, que o “mal estar” foi embora e o culto começou de forma muito bem-humorada. Antes mesmo do “boa noite”, o comentário de Pipe sobre o evento do sábado anterior, “a festa brega”, rendeu risadas:

Ontem vocês perderam um bailão.... Tá louco! Estou empapuçado de sertanejo universitário. Quase me desviei essa semana, quase! Preciso ir pra um retiro, sei lá... pro *Rock in Rio*, pra me descontaminar!

Logo em seguida, emendou uma “exortação”:

Só uma mijadinha rapidinha: galera, é o seguinte, quando a gente faz esses eventos, o propósito dele, único, é a comunhão. O ministério de recreação foi levantado para esse propósito - para que essa igreja, que é uma igreja de jovens, tenha coisas para fazer que dizem respeito a jovens, certo? Jovens cristãos! Entendam bem! Ponto. Amém?

Porque se a igreja não tem o que oferecer no sentido de entretenimento, o mundo tem pra dar e vender, aliás, de graça, né! Se é que você me entende, ta?

Como de praxe, há sempre o momento de boas-vindas aos visitantes. Nome por nome é chamado (colhidos por alguma menina na entrada da igreja), a pessoa acena de onde está, e os golgotanos aplaudem com “vaia” e brincadeiras – o intuito é conhecer os que entram na igreja pela primeira vez e fazer com que se sintam em casa.

Era dia dos pais; um dia triste pra muitos daqueles jovens. A famosa música do *Fábio Júnior*, “Pai”, tocou pouco depois da “mijadinha” e fez muitos se emocionarem.

A *Gólgota* é uma igreja que propõe sempre “agir” na mediação do relacionamento dos filhos com os pais, na reestruturação da família através dos jovens; e esse culto foi marcado por esse discurso. O discurso da reconciliação, do perdão, e do poder e amor do Pai. O culto foi diretamente formulado/ pensado para aquele jovem que não tem seus pais presentes em sua vida e juventude, ou aqueles que não tem seus pais vivos, ou tem seus pais vivos, mas com péssimo relacionamento com eles.

Não basta falar para os jovens, deve-se falar com eles. Pipe certamente é um retrato da juventude que ele busca para seus meninos e meninas:

Sempre me pergunto porque eu entrei no mundo que entrei. O movimento punk, toda a minha rebeldia, todas as minhas calças rasgadas, minhas músicas, porque eu entrei nesse mundo?

A resposta veio em seguida, refletindo a respeito da juventude “perdida”:

Porque alguma coisa dentro de mim precisava gritar, precisa berrar, literalmente - precisava dizer que alguma coisa estava errada. Hoje eu entendo isso, mas naquela época eu não entendia.

Esses jovens que vivem no cemitério, chupando sangue, ascendendo velinha roxa, querendo cortar os pulsos... Gente que vive por aí nas noites, nas madrugadas se prostituindo, fumando todo tipo de tóxico... Todo o tipo de lixo que o mundo está propondo, está oferecendo.... Todos nós estamos em busca desse abraço, desse aconchego, dessa afirmação que a gente quer receber de pai.

O Pai Divino simbolizando o pai carnal. Não só uma metáfora, mas uma comparação entre as duas instâncias, céu e terra. O amor do Deus Pai que é prometido para aquele que não teve o amor do pai biológico.

Frases como “Por mais ‘traíra’⁵⁴ que ele possa ser, ame seu pai, mesmo que ele não te ame como você gostaria de ser amado” revelam a dimensão do trabalho social que a igreja exerce na vida dessas pessoas⁵⁵. Pipe naquele dia leu no livro de Malaquias, capítulo 4, versículo 6: “ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais para que eu não venha e fira a terra com maldição”.

Eu não sabia o que era ser homem. O que eu sou hoje, como homem, é uma herança daquilo que o meu pastor construiu na minha vida, um homem chamado Pastor Edson Barbosa.

As gerações de hoje precisam aprender isso, precisam resgatar isso nas suas vidas, por isso que o ‘Renovo’⁵⁶ é uma ferramenta poderosa aqui dentro dessa igreja, porque é uma ferramenta que tem buscado influenciar a vida dos homens para que aprendam a ser homens de verdade.

Homens que respeitem suas esposas, que amem suas esposas, amem seus filhos, que sejam o sustento de suas casas, que lutem, que protejam, que amem. Pais que sejam pais de verdade.”

⁵⁴ Abreviação de “traidor”.

⁵⁵ Há, inclusive, tendo o “trabalho social” como base, um domingo por mês dedicado às “missões”, como eles dizem. Seriam grupos/ profissionais/ artistas que vêm de outros lugares ou igrejas mostrar seus trabalhos. Tive a oportunidade de presenciar psicólogos cristãos (tratando sobre abuso sexual infantil), grupos artísticos (como malabares, teatro, pirotecnia), missionários, ou ainda palestras vindas de centros de apoio a dependentes químicos.

⁵⁶ Cf. nota número 43

Falas como essas revelam a preocupação do Pastor Pipe em construir, assim como Pastor Edson Barbosa, homens de responsabilidade dentro da sua igreja, o que atesta um discurso “moralizante”, com um foco muito intenso na família:

Quando você for escolher alguém para compartilhar o resto da sua vida, não tenha uma atitude egoísta de pensar apenas em si mesmo. Pense nas gerações que virão. Sejam uma geração de homens de verdade. Que quando entrarem num casamento, que seja até o fim!
A ausência do pai na sociedade tem gerado o caos, tem gerado a destruição.

Impossível não perceber o “choque” entre o “comportamento *Heavy Metal*” (marca de “liberdade”, “não aceitação”, antítese do “careta”) e o reforço da moral tradicional das igrejas cristãs. Esta junção como já disse, a “mistura” entre o discurso e a prática é que poderia nos dar o aspecto “performático” desta “cena” golgotana.

O caos e a destruição são associados às obras do Diabo – que na visão do pastor, é o responsável por desalojar as referências de masculinidade dos homens.

Se você perdeu a referência de masculinidade por causa do seu pai, olhe pra ele com misericórdia e graça e fale (fale para si mesmo, não precisa dizer isso pra ele): pai, você foi um derrotado, mas eu não serei. Eu irei até o fim.

Nesse mesmo tom, Pipe faz uma crítica às igrejas “que estão aí”, segundo ele, “preocupadas com as dez coisas que você deve fazer para ter sucesso na sua vida, mas o sucesso primordial da vida, que é a sua família, não é ensinado”.

Quando eu disse que em minha primeira visita a campo me surpreendi com o momento de louvor, foi exatamente por esse contexto performático que presenciei no dia dos pais. Embora não tenha sido este meu primeiro culto, achei interessante ressaltá-lo pelo seu caráter emotivo, ao mesmo tempo em que presenciei uma “guerra espiritual” como nunca antes. Guerreiros repressores vestidos para lutar, os ânimos à flor da pele, a força no corpo, a concentração na mente. A música como espada⁵⁷.

Mas o aparecimento dessa música “pesada” não se restringe apenas aos domingos. Se se quer ver “brutalidade” fora do culto, os *shows* evangélicos de sábado não deixam a

⁵⁷ Este trabalho se realiza como uma reflexão **através** da música e não **sobre** a música em si – a música enquanto fator de performance, linguagem, representação.

desejar. Obviamente a roupagem do evento depende do cronograma e do “estilo” da noite, mas aqueles que se propõe a fazer um som animalesco, o fazem de uma forma incrivelmente bem calculada.

Comentei anteriormente que a classificação de uma banda como “cristã” ou “não-cristã” torna o objeto delicado de ser trabalhado – mas ao mesmo tempo é interessante perceber como esse rótulo é articulado na prática musical desses jovens.

Se em vertentes pentecostais ou neo-pentecostais as produções artístico-religiosas devem necessariamente manter sua diferenciação discursiva e/ou sonora da secular, vimos que nessa economia religiosa contemporânea - onde as fronteiras são fluidas, o dualismo sagrado/profano se “mistura” – a evangelização se dá sob formas mais *indiretas*, como o relacionamento cara a cara, por exemplo. Como já frisei anteriormente, o foco estratégico da evangelização desses fiéis, tendo a música seu papel representativo, é o relacionamento afetivo, a amizade, a aproximação do crente com o “ímpio”.

Amanda, integrante da banda *Hawthorn*, ao ser questionada a respeito de apresentações em eventos seculares, disse

a gente tem uma postura de palco que é assim: no palco a gente não prega, a gente dá a entender. E daí quando a gente desce, o pessoal vem falar com a gente, daí a gente conversa. Quando a gente desce do palco eles vêem que a gente tem uma postura diferente das outras bandas. Enquanto está todo mundo caindo bêbado, a gente tá tomando uma ‘coquinha’ (coca-cola).

O pluralismo religioso, dentro de uma “ortodoxia generosa” em que o fiel é inclusivista, como explica *Mauro Meister* (2006) a respeito das “igrejas emergentes” que será aprofundando mais adiante, oferece a essas bandas a liberdade de escolherem seus discursos sem que estejam presos a um formato já estabelecido pelo senso comum de que é necessário que haja, nitidamente, o discurso bíblico nas letras das músicas. O produtor musical Karín Serrí certa vez disse em uma entrevista que “na verdade a gente usa a música como forma de expressão do que a gente vive, a gente não faz nada além de passar a nossa vida, o dia a dia, através da música”. (Programa “*Destaque*” sobre “Igrejas Diferentes”, citada anteriormente)

Como eles mesmos afirmam, se pensarem em montar uma banda com um grupo de pessoas cristãs desejando fazer evangelização, estarão errados. Enfim, por que é que tem que haver essa obrigatoriedade em sair evangelizando? Porque é que as letras devem ser letras religiosas e clichês?

Percebi que as bandas, independente se frequentam a igreja, ou não, se tem todos os seus membros vinculados a uma instituição religiosa ou não, fazem suas músicas baseadas, definitivamente, no que eles querem. Justamente por isso muitas das letras não são identificadas como letras religiosas. Em conversas informais com algumas bandas compreendi que, para eles, cantar o que vive, significa também falar do ódio, do demônio, de destruição, política, racismo, aborto, entre outras coisas.

No programa “*Missão Integral*”⁵⁸ Pipe foi questionado sobre o mercado gospel e o preconceito religioso:

Eu tenho uma banda cristã (cristã porque eu sou cristão e faço parte dessa banda) cuja mensagem é o Evangelho. Mas a gente já foi questionado muitas vezes porque no nosso segundo álbum, das vinte músicas, três ou quatro músicas falam explicitamente de Deus e as outras músicas não falam de Deus, mas falam sobre política, racismo, sobre várias questões, sobre o aborto..... E um apresentador uma vez me perguntou: ‘Ué? Vocês não são uma banda gospel? Vocês não tem que falar de Jesus o tempo todo? Pensei: muito pelo contrário. Tudo aquilo que a gente aborda, a gente tá falando de questões bíblicas, porque a Bíblia trata de questões de política. A Bíblia é história, é política, faz parte do dia-a-dia, não tem religião na Bíblia, ela fala de um relacionamento entre um Deus ao qual nós cremos, mas que se insere na sociedade - traz questões de ética, que faz parte da vida. Isso é uma questão palpável, não é uma questão mística. A Bíblia não tá tratando de questões do etéreo, tá tratando de questões práticas – do amor ao próximo, do amor aos pais, aos filhos...

E às vezes eu penso que o mercado, esse gueto gospel, não tem acesso no mundo secular justamente porque a gente criou um padrão de mensagem em relação ao cristianismo que você tem que falar, a cada dez palavras, o nome de Jesus, como se o nome Jesus em si mesmo fosse um amuleto, místico.

Na minha banda, por exemplo, a *Desertor*, a gente não tem nenhuma dificuldade no meio secular. A gente vai mesmo, toca com bandas seculares (essas que não fazem parte do gueto gospel), somos amigos, nos relacionamos muito bem. Agora, tem pastores por aí que proíbem! O cara monta uma banda de evangelismo e o pastor fala ‘não, você vai tocar só aqui no culto dos jovens no sábado à noite, não pode tocar em bar e boteco nenhum!’”

Segundo a Bíblia, Deus não anulou as trevas, Ele as separou da luz:

⁵⁸ Canal **Rádio e Televisão Educativa do Paraná** – Curitiba. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dCdjQoZa5RQ&feature=player_embedded>

[..] e (Deus) fez separação entre a luz e as trevas (Gênesis 1:4)

A “separação” sempre foi marca do cristão – aquele que abdicou dos valores do mundo para viver uma vida de santidade é um separado de Jesus.

Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus. (Mateus 5:16).

Ser luz no meio das trevas implica em iluminar o que está no escuro. Levar clareza ao que não enxerga – e é isso que os golgotanos, em seu senso esfomeado de evangelização, pretendem.

Ter uma banda não significa necessariamente ter que subir ao palco para falar que se o ímpio não aceitar à Jesus Cristo enquanto salvador de sua vida, ele irá para o inferno. Pipe deixa muito claro que são os relacionamentos dos cristãos com os não-religiosos que criam nesses últimos a curiosidade de viver uma nova vida, de conhecer um Deus para seus problemas; enfim, a estratégia de se misturar ao secular só ocorre quando o cristão não tem (pelo menos estigmatizadamente) esse rótulo.

No entanto, existem aquelas bandas que assumem o rótulo de cristão e ousam criar letras mais diretas. Nesse caso percebemos que o próprio universo do *rock* se fecha. Pipe conta que o preconceito é duplo:

A gente enfrenta dois tipos de preconceito, que vem da cena mais tradicional de igrejas, e da própria cultura do *underground*. Há um preconceito. Porque quem está de fora desse mundo do *underground* olha com outros olhos – porque sempre se vê a imagem de um roqueiro se vê uma imagem de um drogado, marginal, satanista ou alguma coisa desse tipo. E no meio do *underground* quando você fala de Deus, existe aquela aversão. Então a gente sofre o preconceito dos dois lados.

Como pertencer ao circuito *underground* curitibano se se é tachado de religioso? Digamos que a estratégia é não ser nem uma coisa, nem outra. Ser um “separado” de Cristo, mas se aproximar e se parecer com aquele que não é.

Esteticamente e sonoramente o que os diferencia? Nada.

Isso é o que causa o choque em muitas pessoas quando entram na igreja e vêem aqueles cabeludos cantando com a voz parecida a de um demônio no microfone, “travestido” em couro e tachas e se debatendo. Esse, inclusive, foi o choque que eu senti nas primeiras

incursões a campo. Novamente aquela sensação da infância. Eu estava de frente para aquele mesmo *Heavy Metal* monstruoso, com suas vozes grotescas, suas expressões de horror, só que desta vez cantando “aleluias”. Era como se aquela música brutal não combinasse com palavras tão angelicais.

Mas combina e funciona.

Como diz *Karin Serri*, produtor musical, “(...) funciona, porque a gente ouve diversos testemunhos de pessoas que escutaram, que foram tocadas. Muita gente se converte através da música, de *shows*.... essa é a nossa missão.

Se olharmos com um olhar “de dentro”, entenderemos que é necessário que seja assim. Isso não quer dizer, ao mesmo tempo, que seja “forçado”. Ser “profanamente santo” é a saída, e ao mesmo tempo, a natureza dessa música. Não há forma de se fazer um bom *Metal* - um bom *Metalcore*, *hardcore*, nem qualquer espécie de um *rock* mais pesado musicalmente - sem que ela seja extrema; sem que os músicos ajam como músicos do extremo *underground*.

Sem uma aproximação performática (sonora, comportamental, espacial/ física) para com o secular não seria possível o serviço da evangelização. Uma economia religiosa expressa por uma economia musical, e vice versa. O cálculo de uma música pautada em uma identidade híbrida – justamente como sua identidade religiosa.

Em termos dessa relação, *Jacques Attali* (1985), um economista e antropólogo francês, em seu livro “*Noise, The Political Economy of Music*”, propõe, com base na história da música, uma série de teorias para pensá-la enquanto “espelho” e “profecia”.

A música, segundo ele, “é mais que um objeto de estudo: é uma forma de perceber o mundo” (ibid., p.4), um espelho da sociedade, uma ferramenta de entendimento; reflete a fabricação da sociedade, um jogo de espelhos no qual muitas atividades e contextos históricos são refletidos e definidos. Uma profecia porque as mudanças que ocorrem na música de hoje podem prever o futuro da nossa sociedade. Mudanças no caráter básico da música, ao longo da história, têm prenunciado subseqüentes revoluções fundamentais nas estruturas políticas e econômicas.

Seu argumento é estruturado por quatro momentos nos quais a música teria passado: “sacrifício”, “representação”, “repetição”, e “composição”. Embora esses quatro momentos históricos tenham aparecido sucessivamente, não houve a substituição de acontecimentos e sim uma sobreposição – isso fez da música (e seu papel na sociedade) um fenômeno complexo.

Attali toma o “ruído” como “violência, assassinato”. Enquanto interferência na emissão e recepção de uma mensagem - a música é considerada sacrifício, pois canaliza, controla e vence o ruído através da criação de uma ordem harmoniosa no reino do som. Fazendo isso, ela ajuda a apoiar e legitimar sua função política, ainda que não criando riqueza, representa a possibilidade de uma sociedade organizada.

Ele detecta a transformação dos jograis e trovadores errantes em trovadores e músicos da corte como um dos primeiros exemplos da mudança do sistema feudal para o capitalismo, que representa a segunda fase, o estágio da “representação”. Nessa fase, cada vez mais a música deixa de ser improvisada no local por artistas, e passa a ser pensada, escrita e realizada por funcionários dos reis e nobres. Mais tarde, naturalmente, os músicos fogem do papel dos empregados domésticos dos nobres e tornam-se “livres” destes produtores de música. Esta, por sua vez, se desenvolve como uma mercadoria produzida para ser trocada por dinheiro - mais precisamente, o dinheiro é gerado através da representação dessa música feita ao público através de apresentações teatrais.

A gravação introduz uma nova rede para a economia da música, caracterizada pela “repetição”. As técnicas da revolução industrial tornaram-se aplicáveis à música, facilitando seu “enlatamento”, a produção de milhões de cópias idênticas e o consumo por milhões de pessoas na privacidade de suas casas. Ela tende a se tornar uma “commodity” e deixa de ser um evento social.

No que seria a quarta fase de nossa sociedade *Attali* apresenta sua visão a respeito do que ele chama de “composição”. Esse momento representa um avanço à forma repetitiva anterior, produzida e vendida como sabão e consumida mecanicamente/passivamente. A composição é uma atividade “em que o músico toca principalmente para si mesmo, fora de qualquer operacionalidade, espetáculo, ou a acumulação de valor, quando a música, libertando-se dos códigos de sacrifício, representação e repetição, surge como uma atividade que é um fim em si, que cria o seu próprio código, ao mesmo tempo como o trabalho” (ibid., p. 135)

Ela anuncia a chegada de novas relações sociais e trocas simbólicas emergindo da crise da superprodução/ repetição. A liberdade nesse momento é uma característica essencial e irreduzível. Segundo ele, esse novo modo de fazer música é

[...] realizada pelo próprio divertimento dos músicos, como auto-comunicação, com nenhum outro objetivo além de seu próprio prazer, como algo fundamentalmente fora de toda comunicação, como auto-transcendência, um ato solitário, egoísta e não-comercial. (ATTALI, 1985, p. 32)

Expressar-se criando diferenças coletivamente, mudando as regras e códigos; nesse sentido podemos reconhecer o ruído retomado sob outra codificação. Attali questiona se não seria esse o momento de um regresso ao período “sacrificial” (a primeira fase), onde a música era criada no seio das comunidades para uso imediato.

Quando *Stuart Hall* (2003) fala que, devido aos processos globais de mudanças sociais, a identidade do sujeito pós moderno é descentrada, fluída, fragmentada e em constante reelaboração, ele aponta não apenas para a identidade pessoal do sujeito mas também refletido nas identidades culturais de forma geral. Penso, de acordo com o que afirma o autor - dizendo que nesse momento há uma dissolução do global e o local diante do “supermercado cultural” oferecido - que podemos também incluir a identidades religiosas como “vítimas” dessa situação.

Isso aponta para um hibridismo de práticas que oscilam entre o dogma ortodoxo cristão bíblico, que os golgotanos dizem seguir, e as práticas “mundanas” , sempre condenadas pelos cristão até então. Essa parece ser a estratégia da *Comunidade Gólgota* para que haja uma identificação dos que estão na igreja com os que não estão (ainda). A música entraria na mediação entre essas duas categorias. Ela comunica aos dois mundos simultaneamente. Ela é, remetendo a Attali, o elemento que fez retornar, no contexto das igrejas emergentes, as características da música enquanto evento, sem fins comerciais (*underground*), como auto-comunicação, no entanto, podemos indagar se ela pode ser realmente considerada “livre”, já que manipula um conceito de “liberdade criativa” bastante discutível: em termos de forma musical não pode se afastar do “som pesado”, (do estilo *Metal*) sob pena de não ser reconhecido pelos fãs; em termos religiosos, não deseja “reproduzir” os termos padrões dos modos de evangelização tradicionais (ou os modelos “gospel”), mas precisam comunicar “algo de sagrado” sob pena de não sustentar a identidade “religiosa”. Posto isto, até que ponto existiria realmente a liberdade de ressignificar e/ou

reinventar letras e ritmos⁵⁹ a favor desse proselitismo? Justamente por isso a experiência golgotana é interessante.

Seguindo a lógica do economista - de que a forma como se organiza a música espelha a forma como se organiza a sociedade - significa dizer que, essa organização do ruído – ou seja, reorganizar o *Heavy Metal* de forma a “maquiar” seu caráter subversivo – cria uma nova forma de organizar essa sociedade.

Uma sociedade baseada no “parecer ser”, cuja natureza é ser “fake” e autêntica ao mesmo tempo na medida em que sua identidade é produzida justamente no ato de “circular” entre o sagrado e profano. Uma “representação” do sagrado através do profano e vice-versa.

Quando Attali afirma que a fase “composição” da música representa um possível retorno à fase ritual, em que as músicas eram utilizadas a serviço da comunidade, para seu uso imediato de acordo com as necessidades, ele está afirmando também a respeito da forma como se experiencia essa música.

Este autor também afirma que a primeira e mais longa era da história da música se deu há mais de 15 mil anos atrás, com a religião. Arte (como é reconhecida atualmente) não existia e música não era reconhecida como um produto dela. Toda e qualquer manifestação performática tinha uma dimensão espiritual, como expressão de Deus ou comunicação com Ele.

O que vemos nos dias de hoje, tendo como pano de fundo essas duas economias (religiosa e musical), pode ser aproximado à teoria de Attali. Talvez não haja um retorno, propriamente dito, à fase ritual, mas certamente uma aproximação. Já que a música, dentro desse contexto contemporâneo age dentro de uma comunicação dupla: horizontal (dos homens para com os homens, na igreja, através dos ministérios, bandas, relacionamentos) e verticalmente (dos homens para com Deus). O culto, as evangelizações na rua, o motoclub, a internet, o teatro – toda e qualquer manifestação religiosa que tem (e obviamente tem) o intuito de comunicar/ levar a palavra de Deus a alguém, dentro da *Comunidade Gólgota*, tem em seu centro (o core) na música. A forma como os golgotanos experienciam essa música é também a forma como eles experienciam o sagrado.

A identidade da igreja é estabelecida e renovada através do “rock pesado”. Quando se ouve falar daquela igreja na Avenida Visconde de Guarapuava a primeira coisa que se pensa é

⁵⁹ É comum o fato de transformarem o ritmo de hinos tradicionais em *rock*. Por exemplo, a música que diz “quando eu era **prego** o diabo me bateu, agora eu sou martelo e quem bate nele sou eu” é muito cantada nas escolinhas infantis de igrejas tradicionais, a versão golgotana ganhou uma roupagem um tanto quanto agressiva.

* Arquivo de vídeo “prego”

“*Metal*” *underground*. Quando se fala em *underground*, ou “música pesada” cristã curitibana a primeira coisa em que se pensa é a *Comunidade Gólgota*.

Ela não é reconhecida pelo seu motoclube, nem seus “pontos” virtuais na internet, nem seus ministérios internos, nem a fama pelos milagres, curas ou programas de televisão. Ela é reconhecida, principalmente, pela música que nela se expressa e é representada, seja no culto ou nos *shows* de sexta/ sábado.

Poderíamos nos aproximar do que *Attali* chamou de “quarta fase”. Essa música “mista” criada por essas pessoas que pretendem, de alguma forma, informar a respeito de um novo modo de vida (“santa”), ao se distanciarem das formas congeladas da música cristã e do comportamento do “crente”, mas que buscariam, ao mesmo tempo, uma aproximação com o público secular através do remanejamento de diferenças, da manipulação da identidade.

Se como foi dito, a música é a forma de experiência com o sagrado, ela também se torna a forma de experienciar o profano. Isso acontece simultaneamente. Transitando pelos dois mundos, a música se torna uma forma de “mediação” entre os dois universos, favorecendo novas formas de proselitismo, de evangelização, e de identidade religiosa, sem romper com a vida secular.

5. Religião e identidade: os golgotanos no universo religioso “emergente”

O primeiro capítulo desta dissertação propôs abordar o movimento gospel enquanto revolução no meio religioso protestante, começando pelas inovações musicais no âmbito da igreja/ templo e resultando na inserção dos cristãos num mundo de desapego às posturas rígidas e cedido ao mercado de bens e entretenimento modernos.

Para os objetivos propostos aqui, parece importante acompanhar, através de alguns dados históricos, o surgimento das identidades religiosas específicas contemporâneas que se centram na ação do Espírito Santo na evangelização e na pregação de Jesus Cristo como único Senhor e salvador da humanidade. Muito embora os golgotanos não centrem sua pregação na figura do Espírito Santo essencialmente (como fazem os pentecostais mais tradicionais), e sim em Jesus Cristo como um personagem “adaptado” (uma “pessoa como nós”, como várias vezes ouvi dizer nas reuniões do grupo), o próprio surgimento desta identidade pentecostal, neo-pentecostal, ou ainda “emergente”, assenta-se na emergência de uma nova forma de comunicação com Deus, direta e pessoal, experiencial, acima de tudo.

Embora haja versões distintas do *Novo Testamento Interpretado* e suas versões contemporâneas, no que diz respeito ao surgimento da Igreja “primitiva”, tomemos como ponto de partida comum apontado, entre outros, por *Selma Baptista* (1989), o dia de Pentecostes - o quinquagésimo dia após a ressurreição de Cristo como relata a exegese bíblica:

[...] estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (Atos 2, 1-4)

Este foi um evento que fez cumprir a profecia do “consolador” proferida por Jesus Cristo prevendo sua morte - “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.” (Atos 14:16) - e instaurou uma nova economia do sagrado - rompendo com o sacrifício do primogênito ou com o rito da circuncisão que marcava o corpo do judeu – que, simbolicamente (não carnal, mas corporeamente visível), pôs Cristo novamente entre o povo e encadeou uma interlocução entre o céu e os homens. Nesta nova

economia do sagrado parece importante destacar aspectos de uma visibilidade que aponta a glossolalia para uma “espetacularidade” religiosa – conforme *Baptista* coloca:

[...] manifestação lingüístico-religiosa na qual o falante/crente, no contexto da oração e tomado pelo êxtase, produz uma linguagem emocional, ritmada, silábica, quase-melódica, cuja característica fundamental é ser expressiva e não intelectual (BAPTISTA 1989:17)

Através de sons e gestos ela manifestava o Espírito Santo criando a marca do cristão através da simbologia das “línguas de fogo” que desceram sobre o local em que estavam os apóstolos no primeiro dia de Pentecostes após a morte de Jesus, dando-lhes o poder de falar em línguas que eles não conheciam. Embora não mais física, como a circuncisão dos tempos de Abraão, mas ainda assim visível fisicamente através da materialidade da fala, o sagrado, no caso o “dom de línguas”, estabelecia um sistema comunicativo horizontal e verticalmente, ou seja, entre os homens para com eles mesmos e entre os homens para com Deus.

Chamo a atenção para a experiência humana/ corpórea da religião.

Não sabeis vós que sois templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós é santo. (1 Coríntios 3.16, 17)

O corpo do cristão e o sagrado observável. O que a glossolalia, como a primeira manifestação do Espírito Santo após a morte de Jesus Cristo, pode nos dizer de acordo com o desenrolar dos fatos?

De acordo com *Baptista* - que apreendeu através do espaço discursivo a ausência de sentido da glossolalia e, ao mesmo tempo, sua eficácia simbólica nos processos rituais do batismo do Espírito Santo - esta, tornando-se a legitimidade da presença do Espírito Santo e, portanto, exigida e esperada, submete-se à normatizações⁶⁰ através do apóstolo Paulo, passando então a tornar-se parte de serviços litúrgicos da Igreja de Corinto. Esse talvez tenha sido o primeiro momento em que podemos constatar o “mistério” (a língua misteriosa) sob controle institucional, de um protótipo de “igreja”. A partir dele, o que vemos são desdobramentos de um cenário cristão onde o dom de línguas aparece e desaparece historicamente tornando-se “aspecto manejável de acordo com as determinações históricas” (idid., p.88).

⁶⁰ I Cor., 14:2, 5, 9, 15, 26, 27 e 33

Não sabemos exatamente por quanto tempo a glossolalia regradada por Paulo continuou. Mas sabemos que uma nova “economia do sagrado” se instaura com a “excomunhão” da glossolalia na *Igreja Católica* por volta de 212 – 213 – segundo século da era cristã, através da condenação das palavras proferidas por *Montanus*, de forma extática dentro do mosteiro em que vivia e que, ao mesmo tempo, criticava “a moral dos bispos, a lassidão dos seus hábitos e mais, anunciava a segunda volta de Cristo” (ibid., p.78).

Através da institucionalização de uma nova configuração religiosa (o Catolicismo), mostrando ser uma afronta às possíveis formas de liderança, e uma ameaça às autoridades religiosas, a glossolalia é silenciada. O sagrado (em sua experiência corporificada) passa a ser controlado, contido, considerado “mistério”.

Mesmo nunca tendo deixado de existir na cena cristã, a glossolalia passa séculos sendo banida pelas lideranças católicas e, secretamente presenciada entre os mais “fervorosos”. De acordo com a hierarquia eclesiástica, o poder, a revelação e a interpretação das escrituras sagradas (bem como o controle do sobrenatural) sempre foram prerrogativas da Igreja e não do povo.

No século XVI ocorre outra reviravolta. Descontentes com a situação de distanciamento do Evangelho em que se encontrava a Igreja (afastamento das doutrinas fundamentais da Palavra de Deus), com o autoritarismo absoluto do catolicismo e a distribuição de perdão através da venda de indulgências - defendendo acima de qualquer tradição as Escrituras Sagradas, o poder do perdão pela fé e o livre relacionamento com Deus sem intermediários, os reformistas da Reforma Protestante conseguiram com êxito instaurar uma nova visão em grande parte do mundo, trazendo de volta à cena o Espírito Santo como inspiração das escrituras sagradas, mediador entre Deus e os homens.

O autoritarismo da Igreja Católica, considerada altamente qualificada nos termos da elite religiosa, passa a ser contestada de acordo com o surgimento de um movimento de retorno aos padrões bíblicos do Novo Testamento e a defesa de que todo e qualquer cristão deveria ter livre acesso e interpretação sobre os escritos bíblicos. A glossolalia passa nesse momento por um processo de recuperação de seu valor e assim como o perdão, as escrituras e o acesso a Deus tornam-se livres a qualquer cristão. Nessa nova configuração religiosa, a salvação e justificação eram dadas pela fé e não pelas obras.

Acredito ser o suficiente para poder afirmar que a aproximação com a antiga Igreja Primitiva começava a acontecer. Conforme reivindicaram através da reforma, o sagrado

“menos acalentado” - característica antiga dos apóstolos – é retomado pouco a pouco, afinal, o protestantismo defendia o Espírito Santo como inspirador da palavra Divina.

Isso não quer dizer que a glossolalia na sua forma primitiva, ou seja, o “vento impetuoso” voltou a soprar como na época dos apóstolos, mas certamente a sectarização provocada pelo protestantismo e seu discurso libertário levaram ao aparecimento de diversas correntes protestantes - as correntes *Luterana, Calvinista, Anglicana, Batista, e Metodista* são consideradas as mais tradicionais, e no século XX surge um movimento moderno de avivamento do Espírito Santo que traz à tona o sagrado “ruidoso” e sobressalente. Desta vez a glossolalia vem acompanhada de outras “hierofanias”, o Espírito Santo manifesta-se a partir de então de forma cada vez mais heterogênea.

Esse século é apontado como o ponto de partida do desenvolvimento do Pentecostalismo nos *Estados Unidos* – creio ser este um recorte importante, já que, historicamente, é marcado por um sagrado característico e interessante para minha análise.

Através da vinda de missionários norte-americanos para o Brasil (onde constitui atualmente o segundo maior grupo religioso, depois do catolicismo) o movimento pentecostal vem crescendo e ganhando adeptos inclusive nos países do Sul do Pacífico, da África, Ásia, e o restante da América Latina. Esse avanço e desdobramento do pentecostalismo é considerável não apenas no plano demográfico e religioso, como diz Ricardo Mariano (2004), mas no midiático, assistencial, político partidário, editorial entre outros produtos religiosos. Seus adeptos não estão apenas nas camadas mais pobres da população, mas nas médias e altas, inclusive chamando atenção da população com presenças ilustres de artistas e atletas famosos.

Cabe discorrer, de forma sucinta, a partir do autor, sobre a classificação do pentecostalismo no Brasil e sua evolução histórica. Aproximadamente em 1910, através de um missionário, o que a literatura acadêmica classifica como “primeira onda” do pentecostalismo, o pentecostalismo clássico, se instala no Brasil. As igrejas *Congregação Cristã no Brasil* (1910, em São Paulo) e *Assembléia de Deus* (em 1911, Belém do Pará) foram as principais representantes desse movimento, caracterizando-se pelo antecatólicismo, a ênfase no dom de línguas enquanto batismo no Espírito Santo, o sectarismo exacerbado e sua postura radical quanto a rejeição ao mundo.

Uma “segunda onda” do pentecostalismo no Brasil foi marcada pelo aparecimento - em 1950, com dois missionários norte-americanos na *Cruzada Nacional de Evangelização* em São Paulo – de igrejas com o enfoque teológico na cura divina e estratégias proselitistas de massa através da utilização do rádio e de pregações itinerantes. As representantes dessa

“segunda onda” seriam: a *Igreja do Evangelho Quadrangular* (fundada em 1951, São Paulo), a *Igreja Brasil Para Cristo* (em 1955, São Paulo), a *Igreja Deus é Amor* (em 1962, São Paulo) e a Casa da Bênção (em 1964, Minas Gerais).

Em uma “terceira onda” do movimento pentecostal no país, estaria o neopentecostalismo, que teve início na segunda metade dos anos de 1970. Como representantes temos: a *Igreja Universal do Reino de Deus* (fundada em 1977, Rio de Janeiro), a *Igreja Internacional da Graça de Deus* (em 1980, Rio de Janeiro), a *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra* (em 1976, em Goiânia) e a *Igreja Renascer em Cristo* (em 1986, São Paulo). São os propagadores da Teologia da Prosperidade⁶¹, enfatizam a guerra espiritual contra Satanás e suas manifestações terrenas, o afastamento dos usos e costumes rígidos e tradicionais pentecostais. Cabe lembrar que esse foi também o momento da explosão gospel, com seus artistas, pregadores e cultos pela televisão, “Marchas para Jesus”⁶², excursões organizadas para Terra Santa⁶³, e um ideal envolvendo entretenimento e sagrado.

Exceto no que diz respeito ao consumo de álcool e drogas de forma geral, o sexo extraconjugal e o homossexualismo (entre outras posturas já consolidadas pelo cristianismo), essa terceira onda do neopentecostalismo no Brasil, trouxe uma abertura significativa para nossa reflexão:

[...] rompeu com boa parte do ascetismo contracultural tipificado no estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, volta e meia, estigmatizados. De modo que seus fiéis foram liberados para vestir roupas da moda, usar cosméticos e demais produtos de embelezamento, freqüentar praias, piscinas, cinemas, teatros, torcer para times de futebol, praticar esportes variados, assistir a televisão e vídeos, tocar e ouvir diferentes ritmos musicais. (MARIANO, 2004)

As igrejas neopentecostais, como dito, se revelam como as mais inclinadas a se acomodar à sociedade moderna de consumo. De acordo com *Leonildo Campos* (1997), “O neopentecostalismo corresponde à fase mais recente de integração do pentecostalismo à sociedade latino-americana e ao sistema de mercado” (p.44), isso nos aponta para o surgimento de uma identidade religiosa que muitos chamam de “sincrética”, mas que,

⁶¹ Difundiam a crença no cristão próspero na área da saúde, afetiva, financeira, familiar, emocional.

⁶² Uma caminhada pública que surgiu em 1990. Em diversas cidades do país, evangélicos de todas as denominações se reúnem animados por trios elétricos e bandas gospel.

⁶³ A *Igreja Renascer em Cristo*, em parceria com agências de viagens, promove “viagens proféticas” à Israel (Terra Santa); nesse ano por exemplo, intitulada “Caminhos de Abraão”.

emprestando o termo de Claude Lévi-Strauss, podemos chamar de uma “*bricolage*” de formas religiosas plurais.

O neopentecostalismo traz à cena religiosa cristã uma economia do sagrado dita pós-moderna, oferecendo uma maleabilidade e adequação às posturas sectárias e às conduções do comportamento de forma geral. *Pierre Sanchis* (1999), citando as “três modernidades” do panorama constituinte do campo religioso brasileiro, afirmam que a pós-modernidade se caracteriza por:

[...] uma construção eclética mais ainda do que um verdadeiro sincretismo, que recorta os universos simbólicos – o do seu grupo e os alheios, todos igualmente ‘virtuais’, - e multiplica as ‘colagens’, ao sabor de uma criatividade idiossincrática (‘idiossincrética’), radicalmente individual, mesmo se se articula em tribos de livre escolha. (SANCHIS, 1999, p.104/105)

Em nenhuma corrente do protestantismo tradicional aparecem manifestações do sagrado em formas ditas “originais” ou “primitivas”. Essa heterogeneidade que se apresenta nas novas identidades religiosas a partir desse cenário que se abre ao século XX nos mostra como o Espírito Santo reapareceu no cristianismo, com a vinda do pentecostalismo, como aquele “vento impetuoso” do pentecostes. E não é só isso, as modalidades cristãs neopentecostais trazem uma comunicabilidade com traços referenciais de religiões afro-brasileiras, da nova era, do catolicismo junto a conceitos e “novos dons” como os de cura, libertação, exorcismo (já estabelecidos perto da segunda onda do pentecostalismo), manifestações como “unções”⁶⁴ do riso, da palma, entre outras corporificações exóticas. Isso tudo nos leva a admitir a profunda ligação entre estas “teologias” e suas “economias do sagrado”, que nos cabe, neste trabalho, compreender de forma específica em relação às igrejas “*undergrounds*” – ou seja, a coorelação entre teoria e prática religiosa.

O uso da mídia também foi apontado como traço característico do forte investimento proselitista por parte dessas igrejas. Não somente a utilização de espaços já convencionais da massa de espectadores, mas a aquisição de canais de rádio e televisão para seus fins propagandísticos. Abre-se um grande mercado de produtos religiosos na literatura, na música, grifes de roupas, cinema, na indústria do entretenimento de forma geral como nunca visto antes. Isso implica em uma mudança social de concepção daquele “crente” estigmatizado das

⁶⁴ O “cair na unção” é algo recorrente nas manifestações espirituais das igrejas pentecostais e neopentecostais. O fiel, tomado pelo Espírito Santo cai, literalmente, na unção. No chão, deitado, muitos dizem ter visões e outras experiências carnavais com Deus. O mesmo acontece com a unção da palma ou do riso – cheios do Espírito Santo o fiel, em êxtase bate palma sem parar ou ri desenfreadamente.

décadas passadas que tinha que abdicar dos prazeres modernos para viver uma vida santificada, longe das ofertas profanas do mundo.

Podemos definir quem é o “crente” de hoje? Como age, quem é?

Difícil dizer diante do pluralismo “evangélico” que se vê. Mas, certamente, uma crítica vinda por meios religiosos e não religiosos, é a de que cada vez mais o profano, as coisas mundanas e os valores amorais estão tomando conta da Igreja Cristã. *Friedrich Nietzsche* certa vez escreveu “O que são ainda essas igrejas, se não os mausoléus e túmulos de Deus?” – e eu me pergunto o que pode significar esse tipo de crítica se não um alerta para a emergência de uma nova economia do sagrado, que se mostra em toda sua plenitude na contemporaneidade.

Há atualmente um amplo debate teórico (nacional e internacional) sobre a tensão existente entre religião e modernidade sob o conjunto de transformações na qual a última perde sua relevância social, institucional e ideológica surgindo o paradigma da secularização, que segundo o sociólogo *José de Jesús Legorreta Zepeda* (2010) se trata de um:

[...] processo sócio-histórico complexo e multidimensional – original da Europa Central –, caracterizado fundamentalmente por uma visão de mundo descentrada, profana e pluralista, por uma reflexão que ao incorporar-se de forma sistemática e permanente na vida social, desestabiliza a experiência, as instituições e os conhecimentos, e conseqüentemente gera uma realidade profundamente dinâmica, contraditória, ambígua e precária. (ZEPEDA, 2010)

Durante sua aceitação, na década de 60, esse paradigma foi defendido por muitos teóricos que acreditavam na morte/ extinção da religião – que o urbanismo acarretaria um processo irreversível, e esta, por sua vez, perderia sua posição hegemônica na sociedade. No entanto, outros teóricos, como *Sanchis* (ibid), defendem o contrário, constatando o

[...] ‘retorno do sagrado’, a ‘revanche de Deus’, o ‘eclipse da secularização’, a ‘crise da secularização’, o ‘fim do paradigma da secularização’, etc. Ou seja, a atual visibilidade mediática da religião, a irrupção de novos movimentos religiosos, o sucesso da literatura esotérica, são interpretados como um fortalecimento do sagrado no contexto de uma modernidade que se mostra incapaz de resolver os problemas mais profundos do ser humano e não consegue superar as suas próprias contradições e ambigüidades internas. Nesta perspectiva, secularização é entendida como recomposição da religião, confrontada com a racionalidade. (SANCHIS, 1999)

Não se trata aqui de se posicionar quanto à tese, mas sim assumir sua relevância na discussão que tenho encaminhado. *Campos* (ibid) diz que essa tese impediu que muitos pesquisadores vissem a religiosidade moderna como devida – que a “evasão do sagrado dos moldes que pretendiam contê-lo – as instituições religiosas – para outras áreas da vida humana não é sinônimo de desaparecimento e, sim, de transformação da religião” (id, p.31). Se secularização está intimamente interligado com “capitalismo” e “modernidade” como muitos defendem, acredito poder sustentar minha hipótese no âmago destas relações entre religiosidade, capitalismo, modernidade, secularização, como eixos fundamentais.

Afinal, mais do que nunca podemos observar a forma como o moderno se incorpora nas práticas e identidades religiosas, não só com “sincretismos” e “bricolagens” no que diz respeito às suas crenças, mas também em suas produções “artístico-religiosas”. Os cristãos atualmente têm utilizado práticas variadas (música, dança, cinema, esportes) para a propagação do Evangelho. E o Espírito Santo, ao que parece, navega no mesmo barco e em diversas direções.

5.1. As Igrejas Emergentes

Por isso só basta toda a nossa teologia. Nós não precisamos de nenhuma novidade teológica. Nenhum arrepio, nenhum choro, nenhuma botinha de Python⁶⁵ nós precisamos! A única coisa que nós precisamos em toda a face da terra é reconhecer essa realidade: de que nós renascemos em Cristo Jesus! Pra toda a eternidade. E não tem teologia neopentecostal que possa nos roubar essa realidade. (Pipe – culto do dia 8 abril 2010)

Como havia colocado anteriormente, há no centro destas “disputas” no campo religioso o impasse da perda ou da transformação da religiosidade contemporânea, ou seja, de que devido às diversas mudanças sociais oriundas de um processo mais amplo de globalização, ao contrário do que muitos imaginavam – que a religião perderia sua força na sociedade pós-moderna – vemos o inverso: a proliferação de religiosidades, uma efervescência de novas configurações do Divino e interfaces com o sagrado.

⁶⁵ A cantora gospel Ana Paula Valadão, através de uma gravação do “XI Congresso de Louvor & Adoração Diante do Trono”, conta que Deus lhe mandou comprar uma bota de couro de cobra (Python), segundo ela “muito cara” mas que levaria a pisar sobre “principados e potestades”.

Nesse momento pretendo analisar um novo “ramo” de igrejas contemporâneas, geralmente voltadas ao público juvenil, consideradas “alternativas”. Citei anteriormente alguns casos que se sobressaem nos estudos sobre religiosidade juvenil e, o que se percebe através dos relatos, é que essas igrejas, de fato, mostram uma heterogeneidade no que diz respeito às manifestações do sagrado através de práticas adaptadas a um Evangelho pertinente à lógica do marketing: onde se segmenta o público para melhor comunicar.

Afinal, quando Pipe se referiu à sua comunidade como “emergente”, o que ele quis dizer? Trago suas palavras, através de entrevista dada à imprensa, já citada anteriormente, ao programa “*Missão Integral*”⁶⁶ (gravado em agosto de 2010), onde novamente houve a oportunidade do pastor Pipe verbalizar suas concepções de “igreja emergente”:

A *Gólgota* é uma igreja emergente que surgiu de uma necessidade de alcançar um segmento da sociedade que a igreja de um modo geral não estava alcançando, que é o roqueiro e suas vertentes e formas de expressão. Ela é uma igreja que surgiu trazendo uma proposta de trabalho de anúncio do Evangelho falando na linguagem que essas pessoas entendem. Uma das grandes dificuldades do roqueiro é se encaixar nesse padrão tradicional que nós temos caminhado na história..

Quando o apresentador lhe pergunta sobre “quem é o roqueiro?”, Pipe faz uma pausa, brinca sobre a dificuldade na resposta e diz:

Muitas vezes ele vem de famílias desestruturadas, eu mesmo sou fruto de uma família que teve suas implicações. Ninguém adentra nesse universo de graça, há um certo empurrão [...] porque o *rock* traz essa questão da irreverência, da rebeldia, a questão de que não se ajusta socialmente de uma forma normal [...] tem a questão da sexualidade porque ainda há o chavão ‘sexo, drogas e *rock`n`roll*’, então ainda há uma realidade muito latente no meio deles [...] o roqueiro vem desse histórico.

No programa “*Papo Cabeça*”⁶⁷ (gravado em outubro de 2010) Pipe fala sobre o desenvolvimento da Comunidade lembrando que, com o interesse pelos *shows* de *Heavy Metal*, muitos jovens buscaram a igreja, levando à necessidade de “abrigar” essas pessoas:

A necessidade de começar um trabalho como esse era urgencial em Curitiba. As igrejas históricas não estão preparadas pra lidar com esse tipo de coisa e não tem

⁶⁶ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dCdjQoZa5RQ&feature=player_embedded>

⁶⁷ Produção dos alunos da Facinter, Curitiba. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=wyxwdOj1ZZs&feature=player_embedded>

também o interesse de ganhar essas pessoas para a fé cristã. O que faz a diferenciação do impacto que a *Gólgota* provoca na vida das pessoas são os relacionamentos que a gente acaba criando, porque a gente é uma igreja que tem como estratégia não a questão de se isolar do mundo, a gente é contrário a isso. O que a gente sempre ensina aos membros da *Gólgota* é que eles precisam ser luz no meio das trevas, então a gente é contra esse negócio de que crente tem que ficar dentro da igreja, sobre as quatro paredes e não pode se relacionar com o mundo lá fora. É a maior vergonha para um cristão quando ele não tem um relacionamento fora das quatro paredes, então essa relação que a gente faz indo nos bares, se relacionando com as pessoas na rua.... a gente até incentiva as pessoas a não deixarem suas amizades e esse tipo de relacionamento acaba sendo impactante porque as pessoas vêem que a gente não alienou a pessoa.

Não é necessário mais exemplos para percebermos a forma como uma “liberdade” é adicionada ao cristão nessa configuração religiosa. Enquanto muitas igrejas ainda pregam que seus jovens correm um sério risco alimentando amizades de fora do círculo cristão, freqüentando bares, boates entre outros locais “mundanos”, ou ainda ouvindo músicas seculares – outras enxergam nisso uma oportunidade de mostrar que é possível ser um crente diferente – podemos até dizer: nem isolado na igreja, nem perdido pelo mundo, mas lá e cá. Neste entre-mundos.

Antes de continuarmos a respeito das igrejas emergentes acredito que seja coerente trazer duas categorias centrais no pensamento religioso para a análise, e que, em minha pesquisa, serviu como duas instâncias básicas: o sagrado e o profano. Essas duas esferas vêm sendo citadas no texto como pólos atuantes num processo híbrido/ fronteiriço de construção de identidade, através do qual permite que esses golgotanos existam em dois universos simultaneamente (que durante muito tempo foram impenetráveis): o secular e o religioso. A representação (mimética) de sua religiosidade está diretamente ligada à forma como a concebem.⁶⁸

Émile Durkheim (1989) em seus estudos sobre a religião observa que a divisão do mundo nesses dois domínios, enquanto gêneros opostos, é um traço distintivo do pensamento religioso; que “não existe na história do pensamento humano outro exemplo de duas categorias de coisas tão profundamente diferenciadas, tão radicalmente opostas uma à

⁶⁸ Essa é uma questão que Taussig (ibid) explica. Não há como analisar a identidade rockeira da identidade religiosa – entre a mimesis e a alteridade esse processo engloba uma à outra.

outra”.(p.22). *Mircea Eliade* (2008) diz que essas duas categorias “constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história” (p.20). Porque existiria esta persistente divisão entre estas duas categorias de pensamento? A resposta de ambos nos reforça a idéia de uma oposição que é revelada de acordo com as diversas culturas: “essa oposição foi concebida de maneiras diferentes, conforme as religiões” (id., p.70) – “os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no cosmos” (*Eliade*, 2008, p. 20).

Mary Douglas (1976) dedica boa parte do livro *Pureza e Perigo* para defender o relativismo cultural e criticar o antropocentrismo – que parece óbvio e requisito básico na postura do antropólogo, mas que nos indica algo mais interessante: que o importante é a construção desse sagrado e desse profano como situações contextualizadas. A antropóloga afirma que se trata de sistemas simbólicos que atuam na ordenação social. Seria através de uma posição de “exagero” (de oposições bem demarcadas) das diferenças entre dentro e fora, com e contra, acima e abaixo - e aqui adicionamos o sagrado e o profano – que um semblante de ordem é criado. Não seria a religião um grande operador dessa ordenação do mundo?

No que concerne à atuação desses sistemas simbólicos no comportamento religioso do homem nos remetemos ao que *Clifford Geertz* fala sobre a religião, quando afirma que ela funciona como mecanismo de controle social, como uma forma de “fornecer orientação a um organismo que não pode viver num mundo que ele é incapaz de compreender”. (1978, p.102)

E o que fez o cristianismo, desde sua institucionalização, se não a ordenação dos sujeitos através da construção dessas duas categorias sob fronteiras fortemente demarcadas?

O bem e o mal, Deus e o Diabo.

Como estariam essas fronteiras hoje?

De acordo com as modulações históricas do cristianismo - desde sua institucionalização até o surgimento da Reforma Protestante com suas vertentes e, posteriormente, com a eclosão do pentecostalismo - percebemos como diferentes construções do sagrado e do profano dentro de diferentes economias do sagrado vieram existindo, em tempos históricos diferenciados. No capítulo anterior dei certo enfoque ao momento do surgimento do neopentecostalismo no Brasil justamente por acreditar ser essa vertente (do movimento evangélico e “explosão gospel” dos anos 70) o divisor de águas na vida do crente. Como disse, esse momento deu aos cristãos a “liberdade”, o “alívio” do peso do estereótipo que caracterizavam os crentes do Brasil, tais como a proibição de assistir televisão, o uso obrigatório da saia comprida, a proibição dos cortes de cabelo, entre outros usos e costumes.

E não foi só isso, houve também uma maior liberdade de culto, o que quero dizer é que houve uma abertura para diferentes formas de produzir o culto para seus fiéis e, cada vez mais, espectadores.

O fenômeno religioso mais bem sucedido dos últimos tempos (*Mariano, 2004*) intercala em seu discurso o sucesso e a guerra exacerbada contra Satanás, o que lhe confere o estatuto de guerreiros espirituais através de um rico e sincrético simbolismo religioso cheio de misturas. Não pretendo explorar profundamente o fenômeno do neopentecostalismo em si no Brasil, como muito já tem sido feito, mas indicar que é nele onde começamos a observar a mobilidade na região fronteira, muito bem demarcada até bem pouco tempo, entre o sagrado e o profano. Podemos falar numa aparente dissolução da oposição entre os dois mundos, numa passagem intermitente entre eles por meio de uma fronteira muito instigante, ou numa complementaridade pouco explicitada até hoje. Na realidade, meu trabalho trata desta fronteira como condição mesmo da natureza e existência destas formas religiosas “emergentes”. Portanto, parto da hipótese de que as igrejas emergentes do século XX/ XXI são frutos desse momento e desta condição.

Embora tenhamos disponíveis uma bibliografia considerável (principalmente americana) e artigos na área da teologia, o que consta nos materiais e discussões teológicas sobre o tema nos mostra o quão confuso esse campo está. Atualmente o movimento tem despertado o interesse dos estudiosos, pastores, teólogos e lideranças da área religiosa, provocando também delicadas opiniões e posicionamentos em relação a ele, pois, apesar dos que acreditam na possibilidade de seguir Jesus Cristo nos dias atuais com inovação, o que se alega é que essa “liberdade” tem tomado proporções negativas para a fé cristã bíblica.

Tudo teria começado através de um site (*EmergingChurch.org*⁶⁹) criado por Karen Ward, não com o intuito de lançar um movimento cristão, mas manifestar sua frustração com a igreja evangélica dos anos 90⁷⁰. O teólogo *Mauro Meister* (ibid), explica que no final da mesma década, o americano *Brian McLaren*, começa usar em seus livros o termo “igreja emergente” para afirmar que “era necessário que a igreja descobrisse e desenvolvesse uma ortodoxia diferente daquela praticada pela igreja evangélica durante o período do modernismo” (ibid) – em outras palavras, essa “ortodoxia diferente” estaria ligada à idéia de que era necessário adaptar o sistema cristão à atualidade. A igreja emergente poderia, de acordo com o autor, ser definida como uma reação ao cristianismo do período moderno sob a

⁶⁹ Site indisponível atualmente.

⁷⁰ Informações no artigo de Mauro Meister baseado na obra de GIBBS e BOLGER, *Emerging churches*.

pressuposição de que o cristianismo, como se desenvolveu no modernismo, tornou-se arcaico e irrelevante para a geração contemporânea.

Brian McLaren, referenciado por *Meister*, é um nome reconhecido dentro do movimento da igreja emergente e tem influenciado, junto com autores posteriores, o aparecimento de diversas propostas religiosas contemporâneas pelo mundo.⁷¹

No Brasil o amadurecimento da idéia rapidamente produziu, como podemos observar, a variedade de discursos cristãos alternativos – movimentos já citados anteriormente como “*Surfistas de Cristo*”, “*Atletas de Cristo*”, “*Lutadores de Cristo*”, igrejas voltadas às diversas tribos urbanas e até ao homossexualismo. Obviamente, essa espécie de atendimento espiritual sob medida através dos nichos inalcançáveis pelo tradicionalismo religioso provoca críticas e preconceitos, justamente o contrário do que buscam aplacar. Embora não seja meu interesse aqui discutir até que ponto o movimento, com suas vozes dissonantes ganha dimensões abusivas para o cristianismo, devo reconhecer que, para a pesquisa, esse tipo de conflito interno é extremamente informativo. O que aponto, concordando com o teólogo, é a dificuldade em se definir o que seja realmente uma igreja “emergente”, já que a liberdade pregada pelo movimento fez surgir tantas especificidades religiosas, uma heterodoxia que torna praticamente impossível as definições.

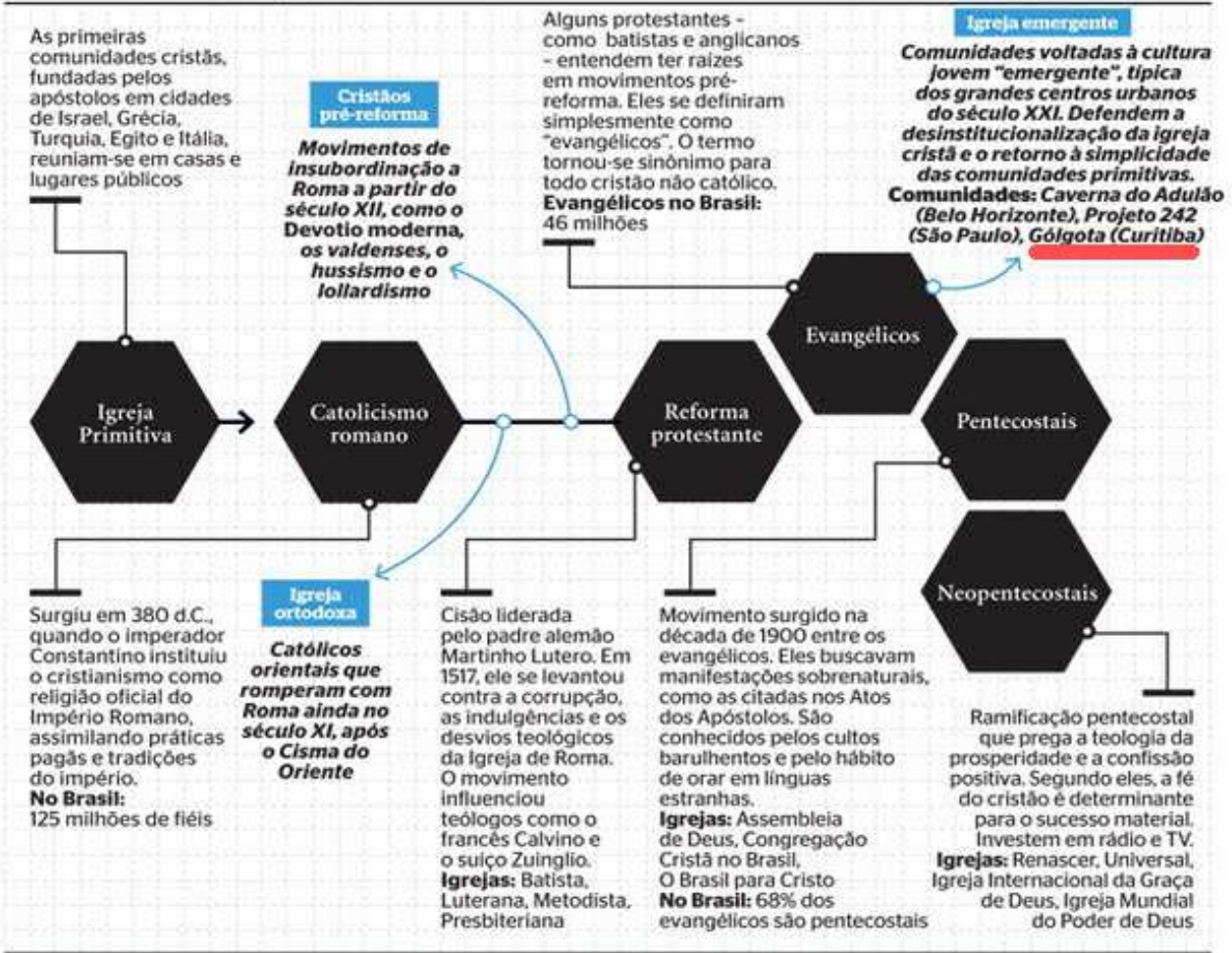
Trata-se de uma contra-resposta cristã ao próprio cristianismo, e à pós-modernidade – uma espécie de “nova reforma protestante” como chamou a matéria da *Revista ÉPOCA*:

⁷¹ No site <http://emergent-us.typepad.com/> Brian conta sobre suas viagens pelos países onde passa divulgando suas idéias.

(FIGURA 18: QUADRO PUBLICADO PELA REVISTA ÉPOCA)

Redenção e rupturas

2 mil anos de reinvenção da fé cristã



Cinco diferenças entre as práticas evangélicas predominantes e a "nova reforma protestante"

	Templo	Pastores	Abordagem	Dízimo	Sociedade
Visão dominante ➡	A igreja é a "Casa de Deus". As denominações investem milhões em grandes e luxuosas catedrais	São considerados "ungidos pelo Senhor", com acesso preferencial a Deus e a suas revelações. As relações são verticais	É a guerra da "verdade" dos cristãos contra a "mentira" dos ateus. A Bíblia é a arma de convencimento	O fiel contribui, na expectativa de que sua fidelidade possa constranger Deus a resolver seus problemas pessoais	O "mundo" é mau, e a igreja é o único local onde os crentes podem se proteger de sua influência
Novos reformadores ➡	Preferem reuniões em casas, em pequenos grupos, em cafés ou auditórios ou em qualquer lugar de fácil acesso. A "Casa de Deus" é o próprio cristão	São líderes com preparo para aconselhamento e ensino, mas as relações são de igual para igual com os leigos	São os relacionamentos que conduzem ao interesse pelo cristianismo. A Bíblia é a ferramenta que norteia essas relações	A oferta é apresentada como um gesto de gratidão, altruísmo e solidariedade. Algumas igrejas aboliram a entrega do dízimo de sua liturgia	A igreja é uma espécie de "central de treinamentos" para que o fiel exercite seu cristianismo na vida cotidiana

(FONTE: Revista Época, agosto de 2010)

A matéria lista algumas características dessas igrejas, mas gostaria de complementar, de acordo com a abordagem de *Meister*, com outras sugestões. Além da desinstitucionalização

da igreja cristã e do aparente retorno à simplicidade das comunidades primitivas, outras características listadas pelo autor nos mostram como a identidade do movimento é calcada na produção de uma alteridade a partir de suas próprias origens (e também na relação referencial ao “outro”), ou seja, a partir do afastamento e discordância de certos traços do cristianismo tradicional, enquanto movimento originário.

De acordo com o teólogo, são identificadas quatro características principais deste tipo de religiosidade:

- **o pluralismo:** a não aceitação de absolutos, mas sim das diferenças religiosas. *Meister* cita o subtítulo do livro de McLaren, *A Generous Orthodoxy*.

Por que sou um cristão missional, evangélico, pós-protestante, liberal-conservador, místico-poético, bíblico, carismático-contemplativo, fundamentalista calvinista, anabatista-anglicano, metodista, católico, verde, encarnacional, deprimido-mas-esperançoso, emergente e inacabado. (McLaren, apud Mesister 2006)

A saída para um pensamento emergente que não traia as Escrituras está numa “ortodoxia generosa” e nos dá o exemplo do corte transversal numa árvore, onde “Cada anel representa, não a substituição dos anéis anteriores, não a sua rejeição, mas a sua adoção, a sua inclusão em algo maior” (ibid)

- **o protesto:** esse perfil de protesto que emerge de todas as frentes leva ao movimento a imagem de “desconstrucionista”, pois, como foi dito, manifestam seus descontentamentos para com as formas “congeladas” da instituição de origem. Os emergentes acreditam no novo cristão, de novas formas de seguir Jesus Cristo que não caiam nas lutas teológicas nem nas formas incoerentes de viver o cristianismo que se diz bíblico. Além disso, concepções como autoridade e hierarquia são dissolvidas nesse pensamento.

- **o missional:** ser missional, segundo as interpretações de *Meister*, a partir dos autores emergentes, é ser autêntico, inclusivista. Demonstram intensa preocupação com os incrédulos e fortes trabalhos evangelísticos incluindo os de ação social, que, segundo ele, já é um ato de amor, já é pregação e dispensa proclamações.

- **linguagem, culto e pregação:** uma das propostas fundamentais na comunicação emergente é a criação de um culto experimental e multi-sensorial, numa atmosfera trabalhada por luzes, velas, símbolos, mensagens multimídia, arte estática e em movimento, espontânea e participativa, dando sempre lugar à experiência. Formas diferentes de pregação, utilização de diferentes comunicações, linguagens, materiais e estrutura física do local.

É interessante perceber como essas quatro características básicas apontadas por *Meister* servem como ponto de partida para pensar as características da “não-ortodoxia” da Igreja *Gólgota*. Nesse sentido creio que definir a igreja emergente, no nosso caso, é definir a visão emergente da *Comunidade Gólgota*, já que a “liberdade” oferecida pelo movimento cria um universo de peculiaridades e apropriações específicas de cada igreja. Sendo assim, a Comunidade possui suas particularidades no que diz respeito a criação de sua própria identidade de “igreja emergente”, seu modo próprio de se fazer igreja, de acordo com o público e os objetivos a serem alcançados.

Mas de fato, embora essas características oscilem de igreja para igreja, destaco nesse momento o “pluralismo experimental” que “emerge” junto com o movimento. O “pluralismo experimental” é a idéia em foco dessa economia do sagrado do cristianismo pós-moderno. A forma como se experiencia o sagrado vem, não somente de suas posturas ideológicas a respeito do tradicionalismo evangélico, mas também, como o próprio termo remete, à experimentação corpóreo-sensorial da crença através dos artifícios de comunicação e linguagem, “todo o experimentalismo tem como objetivo atrair o jovem pós-moderno em busca de experiências sensoriais e levar-lhe a mensagem do evangelho.” (ibid)

Para os “emergentes”, os dualismos provenientes do pensamento Iluminista, como sagrado/ secular, público/privado, mente/corpo, fé/razão estão dissolvidos na pós-modernidade. De acordo com o discurso de Pipe em seus ensinamentos aos golgotanos percebemos como as fronteiras do sagrado e do profano, de acordo como eram estabelecidas em tempos passados, são agora manejáveis. Não existem mais fronteiras nitidamente delimitadas entre sagrado e secular, pois, em suas concepções tudo pode ser consagrado a Deus, o cristão é livre para viver de forma santa no espaço dito mundano, ou ainda, viver mundanamente e sagradamente simultaneamente. E não se trata só de estratégia proselitista, é também consequência e modo de experimentar a realidade religiosa da pós-modernidade, ou, dos nossos dias.

6. A experiência golgotana: ritual, performance e mimesis.

De fato, qualquer que tenha realmente praticado uma religião sabe bem que é o culto que suscita aquelas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são, para o fiel, como que a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um conjunto de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é a coleção de meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente. Que ele consista em manobras materiais ou em operações mentais, é sempre ele que é eficaz (DURKHEIM, 1989:494)

A vida social é marcada por momentos rituais. Eles são parte de quase todas as sociedades humanas, passadas ou atuais. *Mariza Peirano* (2003), embora não forneça uma definição absoluta de “ritual”, nos aponta alguns traços característicos: (1) um evento especial, (2) com uma forma específica, (3) onde um repertório cotidiano (de categorias, classificações, formas, valores) é compartilhado publicamente, (4) um momento onde forma e conteúdo se combinam - revelam representações, valores, ressaltam características do grupo, resolvem conflitos. (5) Sua realização ocorre em um tempo e espaço definidos, um “momento diferente”⁷² que, (5) ao mesmo tempo em que é excepcional, é também incorporado à vida social.

O ritual, de acordo com *Victor Turner* – “o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos” (2005: 49) – é o evento de caráter coletivo onde símbolos (que podem ser, de acordo com ele, objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais) se envolvem e se transformam em fator de ação social.

Em sua pesquisa sobre os rituais e dramas sociais dos *Ndembu*, nos anos 50, o antropólogo, além de apresentar o caráter dinâmico dos símbolos, ofereceu um modelo interpretativo desse simbolismo ritual, que abordaremos mais adiante. Devemos reconhecer, no entanto, dentro de toda a trajetória da antropologia ao redor do tema “ritual”, que foi *Emile Durkheim* que iniciou esta abordagem simbolista do fenômeno religioso (e a dimensão dramática dos rituais) que influenciou *Turner*. O antropólogo francês dizia que os sistemas de crenças eram vistos como uma forma de representar o mundo: “os rituais mais bárbaros, os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social” (ibid, p.30)

⁷² Cf. DORNELLES, Jonatas “A aplicação do modelo ritual na análise antropológica”. 2002

De acordo com *Durkheim*, os rituais, embora suscitem estados de efervescência e delírio, não são irracionais e desprovidos de um sentido; as crenças, consideradas representações, tomam forma no ritual, através dos modos de ação. Ação esta, de acordo com *Turner*, movida/ acionada pelos próprios símbolos rituais. O antropólogo afirma que os símbolos representam/ remetem, através de qualidades análogas ou por meio de associações, a fatos ou pensamentos. Carregado de significados, portanto, o ritual, de acordo com essa perspectiva, se torna um sistema de comunicação dotado de linguagem e passível de interpretação.

Peirano afirma que a definição de ritual mais “absoluta”, e que contempla mais especificamente todos os aspectos, deve ser etnográfica (ibidem, p. 9). Isso significa dizer que o antropólogo deve apreender, levando em consideração a perspectiva dos nativos, os “momentos especiais” do grupo e quais signos e símbolos estão sendo acionados.

6.1 O culto golgotano como ritual.

O que percebemos através das descrições das atividades da *Comunidade Gólgota* de Curitiba é que acontece como uma espécie de lançamento de uma “rede de pesca”, em sentido figurado.

Através dos diversos meios de relacionamento entre os *golgotanos* e os “prospectados” (como o moto-clube, o teatro, a evangelização nas ruas, as bandas, a *internet*), a Palavra de Deus é lançada, a aproximação é feita como uma rede lançada para que o “peixe” seja trazido até a igreja. Esse é o trabalho de evangelização que os “emergentes” põem frequentemente em prática, não apenas os golgotanos.

O que se espera é que, quando caído na rede, o “peixe” não retorne mais ao “mar”, ao “mundo”. Se se vai se concretizar a conversão, se se trata de obra (uma ação) Divina ou não, não parece ser a maior preocupação do grupo em questão. Ao que me refiro com essa idéia de “pesca” é que essa estratégia de se mostrar, com esta identidade híbrida, para os “de fora” dá frutos, na medida em que, aqueles em fase de “prospecção” ao chegarem à igreja, percebem imediatamente uma identificação para com aquele lugar e aquelas pessoas. De certa maneira revivem a parábola da semente: aquele que adentra em local santo e recebe uma palavra de Deus (uma sementinha), pode jamais voltar a ser o que era antes – se a terra for fértil, a semente frutifica.

Porque, assim como desce a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam, mas regam a terra, e a fazem produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come. Assim será a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei. (Isaías 55:10-11)

A frase de “Pinguim”, apelido do baterista da *Banda Hawthorn*, quando lhe perguntado sobre suas apresentações nos palcos seculares da cidade, nos revela o que pode indicar esse tipo de “semeadura”:

A obra quem faz é o Espírito Santo, porque a bíblia é clara né? Você tem que ir e pregar o Evangelho. A bíblia não diz que você tem que pregar e converter pessoas. A bíblia não diz ‘vá e converta’, ela diz ‘vá e pregue!’

As ações giram em torno do domingo por causa do culto, especialmente. Eu poderia também apontar os *shows* de sábados como momentos rituais, mas eles não têm uma frequência específica e uma canalização das energias (no sentido de mobilização de diversas pessoas para um mesmo fim, cada uma no seu “cargo”) como acontece nos cultos. Nos *shows* nem sempre o pastor está presente e nem sempre se trata de *show* evangelístico, com alguma mensagem direcionada.

Identifico, assim como os golgotanos, o momento do culto como cerimônia ritual. Para eles, é o momento sagrado semanal. Acontece sempre no mesmo local, no mesmo dia da semana e na mesma hora, da mesma forma, pelos mesmos motivos. É o momento que eles identificam como momento de “comunhão”, momento de “adoração”.

Seguindo as características que *Peirano* apresenta, o culto pode ser considerado o momento em que observamos um fenômeno comunicativo, constituído de seqüências padronizadas de palavras e atos, possuindo uma formalidade e repetição, produzindo valores coletivos durante a *performance*.⁷³ É a ocasião em que o antropólogo visualiza o que, cotidianamente, seria invisível.

Trata-se de uma representação, e é pelo seu caráter revelador que o ritual, portanto, se torna uma categoria (um modelo) de análise eficaz da vida social. Os rituais, assim como

⁷³ Tratarei do conceito de *performance* mais adiante, por enquanto, vejamos a dimensão ritual, cf. Peirano “(...) rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e relações sociais” (2003, p.10)

mitos e ritos, tornam-se uma espécie de “*bricolage*” onde é possível observar, através de resíduos e experiências fragmentadas, uma composição múltipla da cultura.⁷⁴

O que, então, está sendo representado no culto da *Comunidade Gólgota* de Curitiba? O que está sendo representado através dessa música considerada tão “profana” nesse ambiente religioso; nesse choque entre estética e discurso? Com o objetivo de desvendar esta dupla representação dos golgotanos - , a religiosa e a musical - trago a questão da representação à análise.

Gustavo Blàzquez (2000) seleciona, a partir de definições de dicionários, quatro significados para a palavra “representação”:

- 1 – A representação é o ato ou efeito de tornar presente, patentear, significar algo ou alguém ausente.
- 2 – A representação é a imagem ou o desenho que representa um objeto ou um fato.
- 3 – a representação é a interpretação, ou a performance, através da qual a coisa ausente se apresenta como coisa presente.
- 4 – A representação é o aparato inerente a um cargo, ao status social e, assim, a qualidade indispensável ou recomendável que alguém deve ter para exercer esse cargo; num novo deslocamento, a representação torna-se posição social elevada. (BLÀZQUEZ, 2000: 170)

O que *Blàzquez* nos diz a respeito das quatro colocações escolhidas para seu trabalho é que, segundo as três primeiras acepções, a representação supõe uma separação entre a representação e o que está sendo representado. Ou seja, a representação se torna a presentificação do que está ausente através de uma imagem (verbal, icônica, dramática, material ou mental). A metáfora seria isso. Uma substituição. O que está sendo representado se encontra completamente separado do que o objeto que representa. A “presença de uma ausência” significa dizer que “no ato da representação, coloca-se em cena uma coisa que é e não é, simultaneamente: a coisa ausente e a coisa presente” (ibid, p.170).

Na quarta acepção essa separação não existe, e sim uma relação de continuidade entre a representação e o que está sendo representado. Não há mais a substituição de algo ausente por outro presente; a *representação* se torna, por estar ligada diretamente ao que está representando, tão poderosa quanto o representado. A imagem do presidente é tão ou mais poderosa que seu cargo. O caráter metonímico oferece uma preponderância do significante sobre o significado.

⁷⁴ Cf. Lévi-Strauss, em *O Pensamento Selvagem*.

Acredito que o uso do dicionário, como ocorreu no artigo de *Blàzquez*, nos fornece uma possibilidade interessante para pensarmos a representação. Percebo essas definições como ponto de partida para entendermos que, no caso no culto golgotano, a mimese opera tanto a nível metafórico quanto metonímico, na medida em que ocorre tanto a relação de continuidade quanto a de substituição. Ou seja: a representação mimética do *rock* “profano” dá à *performance* (religiosa) seu caráter de autenticidade, trazendo à tona a *semelhança*, desfazendo a alteridade. Ambos os estilos (*white* e *black Metal*, por exemplo) são iguais musicalmente falando. Neste sentido, haveria uma “continuação” através da fronteira sagrado/profano, e esta semelhança acontece pela contigüidade, pelo movimento entre as duas dimensões. Por outro lado, quando nos voltamos para os discursos, para o cenário, há o intuito de substituir, ou, de propor a diferença: parecemos “profanos”, mas somos “sagrados”. Neste sentido, é uma equivalência figurada, ou, como dizem os gramáticos, metafórica: uma comparação sem conectivo na medida em que o *Metal* “cristão” não seria *como* o *Metal* “pagão”. Seria apenas “o *Metal* cristão é *Metal*”. Assim, esta diferença, ainda que proposta conscientemente, através dos discursos, é gerada e consumida por ambos os lados desta fronteira. Portanto, em ambos os procedimentos de representação (metafórico e metonímico) a diferença é subsumida pela prática, pela performance, pela abrangência da secularização que vem envolvendo crescentemente os campos religioso mais variados, e especialmente este a que nos referimos, através de sua espetacularização.

Ao visualizarmos esse contexto já descrito anteriormente – uma música agressiva junto a um discurso sagrado – vemos que, fazer uma análise dos símbolos musicais isolada de uma análise dos símbolos religiosos não nos esclareceria muita coisa. É necessário ver o fenômeno justamente como ele nos aparece: híbrido, fundido, dubio e até contraditório.

Não seria apenas a ação musical e um simulacro do *Heavy Metal* que existe ali; é também (e simultaneamente) uma manifestação/ representação do “divino”.

Valeria a pena enfatizar: o que está sendo representado e como?

O Sagrado e o Profano. O sonho e a embriaguez. Fúria e promessa de salvação. Tapas, socos, gritos e a declaração de uma divindade. Veremos que essa natureza dupla é representada através da eficácia simbólica resultante da fusão entre a metáfora e a metonímia no momento da *performance*.

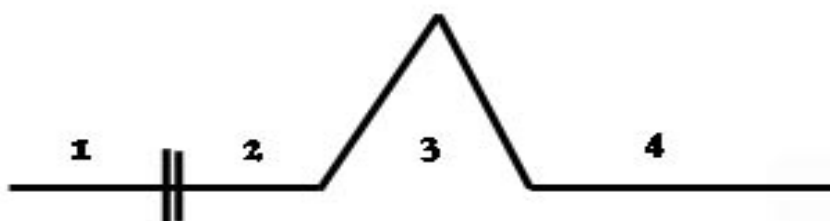
Trata-se de se trabalhar com as quatro definições de *Blàzquez*. Não é só uma metáfora – um Deus ausente presentificado através da manipulação de símbolos no culto/ ritual; ou até do próprio *Heavy Metal* (dentro do seu caráter profano) presentificado em uma “santificação”. É mais que isso, é metonímico – a representação (ritual), o representante (músicos/ pastor) e o

representado (sagrado) não se separam, mas funcionam numa espécie de “caleidoscópio”, onde, pelo caráter metonímico, os símbolos se movimentam, são remanejados, atuados e, ao significarem, criam uma “realidade” coletiva.

Nos anos 50, *Victor Turner* estudou, junto aos *Ndembu*, como essa sociedade se mantinha em momentos de crise. Foi aí que formulou um modelo de análise, a partir do modelo de *Arnold Van Gennep* sobre ritos de passagem⁷⁵, que lhe serviu para suas abordagens posteriores em sua segunda fase de estudos sobre a antropologia da experiência e da *performance*.

O modelo de *Gennep* identificava três fases do rito: (1) a separação, (2) a transição e (3) a reagregação. Quando *Turner* observa que as estruturas sociais⁷⁶ estão carregadas de tensões e pontos de conflito passíveis de afloramento, inclui nesse modelo mais uma fase, construindo então, seu modelo de drama social que se desdobra da seguinte forma:

(FIGURA 19: MODELO ESTABELECIDO POR VICTOR TURNER)



A primeira fase seria a ruptura – um rompimento público evidente em determinado campo de interação social, um embate, desacordo ou descumprimento de tabus, por exemplo. A segunda fase seria o momento de crise crescente que se revela com um estado de inflexão e um aspecto ameaçador/ desafiador em sua proporção. A terceira fase seria o momento da ação corretiva, que viria antes da reintegração social, ou resultado/ resolução da crise.

Momentos de crise são momentos em que os fatores não resolvidos da sociedade se manifestam, “irrompem substratos mais fundos do universo social e simbólico [...] as relações sociais iluminam-se a partir de fontes de luz subterrâneas” segundo *John Dawsey* (2005).

⁷⁵ VAN GENNEP, Arnold 1960 *The Rites of Passage*, Chicago, The University of Chicago Press.

⁷⁶ Sob a perspectiva da antropologia social britânica, as estruturas sociais são vistas como conjuntos de relações sociais observáveis.

Estas reflexões tiveram início com os trabalhos de *Victor Turner*, a partir de “O Processo Ritual”, em que discute as relações entre estrutura e anti-estrutura social em momentos específicos e extraordinários da sociedade - momentos esses que propiciariam experiências, que revelariam a estrutura social pelo seu “avesso”, de certa forma “brincando com o perigo”, colocando as estruturas em risco. Como diz *Dawsey* em outro artigo (id., 2007), nestes momentos rituais, sob o signo da subjuntividade, fricciona-se a experiência do real explorando suas dimensões de ficção:

abrem-se fendas em superfícies endurecidas. Manifestam-se elementos não resolvidos. Ctônicos. Vulcânicos. No espelho mágico dos rituais, sociedades se recriam, transformando elementos do caos em universos sociais e simbólicos. (DAWSEY, 2007)

Essa experiência antiestrutural – de “efervescência social” (remetendo à *Durkheim*) - proporciona que resíduos históricos sejam trazidos e articulados ao presente; a vida social se desmembra e se comunica em seus estratos interiores através de, muitas vezes, “efeitos lúdicos”; ocorrem montagens e recriações com fragmentos distantes através desta suspensão do cotidiano; a estrutura social se mostra frágil e se deixa perceber, inclusive revelando os laços que unem as pessoas, aproximando-as, sem mediações, por um sentimento de semelhança.

Figuras grotescas manifestam-se em meio a experiências carnavalizantes. No espelho mágico de uma experiência liminar, a sociedade pode ver-se a si mesma a partir de múltiplos ângulos, experimentando, num estado de subjuntividade, com as formas alteradas do ser. [...] De fontes liminares, imagens e criaturas ctônicas irrompem com poderes de cura para revitalizar tecidos sociais. Entidades ambíguas ou anômalas, consideradas como sendo estruturalmente perigosas, energizam circuitos de comunicação atrofiados. Abrem-se passagens em sistemas classificatórios estáticos. Surgem áreas de contágio. Espaços híbridos. Escândalos lógicos. (DAWSEY, 2005)

Impossível não aproximar a cena dos crentes golgotanos gritando e se debatendo como bárbaros ao som de uma música ainda mais brutal que o próprio movimento de seus corpos. Impossível não comparar esse momento “antiestrutural” de *Turner* com o momento do louvor, percebendo que, o que está sendo articulado (recombinado) ali são elementos sagrados e profanos – um tipo de música que, aparentemente, não combina com o que está sendo propagado.

Essa percepção - de que a partir da experiência liminar é possível visualizar “incoerências”- é a premissa que alavanca os estudos de *Turner* para uma perspectiva de “experiência” dentro de uma leitura estrutural. Nessa experiência liminar é possível encontrar a dimensão de “*communitas*”, na qual surgem símbolos multivocais (polifônicos) que articulam diferenças pelo seu dinamismo; criando metonimicamente significados dispersos entre si.

Chegamos então à segunda fase de *Turner*, que marca a antropologia através de um ponto de inflexão que se dá através do mútuo aprendizado entre o diretor de teatro *Richard Schechner* e o antropólogo *Victor Turner* com a proposta de uma antropologia da *performance*. Tanto o teatro quanto a antropologia são atividades (remetendo à colocação de Barthes 1990 citado por *Dawsey*) que “calculam o lugar olhado das coisas” - na medida em que as situações “representam” o real, permitem que os *performers* manipulem o real de acordo com normas e regras, mas também, para causar rupturas, como acontece normalmente com os experimentalismos na arte. Permitem, portanto, “calcular a maneira como se deseja que as coisas sejam vistas/ouvidas/apreendidas, compreendidas pelo público. Podemos dizer que, de certa maneira, todos nós “performatizamos”, e na maioria das vezes sem perceber. Conscientes disso, os antropólogos vêm se debruçando sobre os rituais de maneira geral, e, posteriormente, sobre as artes, como janelas, pontos de irrupção de papéis; o antropólogo diz que “se a vida cotidiana pode ser considerada como uma espécie de teatro, o drama social pode ser visto como meta-teatro.” (*TURNER* apud *DAWSEY* 2006)⁷⁷.

Pensar o culto cristão como um “ritual golgotano”, imerso num contexto de religiosidades fragmentadas pós-modernas (articuladas, adaptadas, recriadas) remete exatamente a esta perspectiva de *Turner*, através da qual se poderia pensar esta atividade religiosa não apenas como tradicionalmente se faria - ou seja, pensar o momento ritual como uma suspensão de papéis da vida cotidiana em uma sociedade industrializada, para a manutenção dos laços comunitários, solução de conflitos, etc - mas como uma prática religiosa que se adequaria às contradições sociais reproduzindo, justamente, o modelo ao qual se apareceria como oposto: o profano. O que acontece, segundo ele, é que

os gêneros que floresceram desde a revolução industrial (as artes e ciências modernas), embora menos sérios aos olhos da população em geral, (ciência pura, entretenimento, interesses da elite), têm apresentado um potencial maior para transformar os modos como as pessoas se relacionam entre elas e o conteúdo de suas relações.” (*TURNER* apud *DAWSEY* 2005).

⁷⁷ DAWSEY, J. C. . *Turner, Benjamin e antropologia da performance: o lugar olhado - e ouvido - das coisas*. Campos (UFPR), 2006, v. 7.

Vejo o fenômeno do *Metal* cristão, inserido no contexto de uma comunidade/ igreja, como um fenômeno liminóide. Esse termo é semelhante (porém não idêntico) a “liminar”, adequando-se de melhor forma às sociedades complexas. A “modernização” age sobre a sociedade descentrando e fragmentando a atividade de recriação de universos simbólicos; as formas de expressão simbólicas se dispersam no mesmo ritmo da fragmentação das próprias relações sociais.

De acordo com as características levantadas por *Dawsey* a respeito dos fenômenos e agentes liminóides, percebemos como o fenômeno golgotano pode ser considerado uma forma de ação simbólica com origem em uma fonte de experiência liminar, ou seja, o fato de estar nesta fronteira entre o sagrado e o profano como condição de “ser” e não apenas de “estar”, traz considerações interessantes:

(os processos liminóides) geralmente apresentam-se como produtos individuais, embora os seus efeitos freqüentemente sejam coletivos ou de “massa” [...] desenvolvem-se às margens dos processos centrais da economia e política. Trata-se de manifestações plurais, fragmentárias, e experimentais que ocorrem nas interfaces e interstícios do conjunto de instituições centrais [...] tendem a apresentar características mais idiossincráticas, associando-se a indivíduos e grupos específicos que freqüentemente competem num mercado do lazer, ou de bens simbólicos. Nesse caso, as dimensões ‘pessoais e psicológicas’ dos símbolos têm preponderância sobre as dimensões ‘objetivas e sociais’ [...] freqüentemente surgem como manifestações de crítica social que, em determinadas condições, podem suscitar transformações com desdobramentos revolucionários. (DAWSEY 2007)

Seria na esfera do lazer (como um setor do mercado) e criando gêneros de entretenimento que esse tipo de fenômeno, enquanto “atividade optativa” proporcionando prazer, ocupando “espaços exteriores às arenas centrais da produção industrial”, se manifestaria. Apesar de ser uma manifestação de cunho religioso, não seria exatamente o que a *Comunidade Gólgota* nos apresenta em seus cultos? Uma fonte de lazer/ prazer, capaz de mudar a forma como os indivíduos se relacionam com a religiosidade ou a não-religiosidade?

Dentro da “crise de ação simbólica” que *Turner* nos aponta como sendo fruto do enfraquecimento dos gêneros expressivos no mundo contemporâneo, a igreja *Gólgota* não poderia ser vista como a criadora de um gênero religioso “liminoide” que busca articular certos conteúdos tradicionais das igrejas do passado no presente e, então, criar uma nova realidade a partir disso?

Aqui trago as considerações que *Lévi-Strauss* faz à arte. O conceito de “modelo reduzido” remete à obra de arte como um condensado de estética e carga informativa/conhecimento. Uma *bricolage* condensa em suas partes a totalidade – ao visualizarmos as partes, enxergamos o todo. O “*bricoleur*”, no nosso caso, o golgotano (esteja ele em cima do palco tocando, ou embaixo do palco “batendo cabeça”), manuseia (como que “feito à mão”) os elementos (linguagem, comportamento, música, por exemplo) de forma a formar uma “obra” fragmentada, uma “realidade momentânea” (uma “obra momentânea”) no ato do louvor. O que se vê é um condensado de valores/ princípios, crenças, costumes, gestos que são executados pelos envolvidos – trata-se de uma experiência sobre o objeto religioso: o *louvor*. Nessa aproximação da noção de *modelo reduzido* da obra de arte ao *louvor golgotano*, vemos o resultado das “colagens” - a mistura entre uma estética “do mal” e o discurso pentecostal “do bem” – uma nova realidade que produz uma identidade de “crente” diferente – uma identidade “ajustada” ao mundo atual, apresentando uma eficácia ritual e ao mesmo tempo sendo fator de entretenimento⁷⁸.

Por outro lado, *Turner* dá atenção aos *ruídos*. Ainda seguindo a leitura que *Dawsey* (2006) faz das idéias de *Turner*, a noção de *ruído* se encaixaria em uma espécie de “agramaticalidades, atos falhos, elipses, hesitações, incoerências, erros”, ou “tensões sociais” que já foram citadas aqui. Na realidade o que ele propõe ressoa o que *Turner* propôs. Uma sismologia da *performance*. É desviar o olhar. A sismologia remete à profundidade.

Uma tensão social não remete somente a um momento de conflito, como a palavra sugere. Uma tensão, antes de tudo, é um momento de “atenção”, “alerta”. Uma interrupção, um abalo, um sismo.

Uma sismologia seria o estudo dos sismos. Sismos são terremotos, abalos. Um terremoto é um tremor passageiro que ocorre na superfície terrestre, mas que é provocado nas placas tectônicas, as camadas mais profundas da terra. Esses blocos estão em constante movimento, se afastando e se aproximando, e é entre esses encontros e desencontros que abalos acontecem.

Não é mera coincidência essa analogia da sismologia da *performance* com o assunto da “crise de ação simbólica”. É na *performance* (enquanto representação das “contradições estruturais”) que os indivíduos agem sobre símbolos (portanto tem uma experiência sobre o objeto) criando, atualizando, ressignificando “significados”.

⁷⁸ Schechner, Richard. *Performance Studies, an introduction*. London: Routledge, 2002.

Enfim, enfatizo a citação de *Dawsey* para dizer que, de acordo com ele, uma antropologia da *performance* se interessaria por esses momentos contraditórios, “arredios: resíduos, rasuras, interrupções, tropeços e elementos liminares. Ruídos.”

E o que são os rituais se não momentos de “terremoto”? Momentos nos quais a sociedade reflete sobre si mesma, se mostra, ao mesmo tempo em que revela aquilo que está nas camadas mais profundas de sua estrutura - “elementos não resolvidos”, “suprimidos”, as “tensões sociais”. Pois é justamente nos momentos de *louvor* do culto *golgotano* que a contradição é representada: uma mistura perfeitamente “calculada”, no sentido proposto por *Dawsey*, entre o sagrado e o profano. O resultado é essa duplicidade em todos os seus “traços”: a personalidade do fiel, sua produção artística (seus zines, bandas, e todo o conteúdo virtual), seu comportamento, hábitos, e seu discurso que remete às Escrituras Sagradas.

Portanto, tanto a música quanto a religiosidade se encaixam em minha análise como símbolos “flutuantes” desse culto. Ao traçarem a estratégia da “pesca” (evangelização), esses dois símbolos são trabalhados de maneira a criarem uma “negociação”, ou seja, uma possibilidade de “mediação” através da qual tanto o *Heavy Metal*, quanto o ritual sagrado, são adaptados.

A gente gosta muito de brincar nos limites né? Um problema da *Golgota* é esse... acho que as pessoas das outras denominações estão em vantagem com relação a nós. Porque a *Golgota* é uma igreja que caminha nessa linha muito tênue entre o sacro e o profano, entre a fé e o ateísmo, entre o reino e o mundo.. a gente caminha nessa linha muito estreita. (Pipe, culto 17/04/2011)

O que quer dizer esse “cálculo” e “manipulação” de sua identidade? Estamos aqui no cerne de uma teoria da mimese.

Walter Benjamim (1985) já havia escrito sobre a inclinação natural humana para produzir semelhanças. As brincadeiras infantis, que segundo ele, se constituem na escola dessa faculdade mimética, nos ilustram que a atitude da criança em imitar um comerciante, professor, moinho de vento ou trem, vai além da mera imitação; se trata de uma capacidade que insere o sujeito no mundo (atribuindo sentido a ele) por meio da percepção e da linguagem. Essa organização mental e perceptiva que se configura em reconhecer e, então reproduzir as semelhanças, está inserida num processo onde representação e expressão são inseparáveis.

Michelle Puetz (2002) seleciona, a partir do *Oxford English Dictionary*, três definições para “*mimesis*”: (1) uma figura de linguagem através da qual as palavras ou ações de outros

são imitados, e a imitação deliberada do comportamento de um grupo de pessoas por outro seria como fator de mudança social; (2) a mímica, por outro lado, seria a ação, prática ou arte de imitar (muito proximamente) uma forma, gesto, fala ou modo de ações e pessoas, ou características superficiais de uma coisa; (3) ambos os termos são geralmente usados para denotar a imitação ou representação da natureza, especialmente na estética.

Esse é um termo que desde a antiguidade grega vem sendo apanhado por uma série de pensadores, trabalhado em diferentes campos do saber e sob diferentes perspectivas epistemológicas. De acordo com o levantamento de *Carlos Ceia* (2005), podemos apontar teóricos como *Ingarden*, *Sklovski*, *Vygotski*, *Jakobson*, *Barthes*, *Genette*, *Hamon* ou *Erich Auerbach* que se relacionam com o conceito de verossimilhança; esse último, traçando dentro da história da literatura ocidental, a relação do texto literário com o mundo. Mas ainda há outros autores importantes como, por exemplo, na crítica literária, *Northrop Frye* retomando a idéia aristotélica de *mimesis*; *Georg Lukàcs* focando na filosofia de *Pitágoras* e *Jacques Derrida* dentro de uma proposta semiótica de *mimesis*.

Sabe-se que a inserção em determinado agrupamento social (seja ele profissional, de lazer ou religioso, por exemplo) se dá pelo acesso a uma rede de símbolos partilhados pelo grupo. Um indivíduo que deseja fazer parte de um time de futebol, por exemplo, deve, além de aprender o esporte, reconhecer sua camisa (as cores e símbolos), as posições dos jogadores em campo, os dias de treino, o “grito de guerra” ou hino, os apelidos dos parceiros – todas essas informações são ícones necessários para que o indivíduo circule e partilhe do mesmo sistema de representação desse grupo.

De acordo com a idéia de “comportamento restaurado” de *Schechner*, que será melhor abordado adiante, essa adequação a determinado meio requer uma percepção. Um “modelo para” (*Geertz* 1978) que orienta o indivíduo a agir e desempenhar o seu papel. Esse foi o ponto que Benjamin levantou no exemplo nas brincadeiras infantis. Quando o indivíduo reproduz ou imita, antes ele percebe e interpreta. Perceber e interpretar implicam em “refletir”, “selecionar”.

Assim, trago de volta a questão da construção da identidade golgotana a partir da pergunta levantada anteriormente: O que quer dizer esse “cálculo” e “manipulação” de sua identidade?

Nesse momento acredito que fique mais nítida a visualização do comportamento de “cálculo” pautado na percepção. A discussão de Michael Taussig, citada anteriormente, nos ajuda a entender esse comportamento. Ele chama de faculdade mimética

a natureza que a cultura usa para criar uma segunda natureza, a faculdade de copiar, imitar, fazer modelos, explorar diferenças, a produtividade para tornar-se um outro. A maravilha da mimesis reside na cópia do desenho sobre o caráter e poder do original, até o ponto em que a representação pode até mesmo assumir esse caráter e esse poder. (TAUSSIG 1993: introdução xiii, tradução minha⁷⁹)

Relembrando a quarta acepção de “representação” de *Blàzquez*, essa perspectiva da faculdade mimética é fundamental para entender esse cálculo identitário golgotano por nos remeter ao caráter metonímico da representação. Declarar que o poder da representação pode se tornar tão forte a ponto de chegar a assumir ela própria o poder sobre o original não nos levaria a ver a produção golgotana dentro de uma perspectiva metonímica, onde não há uma mera imitação, perfeita e idêntica, da forma de ser secular do *Metal*, mas uma nova forma de ser religioso a partir da secular? E se torna tão “poderosa” que cria uma nova realidade, um novo significado.

Enfim, como ser “*Metaleiro*” e cristão simultaneamente? Essa é a mimese golgotana. Ela funciona como um pêndulo contínuo entre sagrado/ profano – identidade/alteridade na medida em que ao perceber e selecionar elementos seculares para sua própria identidade religiosa, esta mimese joga com limites e constrói uma nova religiosidade e secularidade agregada a uma nova musicalidade. Essa é a importância da percepção para a criação da identidade, pois é necessário que se conheça o que se está copiando, e que se selecione traços específicos para que esse pêndulo não se desequilibre, atingindo seus objetivos.

Em termos de uma teoria da cultura, o que poderia significar “caminhar nesta linha muito tênue” entre isso e aquilo, como Pipe fala?

Quando *Clifford Geertz* (1978) afirma que a cultura é um “documento de atuação pública”, ele expõe sua “teoria da cultura”. Esclarecendo que ela é um conjunto de regras e mecanismos atuados através de signos, se torna passível de ser interpretada e inclusive, observada no cotidiano, para além da superfície - que só pode ser compreendida através da etnografia, realizada “por entre” as estruturas significantes dispostas hierarquicamente através destes comportamentos.

⁷⁹ Texto Original : “I call it the mimetic faculty, the nature that culture uses to create second nature, the faculty to copy, imitate, make models, explore difference, yield into and become Other. The wonder of mimesis lies in the copy drawing on the character and power of the original, to the point whereby the representation may even assume that character and that power”.

Vemos que, a partir de um conceito semiótico de cultura, a proposta de interpretar/ler um fenômeno deve ser pensada em termos de observações da ação dos sujeitos. As estruturas de significação são estabelecidas socialmente e atuadas publicamente; é na ação que os significados são construídos, pensados e negociados. Por isso a importância de um conceito que releve a ação humana (atuações públicas, coletivas, experiências), pois a cultura de um grupo, como a Comunidade Golgota, é e pode ser apreendida/representada, através do espelho da *performance*. É a representação/expressão da experiência golgotana que vemos nos momentos de culto, por exemplo. Toda aquela experiência coletiva que a música media com o sagrado é metaforicamente expressa na *performance*, nos gestos, no cantar, no dançar, na forma da oração. O que os golgotanos estão encenando é a sua própria maneira de pensar e atuar a cultura, no momento ritual.

Nos capítulos anteriores foi abordada a questão das configurações religiosas contemporâneas e o surgimento de uma identidade cristã “emergente”. O que vemos, é que, não apenas as formas religiosas vêm se acomodando a uma sociedade moderna de consumo, mas os demais campos da sociedade vêm também se abrindo para adaptações, conexões, mediações no que diz respeito às suas identidades. Quando *George Marcus* (1991) diz que “os processos de identidade na modernidade consistem num espírito sem lar” – levando em consideração que assim também ocorre com as identidades religiosas – é necessário que atentemos, dentro de uma leitura antropológica, a esses sincretismos, situações de fronteira e hibridismos para que compreendamos estes fenômenos.

Considero, portanto, a linguagem da *performance* um método de representação e análise que abre possibilidades de interpretar essas “conexões” e “hibridismos”, atuados, como sugeriu *Clifford Geertz*. Trata-se de um conceito que possibilita olharmos para esses “bastidores” das estruturas de significação atuadas. É um conceito flexível, flutuante (compatível com a realidade das identidades contemporâneas) que contempla situações de jogo, de negociações identitárias, de situações de fronteiras borradas como o caso da mimese golgotana. Quando se fala em *performance*, se fala em experiência.

O filósofo alemão *Wilhelm Dilthey* propôs um estudo das expressões (representações, *performances*, objetificações) que se configurou numa hermenêutica das áreas expressivas humanas; a experiência vivida como método de interpretação da história. O filósofo utiliza o termo *Ausdruck* (de *ausdrucken*) que significa “espremer” ou “expressão” - de acordo com a

explicação de Dawsey⁸⁰ “através do processo de *performance*, o contido ou suprimido revela-se”.

A partir de *Dilthey*, então, *Turner* discorre sobre as cinco fases/ momentos que constituem a estrutura processual de cada *erlebnis*, ou experiência vivida: (1) algo acontece no nível da percepção (e a dor ou o prazer pode ser sentido de forma mais intensa do que os comportamentos repetitivos ou de rotina); (2) as imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda –; (3) as emoções associadas aos eventos do passado são revividas; (4) o passado articula-se ao presente numa "relação musical" (conforme a analogia de *Dilthey*), tornando possível a descoberta e construção de significado; e (5) a experiência se completa por meio de uma forma de "expressão". (*TURNER* apud *DAWSEY* 2006).

O termo “*performance*” deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – é referente ao instante da expressão - “a performance completa uma experiência” (ibid). *Richard Schechner* (2003) diz que performances podem ser rituais, artísticas ou cotidianas mas que existem apenas na ação, interação e relacionamentos – elas “afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias”; ela cumpre funções como “entreter; fazer alguma coisa que é bela; marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma identidade; curar; ensinar; persuadir ou convencer; lidar com o sagrado e com o demoníaco”. Na definição de *Schechner*, a reflexividade se constitui num elemento essencial na *performance*, como veremos a seguir.

Gostaria de enfatizar que proposta de *Dawsey* (2008) de uma “sismologia da *performance*” na medida em que parece muito apropriada para a análise dos cultos golgotanos ao remeter à proposta de *Geertz* no que se refere à atuação pública de estruturas hierarquizadas pela organização social, ou seja, haveria uma “escolha” destas estruturas no momento de atuação, de acordo com os interesses do momento. Os momentos de “sismos”, momentos de *performance*, ação/ comportamento, são os momentos em que o movimento do pêndulo entre sagrado e profano, identidade e alteridade está agindo continuamente tornando a mimese golgotana visível.

Se, como *Turner* diz, que seria através da performance que tomaríamos consciência de uma experiência, e se, segundo *Geertz*, é através da vida cotidiana (portanto, as experiências) e dos significados atuados que podemos realizar os “significados”, podemos afirmar que o momento do louvor é o momento mais performático das ações religiosas do grupo, enfim, o

momento ritual quando vem à tona ruídos, contradições, a própria essência do grupo fica aparente através da situação de liminaridade: “os ruídos mais interessantes para análise antropológica são os produzidos pelas próprias *performances*.” (Dawsey 2007) Uma experiência liminar se caracteriza por um efeito de estranhamento em relação ao cotidiano e a si mesmo. Momentos de *performance* são momentos reflexivos, pois segundo Turner, através das performances nos revelamos para nós mesmos.

Continuando, Schechner diz que qualquer *performance* é feita de “comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que tem que repetir e ensaiar” (ibid). Dentro de uma noção de repetição, o diretor de teatro explica que, quando o artista recorre ao seu conhecimento sobre o comportamento que irá encenar, ele está buscando uma referência – seria um comportamento do comportamento (por isso duplamente exercido), uma “recombinação de comportamentos conhecidos”, rearranjos, reconstruções. Quando me referi ao fato de os golgotanos realizarem este ato de “calcular a maneira como se deseja que as coisas sejam vistas/ouvidas/apreendidas, compreendidas pelo público” foi justamente pensando na *performance* como momento de reflexão, quando eles também buscariam as mencionadas “faixas” de comportamento (*strips of behavior*), às quais Schechner se refere, e, que neste caso específico, seriam referentes à essa música (heavy metal) e a esse discurso (religioso).

Pensando através dessa noção de Schechner, podemos entender esta experiência performativa do culto como um comportamento restaurado, na medida em que ela permite que esses jovens realizem um passado bíblico, portanto sagrado, num presente musicalmente profano. Não somente o comportamento religioso é restaurado como também o musical – pois o próprio *Heavy Metal* (dito “profano”) é também buscado como referência. Vivendo no ritual uma situação de liminaridade, os indivíduos na condição “*between and betwixt*”, nem lá nem cá, realizam seu “quase ser” através da *performance*.

Essa possibilidade de experimentar várias identidades (inclusive antagônicas) simultaneamente é uma propriedade da *performance*. E essa música, da mesma forma, possibilita essa explosão (quase que literal) naquele espaço nos finais de tarde dos domingos, com pontos de luz (ao mesmo tempo a ausência dela), cores (ou a ausência de cor), rostos irados, corpos energizados, violentos como o movimento de animais selvagens devorando uma presa e cantando para Satanás: “Mas quem é você para decidir o que é certo? Não diga mais nenhuma palavra. Você ultrapassou os limites”⁸¹

⁸¹ Letra traduzida de August Burns Red – “White Washed” – tocada (e cantada em português) frequentemente no louvor.

O “quase ser” através da *performance* deve ser pensado também como uma condição de ser. Ainda que seja possível visualizar esses jovens como em “constante liminaridade” (sem passagem, sem fim) é justamente isso que lhes dá o status de “indefinidos”. O que quero dizer é que o “quase ser” profano ou sagrado se transforma em ser profano e sagrado, pois o hibridismo é da natureza desta configuração religiosa. Não se trata apenas de um cálculo cauteloso ou até maquiavélico, como pode parecer, entre parecer ser mundano, mas ser religioso, ou o contrário. O próprio Pipe tem a noção (como mostra seu depoimento em culto) de que ao se consumir, entre aqueles ouvintes, certos costumes, reforçar certas idéias referentes à liberdade do crente no universo secular⁸², cria-se um “problema”, como diz ele, nessa “linha muito tênue” entre a fé e o ateísmo, o reino e o mundo. Percebe-se como a noção de oposição entre isso e aquilo existe— o bem e o mal são antagônicos, mas não significa que sejam intocáveis ou incommunicáveis.

Essa maneira de experienciar a religiosidade (“secularmente”, poderia se dizer) pode ser entendida como própria desse meio de transformações religiosas do meio evangélico. Como disse Sanchis (ibid), um “retorno do sagrado”, “fortalecimento do sagrado”, “recomposição da religião”, e não a morte dela. Afinal, como também afirma Cunha (ibid), a própria cultura gospel permitiu “aos evangélicos brasileiros se inserirem na forma de viver a fé e relacionar-se com o sagrado, elementos profanos, aqueles integrantes da cultura do mercado.”:

A cultura gospel, dessa forma, facilitou um processo de inserção social dessa religião, marcada historicamente pela crise na relação igreja-sociedade, e, ao mesmo tempo, foi configurada por esse mesmo processo de inserção. A pregação do “mundo mal” ao qual se devia renunciar ao aderir uma igreja protestante foi relativizada e permitiu uma atenuação no controle comportamental – a clássica ética restritiva protestante do “não beber”, “não fumar”, “não dançar”, “não se misturar com o ‘mundo’”, pois “os crentes são diferentes”. (ibid, p. 240)

O que parece, entre essas economias religiosas contemporâneas, é que não apenas o religioso (o sagrado) se transforma/ se molda mas o próprio secular deixa de possuir sua aura “impura”, como algo intocável e pecaminoso para entrar num regime de dosagem. Quando *Meister* nos indica características das igrejas emergentes fica claro que a mistura de discursos

⁸² A bebida alcoólica, as idas às “noites de *rock*” seculares, as amizades sem restrições, por exemplo.


(o pluralismo) – como a negação de absolutos está presente no ethos golgotano. Assim como o sinal de protesto.

Algo extremamente freqüente entre as conversas golgotanas, e até mesmo nas pregações de Pipe, é o “deboche” e o descaso à classe gospel evangélica. Interessante perceber como essa palavra (“gospel”) assume entre eles um tom pejorativo – o protesto é claro, a negação evidente. Se trata de um grupo de pessoas amantes do *rock* pesado que se propõem a exercitar um ministério alternativo e fora do que poderia se chamar de “idolatria” ou sistema “manipulador”, mas que, contraditoriamente, têm em sua gênese social-histórica a própria cultura gospel. Afinal foi ela quem abriu as portas para essa música existir dentro da igreja. A que então estão se referindo os golgotanos ao negarem o gospel em suas práticas?

Algumas printscreens⁸³ foram retiradas no tópico de relacionamento do *Orkut* sobre o assunto:

⁸³ As printscreens foram tiradas amplamente com a pretensão de mostrar o contexto da discussão das pessoas e não apenas as frases isoladas. Grifos em vermelhos para as falas onde gostaria de chamar a atenção.

(FIGURA 20: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)



Você tem que deixar de ser brincalhão, ter que ser mais sério se não eu te amaldição em nome de Jesus!

Filipe - 22/05/09

Bellebi, não é que você leve as coisas a sério. A real é que vc está sendo muito inocente (no mal sentido) e vendo "jesus" onde na verdade Jesus não está.

Nosso papel como crentes não é dizer "pois é... mas lá no fundinho tem algo de bom...".

Se sempre ficarmos com essa de "lá no fundinho em algo de bom", vamos acabar engolindo mosca, ficando com dor de barriga e colocando a culpa no diabo.

Está na hora de nós como cristãos dizermos NÃO para essa baboseira gospel (ops! não posso usar essa palavra) e lutar para que ela tenha fim!

"Oh meu Deus! Ele deseja ver a "morte do mundo gospel? Oh céus...!"

Sim! Desejo muito ver o fim dessa cena gospel moderna, industrializada e que mais cria robôs manipulados por manipuladores, do que servos autênticos do Senhor Jesus.

Se Paulo (sim, o da bíblia) estivesse aqui em nossos dias e visse algum pastor/pregador/apóstolo/bispo/reverendo /unção de vacas santa pregando o que se prega hoje em dia... o pau ia comer meu velho!

""Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema. Como antes temos dito, assim agora novamente o digo: Se alguém vos pregar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema".

Paulo não alivia a barra pra tentar "suavizar" e contornar a situação comendo algodão doce. Paulo fala de amor, fala de graça, de perdão... mas quando o assunto é tratar das heresias que vem sido inseridas dentro da igreja, ele não perdoa.

O mal dos crentes de hoje em dia é sempre dizer que "Deus vê o coração, Ele sabe de tudo". Deus sabe de tudo, mas nós podemos testificar ou não se as palavras que saem da boca de um dito apóstolo são ou não verdades bíblicas.

Ou tomamos um postura de quebrar todo esse sistema gospel maligno, orando para que o povo volte a adorar ao Cristo verdadeiro... ou se não, tenho sérias dúvidas quanto aos que realmente são crentes (na verdade já tenho).

É hora de chutar o balde e clamar a Deus!

Não se chama a ninguém chutar!

(FIGURA 21: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)



COMUNIDADE GOLGOTA
(1.797 membros)

 fórum
 enquetes
 eventos
 membros
 ver perfil

FRASES GOSPEL

Início > Comunidades > Religiões e Crenças > COMUNIDADE GOLGOTA > Fórum: > FRASES GOSPEL

mostrando 1-10 de 21


primeira < anterior | próxima > | última 17/06/09

Deborah


FRASES GOSPEL

1. Amém? Está fraco. AMÉMMMM?
2. Quem quer receber uma bênção de Deus hoje, levante a mão.
3. Existe a lei da sementeira, e o número da conta é...
4. Isso é roubo, meu irmão; você nasceu pra ser cabeça, não cauda!
5. Esse acidente aconteceu porque você deve ter dado brecha.
6. O Diabo quer lhe destruir.
7. Estou vendo uma obra de bruxaria em sua vida.
8. Vamos quebrar as setas inimigas.
9. Nada vai impedir que você seja um conquistador.
10. Não há nada de errado com o dinheiro; o único problema é o amor ao dinheiro.
11. Nossa denominação ainda vai conquistar o mundo.
12. A partir de hoje São Paulo nunca mais será igual.
13. Nós somos um povo que não conhece derrota.
14. Venha para Jesus e pare de sofrer.
15. Você é filho do Rei e não merece estar nessa situação.
16. Temos a visão de conquistar a Europa para Cristo.
17. Essa doença não existe, ela é apenas uma ameaça do Diabo.


(FIGURA 22: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)



Franco - André
 16/06/09
 nunk vi ninguém da golgota se levantando em meio aos crentes pra tentar mudar isto, talvez pq eu conheça pouco ainda sobre vcs, espero q vcs tomem atitudes ou pelo menos orem pra q alguma coisa mude, pq só de discurso, todo mundo já tá cheio.
 Cara o que eu já tentei mudar o meu antigo ministério e só me quebrei de verde... Cara se a igreja tá crescendo e prosperando daquele jeito, eles nunca vão mudar...
 Digo por experiência própria...





MACARRÃO
 16/06/09
 é por aí mesmo... o que eu faço é me colocar contra, não tenho o menor interesse em apoiar esse sistema gospel que tem por aí, não mesmo, quando alguém toca no assunto comigo, eu me expresso radicalmente contra.
 Isso que vc chama de 'tentar melhorar' seria como fazer o cocô ficar cheiroso.
 Eu quero mais é que acabe, já disse e repito... às vezes é preciso que muita gente "se desvie" desse sistema de comércio e manipulação pra poder, a partir daí, começar a conhecer Deus de fato, e a entender a graça da cruz de Cristo.
 O que não for pela fé mediante a graça e somente a graça é como a oferta de Calim.
 Porque qualquer outra coisa que tente substituir a cruz, como por exemplo essa "santificação comportamental" que eles pregam, que é ficar sem ver TV, sem ouvir música "do mundo", como se isso fosse nos fazer ser aceitos por Deus, vc pode chamar de qualquer coisa menos salvação. Dessa mesma idéia vêm todas as religiões do mundo: Induismo, Budismo, Islamismo... inclusive o cristianismo sem a justificação pela cruz de Cristo.
 Portanto eu não tenho o menor interesse em sustentar esse monstro que já se criou aqui no Brasil chamado **GOSPEL**, não conte comigo.
 Bruno
 Cara o que eu já tentei mudar o meu antigo ministério e só me quebrei de verde... Cara se a igreja tá crescendo e prosperando daquele jeito, eles nunca vão mudar...
 Digo por experiência própria...





Braian
 16/06/09
 Me meu ministério natian também nos ensinamos a não sermônizarmos e minha missão era alcançar toda a...

(FIGURA 23: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)

 eventos

 membros

 ver perfil



Inativo


14/06/09

q eles são radicais assim buscando agradar a Deus, não querendo simplesmente ser religiosos...ou hipócritas, pq eles sabem q Deus odeia a falsa religião e a hipocrisia. Às vezes o Diabo pode acabar cegando os cristãos sem agente perceber... Vamos orar pra Deus abrir os olhos dele, melhor do q soltar "palavras ao vento" como estamos fazendo aki.

Não é fácil estar aonde eles estão, então ao invés de só tacar pedras, pq naum oramos por eles??? E mais um detalhe, não conhecemos muito da vida deles, palavras nem sempre expressão da melhor forma o q vai no coração do homem.

Da msm forma q naum condeno o Bono naum vou condenar o Cris.

obs.: Sei q sou polemico aki e pra muitos sou um defensor do gospel, não to nem ai o q pensam de mim ou o q falam de mim, é esta minha posição. Se kiserem takem pedras, toda critica q naum for construtiva eu ignoro.



Inativo

14/06/09

Uma critica construtiva: Vai misturar cimento! Como aquele que defende "a fé que uma vez foi entregue aos santos" (Judas 3) você não está fazendo um bom trabalho..

Ai meus saís..

Brasileiro adora ser idôlatra, não é mesmo?

Antes era Tupã, depois veio Maria, depois veio Hernandes e Valadão..


Brasileiro adora ser místico, não é mesmo?

Antes eram as simpatias, depois veio a "cueca da sorte", o bate na madeira, agora são "os sete espíritos de Deus", "sete semanas de poder", "governo dos doze", etc, etc..

Brasileiro não quer aceitar, de maneira nenhuma, que simplesmente NENHUMA obra que fazamos pode nos salvar desse mundo mal e NADA que possamos fazer pode nos aproximar de Deus, que em NADA precisa de nós, mas se aproxima de nós e nos salva pela Sua graça..

Jesus é o único caminho para Deus, é tão simples.. Não precisamos de simpatias nem idolatrias gospel para sermos amados por Deus nem para termos a alegria que Ele nos dá. Só precisamos nos relacionar com Ele, nos arrepender de nossos maus caminhos, orar sempre e ler sempre a Bíblia para conversar com ele.. É tão simples, pois é essa fé que nos dá acesso a Deus.. É por meio dessa fé que a graça de Deus nos salva.. O esquema é fugir dessa Babilônia gospel e continuar nossa caminhada rumo ao Alvo que nos conduz à vida eterna..





P.S. Quando falo de brasileiro, não estou querendo comparar a nossa cultura a nenhuma outra cultura, mas é porque somos brasileiros, então o problema é nosso..



André Belletti

14/06/09

(FIGURA 24: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)

	<p>André Belletti odeio idolatria e mistisismo se eles estão usando disto, com roupagem "gospel", espero q mudem logo.</p>	14/06/09
	<p>Franco - Não é pq eu naum concordo com as idéias do cara é que eu vou deixar de ouvir a musik dele ... André falei brincando que ia excluir os albúns dele. Rsrsrcsr: Mas concerteza ele viajo na maionese ... E FDH só tem umas 3 música que presta ...</p>	14/06/09
	<p>MACARRÃO André Belletti "Não é pq ele é legalista em alguns pontos q eu vou deixar de adorar a Deus com a musik deles, Deus conhece o meu coração e conhece o coração deles tb..." Um dos principais problemas tá bem aí nessa sua afirmação. Ainda existe no Brasil essa mentalidade de que adoração é um momento em que vc para, coloca uma música lentinha, com expressões de bajulação a Deus, aí então vc "apresenta" adoração pra Deus. Quando os evangélicos entenderem que adoração não é música e não depende de música, talvez sejam libertos desses picaretas gospel!</p>	15/06/09
	<p>MACARRÃO Eu vi diante dos meus olhos uma das cenas mais ridículas da minha vida, foi justamente um episódio com essa banda aí... em 2003 eu tava na Jocum em Porto Velho - RO, e uma galerinha me convidou pra um show deles (embora eles jurem que não é show, mas "ministração" hehe), na época eu não tinha a menor ideia do que era FDH, mas fui e fiquei observando. Eles entraram no palco logo de cara falando aquelas coisas do tipo "você é livre pra pular, pra fazer macacada etc", daí começou a primeira música que era até meio "pesadinha", com pedal duplo e tudo. Lá no meio da galera tinha um brother bem louco que eu conheci, ele nem era crente, tinha um moicano de uns 30 cm, calça toda rasgada... de repente ele subiu no palco pra dar um salto e a galera esperando lá embaixo, mas aí quando o Cris viu, largou o violão de lado, correu em direção ao muleque e deu tipo uma rasteira pra não deixá-lo pular. Meu, o muleque quase se arrebentou palco abaixo.</p>	15/06/09

Melhor do q criar estes tópicos só tacando pedra no gospel, pq vcs naum espoe os fatos e oram pra q o q não for de Deus, mude?

minha opinião

eu não vejo nada de mau em criar tópicos como este, muito pelo contrário, eu acho até q é bom por que através destes tópicos a gente acaba vendo melhor como são as coisas e aprendendo mais... é importante orar para q o q não for de Deus mude mas é importante também a gente tentar ver aquilo que tem de errado nas coisas para acabar não cometendo os mesmos erros!!!



falou e disse...

Outro dia mesmo eu vi no youtube um programa que tinha na tv chamado linha direta, que era de investigação tal... na época eu não vi, só fiquei sabendo agora através do youtube. Era o caso de um garoto chamado Lucas Terra que foi assassinado por um bispo da Universal.

Havia uns comentários embaixo, pessoas dizendo assim "eles passam essas coisas na TV só pra escandalizar a igreja, essas pessoas não tem medo de falar mal de LIBERES", isso pode atrair maldição" ... alguns comentários como esse.

Portanto, voltando ao assunto, o que me irrita de fato é essa mentalidade medieval que encobre um monte de atrocidades, as pessoas vivem com medo dessas ameaças de maldição, simplesmente porque os caras são "líderes" ...

A fé cristã precisa ser vivida com base na verdade ou não é cristianismo, e sim alienação.

Não há nada mais confortável para alguém que quer se dar bem do que fazer o que quiser e ninguém poder falar nada contra, pois supostamente será amaldiçoado, ou vai escandalizar, ou seja lá qual for o argumento, eu ouço o tempo inteiro os crentes dizendo "Ele pode até estar roubando, mas eu não vou me levantar contra, porque ele é líder, Deus conhece o coração". As vezes, é preciso mesmo "escandalizar" pra que as pessoas percamos os falsos alicerces, e a única chance de talvez elas reconheçam sobre o alicerce da verdade que é Cristo, acredito que muita gente precisa ser considerada "desviada" desse sistema **coronel** pra começar a conhecer a Deus, a verdadeira liberdade que há no sangue de Jesus.

TENHO DITO!




...ah, e pra não deixar passar em branco...
essa história que contei foi o único contato que tive

(FIGURA 26: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)

É preciso atentar para o que realmente as Escrituras dizem: “... a caridade cobrirá uma multidão de pecados” (1 Pe 4:8). Dentro do contexto bíblico, cobrir significa perdoar.

E a diferença entre cobrir e encobrir pecados é vista principalmente no Salmo 32: “**Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto**” (v. 1); “**Confessei-te o meu pecado, e a minha maldade não encobri**” (v. 5).**Fonte (Livro):** Erros que os Pregadores devem evitar - Ciro Sanches

15/06/09




Macarrão:
...essa história que contei foi o único contato que tive com a música desses caras, nunca comprei cd, nunca baixei nada...
Mentira. Se é presidente do fã club dos caras no Brasil. Tem todos os cds, todas as palhetas, dvds, cuequiunhas de couro, etc... rsrsrsrs

15/06/09


Eu concordo com o Cris:
Eu concordo com ele que música secular é do diabo. Por isso só ouço música circular. E aproveitando o mercado gospel que está navegando por estas bandas:
<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=16296210784041444522&aid=1226546455>
Money! Help-me!

15/06/09



Fernando
O mercado gospel tem sido mto atrativo (R\$) para músicos seculares que se convertem. Será que toda música gospel realmente tem uma inspiração divina. Sobe com aroma agradável às narinas do Senhor?
De uns anos para cá surgiram milhares de cantores evangélicos e grupos. Músicos seculares em baixa, meio fora da cena se convertendo e semanas depois se lançando no mercado gospel.
Até onde essa enxurrada de títulos gospel estão enquadrados naquilo que o Cris colocou como sendo a grande verdade da música ali?
O cara é daqueles que acha que o crente tem que viver numa bolha e se isolar do mundo.

15/06/09



Franco -
Fico imaginado como deve ser as pessoas do ministério desse Pr. Cris...


15/06/09

primeira | < anterior | próxima > | última

denunciar spam

responder

(FIGURA 27: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)



que tava em pecado.. huashuhasu (xD nao pude esquecer do pancadaria que roiou em blu, pipe.. huahushauhauuah.. os dois ampli fumaram.. kkk)


16/06/09

MACARRÃO

Pipe:

É verdade, realmente eu admito que peguei uma palhetinha naquele show, e tenho guardada até hoje. Mas é que o guitarrista era tão bonitinho parecia o Junior, irmão da Sandy, tinha até uma franjinha de pagodeiro!

Mas é só isso que eu tenho deles.




16/06/09

MACARRÃO

pra ser sincero, eu não faço essa compartimentação tipo "MÚSICA SECULAR vs MÚSICA EVANGÉLICA", da mesma forma que é precipitado dizer que a diferença entre ímpio e justo é simplesmente se ele vai ou não a uma igreja, e se é evangélica ou não... os critérios de Deus são outros... (PV 21).

Quanto à música especificamente, é impossível encaixotá-la dentro dos limites da religião, a música nasceu pra ser música, ela não respeita fronteiras, nem crenças, música é música... Mas o assunto é inspiração, se vem do demo, se contamina, se o cara que escreveu não é crente, se não é 4 vezes santo como eu... sinceramente eu não acredito que essas coisas aconteçam assim de fora pra dentro, a sua consciência em Deus deve estar arraigada dentro de você, não é o que vc ouve que vai tirar isso... Jesus mesmo foi categórico ao dizer que o que contamina o homem não é o que entra, mas o que sai dele. Toda podridão já tá dentro de nós, o que nos salva do velho homem, de viver a mediocridade de uma vida egoísta, é Jesus somente, ele nos dá uma nova consciência baseada em amar ao próximo como a nós mesmos!

1ª Co 2.14,15 diz que o homem carnal compreende somente as coisas da carne, mas o homem espiritual discerne não apenas música evangélica, mas discerne todas as coisas!!! Ou seja, o homem espiritual é aquele que consegue pensar e extrair proveito de TODAS AS COISAS, que consegue ver um filme e aprender, ouvir uma música, ir ao teatro, ler um livro... ainda que seja escrito por um ateu, mas o homem espiritual consegue discernir e ver Deus em Tudo, porque d'Ele, por Ele e para Ele são TODAS AS COISAS!!!



16/06/09

Inativo

Macarrão, snif snif.. Você me comoveu.. Vim às lágrimas aqui com seu post..

😊

Mas é por aí mesmo que também acredito. Um dos pilares da Reforma Protestante é o Sola Gratia, somente a graça. Somos salvos por Graça, nos relacionamos com Deus por Graça, recebemos as coisas do nosso Senhor pela graça. Se nos santificamos, é pela graça também. Não nos santificamos para sermos salvos, mas por gratidão pela salvação que Jesus operou em nós. Quando reconhecemos que a salvação é somente através de Jesus, que nos dá de GRAÇA, então lemos as Escrituras e aprendemos que santificação é evitar o pecado, que é a prostituição, a idolatria, a lascívia, a arrogância, a avareza, a feitiçaria (inclusive a feitiçaria gospel das "campanhas", óleos e águas ungidas, etc..), o ódio, a inimizade, a crueldade, a frieza de coração.. Enfim, pecado é a falta de amor, seja por Deus (o

(FIGURA 28: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)

"Não é pq eu naum concordo com as idéias do cara é que eu vou deixar de ouvir a musik dele..."

Franco não falei isto porcausa que vc disse que ia excluir, falei de modo geral... 😊
Pq tem muita gente q quando se converte queima tudo quanto é cd tb. Não sabia até q ponto vc tava zuando dai aproveitei e colokei. Mas se era zuera susse...haha

E ae Macarrão realmente eu ja sabia q o Cris acha q mosh não é de Deus...=/ Um dia eu tb achei...hoje jah naum vejo assim... fikei triste em ler este tristemunho q vc colocou ae... O Cris tem muito o q aprender ainda (como todos nós), espero q ele tenha humildade e mude.

ah e Braian curti o q vc escreveu ae... tb concordo com vc vei, mas sei lah tenho visto muita critica aki e nunk vi ninguém da golgota se levantando em meio aos crentes pra tentar mudar isto, talvez pq eu conheça pouco ainda sobre vcs, espero q vcs tomem atitudes ou pelo menos orem pra q alguma coisa mude, pq só de discurso, todo mundo já ta cheio.

Pipe
Se é uma postura da igreja a qual o Chris pastoreia não assistir também televisão e filmes seculares, inclusive não ir no cinema, dou até um descontinho pra ele.

Agora, se os caras não houvem música secular, mas vão na locadora pegar um filminho secular, mesmo que seja "Um amor para recordar", estão coando mosquito e engulindo camelo. E não adianta depois cantar um louvorzinho. Se você foi e locou consciente que aquele filme tem músicas seculares, pecou 2x. Primeiro porque assistiu um filme secular e segundo porque o fez sem fé. Pois tudo aquilo que é feito sem fé é pecado!

Vamo que vamo!

TE VEJO EM BREVE
O pior de tudo é que esses caras esquecem do pecado da gula, porque olha o tamanho deles!

MACARRÃO
Alguém aqui já assistiu "UM AMOR PARA RECORDAR"??
É lindoooooooo!!!

Brunoo
so parei pra ler agora o bagueio do cara ali e vi ele falando que era pecado e ao mesmo tempo nao era ??
mymplikacmofas?

Algumas respostas nesta página foram excluídas ou estão sob revisão.

primeira | < anterior | próxima > | última

(FIGURA 29: PRINTSCREEN DO TÓPICO SOBRE “MERCADO GOSPEL” NA COMUNIDADE DO ORKUT)

<http://www.orkut.com.br/main#community.aspx?cmid=84263&cid=5323358624756823368>

isto ninguém da moral...
mas quando eu toco no assunto gospel o povo já aparece aki
mas ok...não vou tokar mas no assunto.

28/05/09

Franco -
André, realmente existem poucas coisas boas no meio gospel...
Mas são muito poucas mesmo...

28/05/09

TE VEJO EM BREVE
Acho que vou no show dos Jonas brothers se não fizer frio
KKKKKKKKKK

28/05/09

★ Su
André
Pare de falar em gospel, gospel, gospel, gospel, gospel.
Cristo não é só "gospel".
Amor não é só "gospel".
Chega de rótulos.
Vamos levar a Palavra para quem precisa ouvi-la, para prostitutas, moradores de rua, dependentes químicos, etc.
Vamos nos preocupar com questões teológicas, com irmãos que estão em "crise existencial", com pessoas que estão saindo da igreja...
e com os mórmons que batizam Mortos!!! rsrsrs
Ao invés de perder tempo dizendo qual gospel é bom ou qual gospel é ruim e etc, etc.
Isso já está ficando chato. Ninguém mais suporta esse papo. E vou te dizer uma coisa: se você não parar, vão de zoar até você não aguentar mais. Ou te ignorar...

28/05/09

† MAYA †
Vixi

primeira | < anterior | próxima > | última

responder

denunciar spam

« voltar aos tópicos

Não é preciso mais exemplos para ilustrar a forma como os golgotanos (principalmente os diretamente envolvidos com a música) encaram a idéia de gospel. Apesar de muitos deles não se mostrarem cientes de que o gospel seria um movimento cultural que abarca elementos extra-música, outros, no entanto, demonstram verdadeira repulsa a esse “sistema”. Termos como “baboseira gospel”, “picaretas gospel”, “manipulação”, “comércio”, “crentaiada”, “idolatria” são termos usados com ironia para se referir ao movimento do qual pretendem combater.

Independente se esse combate é feito ou não, e se a noção correta de “gospel” existe na mente dessas pessoas, o que quero chamar atenção é para a forma como esse público underground – e não apenas os golgotanos mas todos roqueiros/ *headbangers* que pretendem fazer um som muito mais agressivo do que o “gospel” permitiria – se coloca frente a um movimento que poderia se chamar de “*mainstream*”. A massa. A venda. O reconhecimento. A fama. Carreira. Contratos.

O *underground* é uma prática comum a diversos grupos urbanos. No caso do *Heavy Metal*, a socióloga norte-americana Deena Weinstein (2000) nos diz que foram duas formas diferentes em que o *Heavy Metal* se cristalizou a partir do final dos anos 80: um “*mainstream*”, mais comercial, e outro “*underground*”. Leonardo Campoy (já citado no primeiro capítulo) em seus estudos sobre o *underground* do metal extremo brasileiro afirma que

um dos argumentos internos mais utilizados para se referir ao underground é sua caracterização como algo oposto ao que seus praticantes definem como mainstream. Basicamente, a idéia é a seguinte: o Black metal não quer veicular suas músicas na ‘grande mídia’, nas rádios e canais de TVs ‘mais assistidos’, nas revistas de ‘grande circulação’, fazer suas apresentações em casas de shows de ‘grande porte’. Enfim, não pretende circular sua produção pelos canais de comunicação que, como dizem, ‘todo mundo tem acesso’. (2008)

Justamente por essa produção literalmente “por baixo do chão” (não se manifestando nos meios de comunicação populares) que os autores se recusam a arriscar uma definição exata de underground. O que se sabe é que se trata de uma prática específica (de acordo com cada grupo) de produção, distribuição e veiculação de um material. Num meio underground, bandas do circuito urbano (no nosso caso Curitiba e região) têm formas específicas de produzir, fazer circular e propagar determinado objeto, por exemplo um evento ou um lançamento de álbum. Não se trata de grandes estúdios com grandes aparatos tecnológicos;

nem de “gastar” dinheiro com a veiculação em uma revista que os rockeiros não se interessam, muito menos em uma “distribuição” em escala nacional. Através de relações sociais entre os próprios headbangers (e rockeiros de forma geral) curitibanos (ou paranaenses se for o caso) os contatos se dão. Um mini-estúdio de gravação, alguém que saiba produzir e dirigir um álbum, um zine, alguém capaz de criar um anúncio, um dono de uma casa de show de rock em algum local “escondido” da cidade, sites variados, e por aí vai, sem distinção dos responsáveis por cada tarefa, como seria numa produção super profissionalizada. A rede que alimenta o *underground* é uma rede “amadora”, mas esse é um amadorismo proposital.

O que pretendo esclarecer com essa inserção do assunto do *underground* na análise é o sentido da elaboração desta identidade dúbia.

A pergunta levantada anteriormente tem uma resposta: a idéia de gospel está diretamente ligada à idéia do “crente” clichê, “cafona”. Esta rotulação é um dos principais motivos pelos quais os golgotanos fogem e negam. Não há interesse algum em se parecer com uma igreja, nem com evangélicos ditos “bitolados” (como muitas vezes ouvi).

O que se pretende?

No caso dos golgotanos, se penetrar no meio do circuito do *rock* na cidade de Curitiba.

Para quê?

Levar, ainda que indiretamente, e de alguma forma, Deus.

Como?

Através de sua música, sua forma de ser e pensar a religiosidade.

O que acontece é que há certa contradição entre o discurso e a prática, ou o sentido mais abrangente dela. Ao mesmo tempo em que o asco em relação ao gospel (e práticas neopentecostais) existe entre os golgotanos, está claro, de acordo com tudo o que foi levantado, que a *Comunidade Gólgota* é fruto dessa fase religiosa contemporânea que configura o movimento gospel. A forma como se deu sua fundação, como articulam sua identidade frente a suas estratégias de evangelização, seus diferenciais em relação às “formas de louvar” e etc, mostram que essa comunidade, apesar de se auto intitular “alternativa” (um atendimento sob medida aos *headbangers* que não se encaixam em qualquer igreja) possui em seu germe toda a carga histórica e cultural de um momento de “desapegos” à uma tradição protestante. A forma como ocorre esse “desapego” é que difere uma igreja de outra. Cunha (ibid) afirma que esse desapego:

Não parece ser uma rendição ao mundo, ou deixar que o mundo entre na igreja, mas um processo de sacralização de elementos profanos.

Assim, quando esta autora escreve sobre o carnaval – dizendo que ele sempre foi abominado pelas igrejas protestantes históricas, mas que a partir dos anos 90 ele passa a ser uma oportunidade a mais para se pregar o Evangelho – ela ilustra muito bem o que se poderia chamar de “lógica golgotana”: esses evangélicos, a fim de pregar a Palavra dentro do carnaval, criaram blocos de samba evangélicos para circular entre os não-convertidos, ou blocos seculares. Não é exatamente o que os golgotanos pretendem fazer com sua música? Não pretendem ser, assim como os artistas gospel, mediadores do sagrado e mensageiros de Deus?

Permanece uma questão para pensar: sacralizando o secular ou secularizando o sagrado, seria possível afirmar que o objetivo fundamental é a pregação da “palavra de Deus”? O discurso afirma que sim, a prática é dúbia, e o mundo contemporâneo, no jogo da produção, inserção e troca através das identidades flexíveis sugere muito mais novas maneiras de encontrar nichos favoráveis à capitalização, à troca, explorando, de forma inconsciente, talvez, comportamentos, bens e idéias de como estar no mundo com as face de Jano⁸⁴.

⁸⁴ Deus Romano responsável por abrir os anos (seu nome originou o mês de Janeiro) - conhecido por sua ambivalência em possuir dois rostos contrapostos. O mito conta que, de deus dos deuses, transformou-se no deus das transições e passagens, representando a transição do passado para o futuro, de uma visão para outra – como dois rostos com duas visões, simbolizando a visão, tanto das entradas como saídas, do interior e exterior, frente e trás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com alguns autores citados no quinto capítulo deste trabalho, a secularização tem sido avaliada enquanto um processo de “enfraquecimento” da religião, “visão de mundo descentrada, profana e pluralista”. Os “túmulos de Deus”, como escreveu *Nietzsche* a respeito da Igreja Cristã, podem e devem ser vistos não como metáforas da “morte” simbólica, mas como renascimento de um novo “deus”, ou de formas sempre renovadas de culto. Neste trabalho, o termo “secularização” foi algumas vezes utilizado sem a pretensão de dar às formas religiosas contemporâneas um tom pejorativo ou “negativo”, nem também unicamente positivado, ou racionalizado, mas apenas com a intenção de indicar um traço distintivo e contemporâneo deste processo que, inclusive, é assunto “clássico” da sociologia weberiana.⁸⁵

Quando *Weber* escreveu sobre o “desencantamento do mundo” referia-se ao processo de racionalização proveniente da modernização ocidental. A esfera religiosa para *Weber*, assim como para o racionalismo iluminista em geral, era a esfera do “encantamento”, irracional, miraculoso. Com a crescente e ininterrupta ascensão do capitalismo no mundo ocidental moderno a partir da Revolução Industrial, e a tentativa de inserção de uma racionalidade na religião, bem como de uma individualização na relação com o divino, teria havido uma quebra nesta forma do encantamento, anteriormente mais coletivizado e ritualizado.⁸⁶ *Weber* afirmou que o mundo ocidental moderno seria um mundo normatizado e burocratizado, onde imperaria a razão, e por isso, ele se desencantaria, perdendo sua “magia”.

Em artigo datado de 2006, a antropóloga *Paula Monteiro* afirmou que o processo de secularização não pode ser reduzido a um movimento de simples retração do religioso – antes de tudo remete a um movimento histórico de separação jurídica de duas instâncias, o Estado e a Igreja – mas que o processo não pode resumir-se a isso na medida em que, como todos sabemos, a sectarização e proliferação das igrejas a partir do século XX foram muito intensas, com um apelo cada vez maior ao sobrenatural, e muitas vezes à prática da “magia”, como a cura milagrosa, a expulsão de demônios, a venda de objetos “com poder”, entre outras atividades. Neste sentido torna-se um argumento que reforça pesquisas como esta que

⁸⁵ WEBER, M. “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. 2a. edição. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmercsányi. São Paulo: Pioneira, 2001.

⁸⁶ Estas oposições entre o coletivo e o individual, o público e o privado são importantes para traçar suas posições no mundo religioso atual, especificamente aqueles das igrejas que fazem dos cultos um momento “espetacular”. De certa maneira, e é isso o que temos afirmado, estes momentos voltam a ser altamente coletivizados (até mesmo em redes sociais, vídeos, televisão e rádio) e ritualizados. E, ao mesmo tempo, constituem-se em um grande investimento na produção de identidades (supostamente) individualizadas.

empreendi entre os golgotanos, a possibilidade de novas aproximações com o campo religioso em geral, e não apenas em relação às religiões afro-brasileiras, mais comuns entre nós. Esta possibilidade é fundamental na medida em que, no caso da Igreja *Gólgota*, não se trata unicamente de um apelo forte ao sobrenatural: não se coloca como religião de cura, de imposição de mãos, de falar em línguas, de expulsão de demônios, e coisas deste gênero, mais comuns entre os pentecostais e neopentecostais. As igrejas ditas “emergentes”, que se colocam na contra-mão das lógicas doutrinárias desses grupos pentecostais tradicionais e/ou neopentecostais “estranhamente modernos” com suas aproximações aos traços afro religiosos, estão preocupadas com outras questões, como, por exemplo, o marketing religioso, baseado no seu suposto e proposto “poder” de conquistar “públicos jovens” para o “Senhor Jesus”.

Pensando como *Pierre Bourdieu*, se olharmos para esse cenário atual do campo religioso protestante brasileiro enquanto um campo de lutas – onde bens religiosos (dentro de um mercado religioso) estão em jogo – perceberemos como são imbricadas as relações de poder entre os campos político e religioso. Nas lutas (entre os agentes) pelos modos de execução dos papéis definidos por esse próprio jogo, visões são manipuladas na elaboração de estruturas de percepção do mundo, da realidade.

Isso significa dizer - pensando o *habitus* como esse jogo incorporado nas práticas, “naturalizado” - que “formatar”⁸⁷ uma prática religiosa específica é também um ato de manipulação de determinados símbolos (como os do Heavy Metal, por exemplo) como forma de criar um sistema simbólico de comunicação, de “dominação” no sentido de “tornar legítima” essa “mágica” conjunção entre texto/técnica/discurso. Esta “tríade” se poderia dizer, constitui-se no processo mimético de representação religiosa: o texto bíblico como intertextualidade, base da referência religiosa, a técnica (musical e performática) como ato ritual, e o discurso, enquanto proselitismo, base da criação desta identidade religiosa “golgotana”. Esse caráter prático das religiosidades contemporâneas é o que torna porosa essa conjunção entre o religioso e o político, segundo *Bourdieu*,

Voltando ao “desencantamento do mundo”, conforme *Weber*, esse “retorno” do sagrado, da magia e da pluralidade de religiões poderia ser pensado, realmente, como um “re-encantamento” do mundo, tendo como referência a presença do “sobrenatural”, mas um “sobrenatural” qualitativamente diferenciado em função das determinações políticas, econômicas e sociais do presente. Embora o paradigma weberiano da secularização seja incontestável, e tenha produzido trabalhos muito importantes para a sociologia da religião, o

⁸⁷ Aqui me remeto à liberdade de criação (formatação) dos emergentes da estrutura da igreja, do culto – até mesmo da própria doutrina.

que considero relevante neste trabalho sobre os golgotanos é a possibilidade de visualizar, nas emergências religiosas contemporâneas, a mistura entre racionalidade e magia, e, talvez, até um pouco mais: racionalidade, estratégia e mercado religioso. Aqui estou usando o termo “magia” no sentido atribuído pela própria *Paula Montero*: haveria uma fonte comum da religião e da magia, que é o maná, e ele designaria fundamentalmente, uma ação, sendo também uma substância.⁸⁸ Neste sentido é que podemos atribuir uma qualidade “mágica” às performances golgotanas, mas com uma determinação bem diferente, baseada, estamos supondo, nas qualidades musicais desta prática, e nas determinações do mercado religioso e juvenil.

Portanto, quando me refiro à relação entre racionalidade e mercado religioso enfatizo a estratégia proselitista calculada, a adequação das formas de culto a este mercado religioso, e, ao aparecimento de um segmento de crentes que “pensam sobre” sua religiosidade (no sentido de formular e reformular sua doutrina) – quando falo de magia me refiro à experiência religiosa, mais viva do que nunca e mediada por inúmeros agentes.

Enquanto os headbangers cristãos se organizam estrategicamente para se inserir num determinado campo, nesse caso o secular, o mesmo acontece com a igreja que precisa alcançar um público que ainda não foi alcançado e oferecer uma fé que ainda não foi ofertada. Parece cruel dizer que a *Comunidade Gólgota* compete (a favor do “ímpio”) na terra como compete no plano espiritual – mas se pensarmos a fé como produto que deve ser vendido a um determinado público, é desnecessário dizer que esse deve ser o mais atrativo possível para que atenda a esse perfil peculiar. Não pretendo fazer uma leitura insultuosa sobre o proselitismo emergente, mas apontar para esse “sagrado secularizado” como um produto que pode (e continuará sendo) remodelado e renovado inúmeras vezes, pois se ele faz efeito, ele é incorporado.

Confesso que em muitos momentos tendi à uma visão ingênua que alguns pesquisadores têm do crente contemporâneo como “vítima” da modernidade, ou ainda como desajustados diante de tantas ofertas religiosas. O fato é que não se pode mais olhar para esse crente como um mero figurante, “passivo”, desse espetáculo. Vendo por minhas percepções de campo, a mesma noção que construí a respeito da separação entre o sagrado e o profano na religiosidade e práticas golgotanas durante minhas leituras e escrita – algo comparado a um “barco a vela”, onde o vento conduz de acordo com a conveniência – é também a noção do

⁸⁸ Montero, Paula (1986) *Magia e Pensamento Mágico*. São Paulo, Editora Ática.

próprio nativo. Mas é importante dizer que esse jogo, que é consciente e racionalizado, não deixa de ser experienciado cotidianamente com o *frenesi* (mágico) do Pentecostes.

O “espetáculo blasfêmico” dos golgotanos, como certa vez escutei dizer de uma senhora visitante da Comunidade, acaba por se tornar – tamanha dimensão emocional do ritual – crível e aceitável até para os mais conservadores. Esse cenário performático misto, dito “incoerente”, acaba por se legitimar na medida em que testemunhos de vidas transformadas por Cristo são veiculadas nos meios de comunicação, por exemplo. Novamente um exemplo de manipulação de símbolos. A internet, a televisão e o rádio não passam de instrumentos estratégicos para o marketing religioso.

O crente golgotano, ao invés de espectador da religiosidade moderna, é o próprio ator, ou ainda diretor, desta cena. Ele se molda com um único intuito de ser diferente e igual ao mesmo tempo – diferente e igual ao cristão evangélico, diferente e igual ao headbanger que ainda não conhece a Cristo.

Justamente por essas razões aqui apresentadas, as discussões classificatórias acerca dos estilos musicais em sua relação com o mundo religioso ficam aquém do seu verdadeiro caráter de “experiência”. Neste sentido, só a imersão etnográfica, guiada por referenciais teóricos atualizados, de uma antropologia interessada nas atuações culturais e cultuais, neste caso, podem oferecer. Num mundo em transformação, tudo se transforma. Inclusive os pesquisadores, seus objetos de estudo e seus referenciais teóricos. Fazer parte deste caleidoscópio nem sempre é confortável, ou, tranquilo. Fica em questão a problematização ética dos nossos trabalhos: desvendar, explicar, compreender, sem julgar.

REFERÊNCIAS

ATTALI, Jacques. **Noise: The Political Economy of Music**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 1985

AZEVEDO, Cláudia. **Subgêneros de metal no Rio de Janeiro a partir da década de 80**. Caderno de Colóquios 2004-2005. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2004.

BAKKER, Egbert. **Mimesis as Performance: Rereading Auerbach's First Chapter**. Poetics Today 20.1, 1999.

BAPTISTA, Selma. **Glossolalia: o sentido da desordem. A simbologia do som no discurso pentecostal**. Dissertação de mestrado, Unicamp. 1989.

BENJAMIN, Walter. **A doutrina das semelhanças**; In Obras Escolhidas, magia e técnica, arte e política; São Paulo, Brasiliense; 1985.

BÍBLIA sagrada. Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Barsa, 1965.

BLASS, Leila Maria da Silva; PAIS, José Machado. (orgs.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo, Annablume, 2004.

BLAZQUEZ, Gustavo. **Exercícios de apresentação: Antropologia Social, Rituais e Representações**; In "Representações: Contribuições a um debate transdisciplinar. Ciro Flamarion Cardoso, Jurandir Malerba (orgs.) – Campinas, SP; Papirus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: A Economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1987.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. – Ed, rev. e atual – São Paulo: FTD 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal**. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. **As trevas da cidade: o underground do metal extremo no Brasil**. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.

_____. **Entre música e sociedade no Black Metal brasileiro**. In GIUMBELLI, Emerson; DINIZ, Júlio Cesar Valladão; NAVES, Santuza Cambraia (orgs.). Leituras sobre música popular: reflexões sobre sonoridade e cultura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

CAMURÇA, Marcelo Ayres & TAVARES, Fátima Regina Gomes. **'Juventudes' e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica**. Numen : Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, vol.7, 2004. Disponível em
< <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/view/727>>

CARDOSO, D. S. **Guerreando em nome do Senhor: sobre o underground cristão e evangélico no Brasil, suas territorialidade e o exemplo do grupo Metanóia (RJ)**. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.

CEIA, Carlos (Org.). **Mímesis**. E-Dicionário de Temos Literários. Disponível em <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/mimesis.htm>>. Acesso em: março 2011.

COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas de Cristo e as Tribos Urbanas do Underground Evangélico**. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Orgs.). Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

CUNHA, Magali do Nas-ci-mento. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gos-pel no cená-rio religioso evangélico o Brasil**. Tese de Doutorado apresentada no curso de Ciências da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

DAWSEY, J. C. **Victor Turner e antropologia da experiência**. Cadernos de Campo (USP), São Paulo, v. 13, 2005.

_____. **Turner, Benjamin e antropologia da performance: o lugar olhado - e ouvido - das coisas**. Campos (UFPR), v. 7.2006.

_____. **Sismologia da performance: ritual, drama e play**. Revista de Antropologia, v. 50, n. 2, 2007.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche e a música**. Rio de Janeiro; Imago, 1994.

DORNELLES, Jonatas. **A aplicação do modelo ritual na análise antropológica**. Disponível em <http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/jonatas_dornelles.htm>. Acesso em fevereiro de 2010.

DOUGLAS, M.ary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JANOTTI, Junior Jeder. **Heavy Metal com Dendê: música e mídia em tempos de globalização**. Rio de Janeiro, E-papers, 2004.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil**. In: VII Reunião de Antropologia do MERCOSUL. Religião & Sociedade. vol.27, no.2, Rio de Janeiro, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

LIMA, Luis Costa. **Mímesis e modernidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 1997

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?** Artigo originalmente publicado em "Cadernos de Campo", São Paulo, ano 2, nº 2, 1992. Disponível em <http://www.n-a-u.org/Magnani.html> . Acesso julho 2010.

MARCUS, George. **Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial**; In São Paulo: Revista de Antropologia, no. 34,1991.

MARIANO, Ricardo. **Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. Editora Loyola, 2ª edição, 2005.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Secularizacion, desencanto e reencantamiento massmediático**. In: Diálogos de La Comunicacion. Lima,n.41,1995. Disponível em: http://www.infoamerica.org/articulos/m/martin_barbero.htm Acesso em fevereiro de 2011.

MEISTER, Mauro Fernando. **Igreja Emergente, a Igreja do Pós-Modernismo? Uma avaliação Provisória**. São Paulo, Makenzie, Volume XI, Nº1, 2006.

MONTEIRO, Paula. **Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil**. Novos Estudos. 74. São Paulo: CEBRAP, 2006.

_____. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

PINHEIRO, Márcia Leitão. **Música, religião e cor: uma leitura da produção de black music gospel**. Revista Religião e Sociedade., vol.27, n.2, 2007. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872007000200008>> . Acesso em outubro de 2010.

PINTO, Flávia Slompo. **Radicalmente Santos: o rock 'n'roll e o underground na produção da pertença religiosa entre jovens**. In: III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridos, 2009, Campo Grande - MS. 2009.

PUETZ, Michelle. **Mimesis**. 2002. Disponível em <<http://csmt.uchicago.edu/glossary2004/mimesis.htm>>. Acesso em janeiro de 2011.

REVISTA ÉPOCA. **A nova reforma protestante**. Edição 9 de agosto de 2010

SANCHIS, Pierre. **O campo religioso contemporâneo no Brasil**. In. Oro, Ari Pedro e Steil, Alberto (orgs.). Globalização e religião. 2ª Edição Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** (tradução: Dandara) O percevejo – Estudos da performance. Revista de Teatro, crítica e estética, Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, 2003.

_____. **Performance Studies, an introduction.** London: Routledge, 2002.

TAUSSIG, Michael. **Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses.** New York: Routledge, 1993.

TUNER, Victor. **Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu.** Niterói: EdUFF, 2005.

_____. **O processo ritual.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

VELHO, G. **Biografia, trajetória e mediação;** In Mediação, Cultura e Política, (org. Gilberto Velho e Karina Kuschner. Aeroplano Edit., Rio de Janeiro, 2001.

WALSER, Robert. **Running with the devil: power, gender and madness in Heavy Metal music.** Hannover/London: Wesleyan University Press, 1993.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** 2a. edição. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmercsányi. São Paulo: Pioneira, 2001.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: the Music and its Culture.** Cambridge: Da Capo Press, 2000.

WHIPLASH, disponível em ><http://whiplash.net/><. Acesso em novembro de 2010.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. **Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização.** Revista Brasileira de Ciência Sociais, vol.25, no.73. 2010.

Documentários

Dunn, Sam. (2005) **“Metal: A Headbanger's Journey”**, Canadá, 2005.

_____. **“Global Metal”**; Canadá, 2008.